

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO:

Uma análise contrastiva entre o português e o italiano

JULIANA ESPOSITO MARINS

2009

O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO:

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Uma análise contrastiva entre o português e o italiano

Juliana Esposito Marins

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Orientadora: Profa. Doutora Maria Eugenia Lamoglia Duarte

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2009

O Parâmetro do Sujeito Nulo:
Uma análise contrastiva entre o português e o italiano

Juliana Esposito Marins

Orientadora: Profa. Dra. Maria Eugenia Lamoglia Duarte

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinada por:

Presidente, Profa. Dra. Maria Eugenia Lamoglia Duarte (Letras Vernáculas/UFRJ)

Profa. Dra. Silvia Regina de Oliveira Cavalcante (Letras Vernáculas/UFRJ)

Profa. Dra. Claudia Fátima Moraes Martins (Letras Neolatinas/UFRJ)

Prof. Dra. Maria Lúcia Leitão de Almeida (Letras Vernáculas/UFRJ) - suplente

Profa. Dra. Annita Gullo (Letras Neolatinas/UFRJ) - suplente

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2009

Marins, Juliana Esposito

O Parâmetro do Sujeito Nulo: uma análise contrastiva entre o português e o italiano / Juliana Esposito Marins. Rio de Janeiro: UFRJ - FL, 2009.

xii, 111f.: il.; 31 cm.

Orientador: Maria Eugenia Lamoglia Duarte

Dissertação (mestrado) - UFRJ / Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas, 2009.

Referências Bibliográficas: f. 104 - 111.

1. O Parâmetro do Sujeito Nulo. 2. A representação do sujeito pronominal no italiano. 3. A representação do sujeito pronominal no português brasileiro no contexto das línguas românicas. I. Duarte, Maria Eugenia Lamoglia. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Pós-graduação em Letras Vernáculas. III. Título.

MARINS, Juliana Esposito. *O parâmetro do sujeito nulo: uma análise contrastiva entre o português e o italiano*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa - curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2009. 90 p.

RESUMO

Tendo em vista a associação entre pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros e da Teoria da Variação e Mudança, investiga-se o comportamento do sujeito pronominal no italiano *standard*. Para a realização desse estudo, utilizou-se uma amostra de fala espontânea, retirada do C-ORAL-ROM. Segundo a hipótese de que línguas que apresentam um paradigma flexional verbal funcionalmente rico licenciam o apagamento do sujeito (Roberts, 1993), esperava-se que o italiano exibisse propriedades prototípicas de línguas de sujeito nulo, exatamente como afirmam os estudos teóricos gerativistas. Esperava-se ainda que a expressão do sujeito nessa língua estivesse ligada aos contextos de contraste e desambigüização. Os resultados mostram que há, no italiano, uma preferência pelo apagamento do sujeito em todos os contextos em que o português brasileiro (PB) tende a realizar foneticamente a posição. A expressão do sujeito em italiano restringiu-se, na amostra analisada, a sentenças contrastivas. A comparação desses resultados com aqueles obtidos para o espanhol (Soares da Silva, 2006), português europeu (PE) e PB (Duarte, 1993, 1995, 2003) permite afirmar que italiano, espanhol e PE guardam mais semelhanças que diferenças no que se refere à representação do sujeito pronominal, enquanto o PB vem gradualmente se afastando do comportamento dessas outras línguas, o que evidencia o processo de mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo pelo qual vem passando o PB.

Palavras-chave:

1. Parâmetro do Sujeito Nulo. 2. Teoria de Princípios e Parâmetros. 3. Sociolinguística Variacionista. 4. Italiano sub-*standard* médio. 5. Sujeito nulo.

MARINS, Juliana Esposito. *O parâmetro do sujeito nulo: uma análise contrastiva entre o português e o italiano*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa - curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2009. 90 p.

ABSTRACT

Bearing in mind the association between the principles of the Theory of Principles and Parameters and the Theory of Variation and Change, this work investigates the representation of the pronominal subject in standard Italian. To achieve this purpose, it was used a sample of spontaneous speech of the C-ORAL-ROM. Based on the hypothesis in which languages that have a functionally rich inflectional verb paradigm allow the deletion of subject (Roberts, 1993), it was expected that Italian showed prototypical properties of null subject languages, ratifying the theory of generative studies. Moreover, it was expected that the representation of subject in this language would be linked to contexts of contrast and non ambiguity. Results show that, in Italian, there is preference for the deletion of subject in all contexts in which Brazilian Portuguese (BP) shows the preference for the full subject. The representation of subject in Italian is restricted, in the analyzed sample, to contrastive sentences. The comparison between the results of this work and the ones found for Spanish (Soares da Silva, 2006), for European Portuguese (EP) and for BP (Duarte, 1993, 1995, 2003) makes it possible to affirm, in one hand, that Italian, Spanish and EP have more similarities than differences in relation to the representation of pronominal subject. On the other hand, BP has gradually turned away from the characteristics of these languages, which shows the process of change in BP in relation to the Null Subject Parameter.

O fazer científico é fruto da confluência dos esforços daqueles que o exercem de fato e dos que dele se beneficiam. A essas pessoas, dedico este trabalho.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não poderia ter sido concluído sem o esforço de algumas pessoas, por quem tenho profundo respeito e a quem gostaria de prestar uma pequena homenagem.

Primeiramente, sou grata a minha orientadora, Prof^a. Dr^a. Maria Eugênia Lamoglia Duarte, por ter sido muito mais que orientadora, por ter segurado a minha mão, há seis anos, e me trazido até aqui.

Ao meu querido irmão Humberto Soares da Silva, agradeço pela “co-orientação”, pela inspiração, por ter compartilhado comigo momentos tensos e felizes na pós-graduação, por ter me ouvido sempre que preciso, por sustentar as minhas intuições.

Aos “companheiros-irmãos” de pesquisa, Danielle de Rezende e Fernando Pimentel, agradeço toda força, todo apoio, toda consideração e toda paciência.

Aos queridos amigos Ana Ferreira Adão, Márcio Guimarães, Leonardo Lennertz, Juliana Cassidy e Vanessa Winter, agradeço por terem estado sempre por perto de alguma forma, na graduação ou na pós-graduação, e mais, na minha vida.

À Diogo Pinheiro - o maior entusiasta - agradeço por ter me feito entrar no Mestrado (através das aulas pelo telefone), por me fazer pensar o tempo todo, por acreditar em mim mais que eu mesma.

A Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Leitão, agradeço por todo o apoio e por todo o crédito.

Por fim, serei sempre grata ao meu pai, porque só nós dois sabíamos que isso tudo ia doer muito, mas também sabíamos que ia dar certo. Enfim, deu certo.

Trabalho parcialmente financiado pelo **CNPq**

ÍNDICE DE GRÁFICOS, TABELAS E FIGURAS

TABELAS

TABELA 1: Distribuição de sujeitos nulos por pessoa gramatical no PE	32
TABELA 2: Percentual de sujeitos nulos pelas pessoas gramaticais no espanhol de Madrid.....	34
TABELA 3: Pronomes sujeito no italiano <i>standard</i>	42
TABELA 4: Pronomes complemento no italiano <i>standard</i>	42
TABELA 5: Paradigma pronominal simplificado da fala culta do italiano	44
TABELA 6: Quadro de oposições na morfologia verbal do italiano (presente do indicativo).....	45
TABELA 7: Paradigma de conjugação do presente e imperfeito do <i>congiuntivo</i>	45
TABELA 8: Distribuição dos informantes por gênero e faixa etária	60
TABELA 9: Quadro pronominal do italiano	63
TABELA 10: Desinências número pessoais no italiano	64
TABELA 11: Distribuição dos sujeitos categoricamente plenos para a expressão de ênfase ou contraste, segundo a posição	76
TABELA 12: Distribuição de sujeitos nulos vs. plenos pelas línguas românicas	79
TABELA 13: Distribuição de sujeitos nulos e plenos pelo traço semântico do referente	91
TABELA 14: Sujeitos pronominais nulos com traço [+ animado] nas variedades românicas	92
TABELA 15: Distribuição de nulos por pessoa gramatical singular e plural	93
TABELA 16: Distribuição de nulos por pessoa gramatical	94
TABELA 17: Distribuição de sujeitos nulos pelos padrões sentenciais	95
TABELA 18: Distribuição de sujeitos nulos pelas faixas etárias	97
TABELA 19: Distribuição de sujeitos nulos: declarativas vs. interrogativas	98

GRÁFICOS

GRÁFICO 1: Sujeito nulo nas peças teatrais dos séc. XIX e XX	29
GRÁFICO 2: Resultado geral - sujeitos nulos vs. plenos - italiano	79
GRÁFICO 3: Distribuição de sujeitos plenos segundo a função discursiva	81

FIGURAS

FIGURA 1: Escala contínua para o parâmetro do sujeito nulo 36

FIGURA 2: Escala contínua quanto ao caráter [+/- *pro drop*] das línguas - inclusão do italiano 99

FIGURA 3: Escala contínua quanto ao caráter [+/- *pro drop*] das línguas - inclusão do italiano..... 103

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - TEMAS E METAS

AS PARTES CONSTITUTIVAS DO TRABALHO	14
---	----

CAPÍTULO 1 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A TEORIA GERATIVA E A SOCIOLINGÜÍSTICA	17
--	----

1.1 - GERATIVISMO: LINGUAGEM COMO APARATO MENTAL	17
--	----

1.1.1 - A Gramática Universal	18
-------------------------------------	----

1.1.2 - A teoria de Princípios e Parâmetros (TPP)	19
---	----

1.1.3 - O Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN)	20
---	----

1.2 - A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA	24
--	----

DEPOIS DO CASAMENTO, OS FILHOS, OS NETOS	27
--	----

CAPÍTULO 2 - PONTOS DE PARTIDA	28
--------------------------------------	----

2.1 - O PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM SISTEMA EM MUDANÇA	28
---	----

2.1.1 - A mudança na marcação do PSN no PB: a perspectiva diacrônica	28
--	----

2.1.2 - Sintomas da mudança na fala do PB: a perspectiva sincrônica	30
---	----

2.1.3 - O confronto entre PB e PE	32
---	----

2.2 - O QUE NOS DIZ O ESPANHOL?	34
---------------------------------------	----

2.3 - A LÍNGUA ITALIANA: O QUE HÁ ENTRE O <i>STANDARD</i> E OS DIALETOS?	37
--	----

2.3.1 - Do latim aos romances da península itálica: um breve histórico	37
--	----

2.3.2 - A língua de Florença como modelo	37
--	----

2.3.3 - A língua real: as várias nuances do italiano contemporâneo	39
--	----

2.3.4 - O italiano <i>standard</i> hoje: as alterações na norma quanto ao sistema pronominal	42
--	----

2.3.5 - O sujeito pronominal no italiano: a visão normativa e o uso real	44
--	----

2.3.5.1 - A obrigatoriedade da segunda pessoa no presente do subjuntivo	47
---	----

2.3.5.2 - Os sujeitos clíticos nos dialetos setentrionais: a interpretação de Rizzi	48
2.3.6 - Evidências empíricas sobre o sujeito pronominal no italiano: o contraste com o PB	50
2.3.6.1 - As diferenças entre o sujeito pleno em PB e italiano	50
2.3.6.2 - O sujeito pronominal na escrita oralizada do italiano: analisando quadrinhos	53
RESUMINDO.....	55
CAPÍTULO 3 - OBJETIVOS, HIPÓTESES DE TRABALHO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	57
3.1 - AS METAS: PROCURANDO RESPOSTAS	57
3.2 - A COLETA DE DADOS	59
3.3 - METODOLOGIA DE ANÁLISE	61
3.4 - OS GRUPOS DE FATORES	62
3.4.1 - A variável dependente	62
3.4.2 - As variáveis independentes	62
3.4.2.1 - A posição do sujeito	62
3.4.2.2 - A pessoa gramatical	63
3.4.2.3 - O tipo de desinência número-pessoal do verbo	63
3.4.2.4 - O tempo e o modo verbais	64
3.4.2.5 - A transitividade verbal	65
3.4.2.6 - A estrutura do sintagma complementador (CP)	65
3.4.2.7 - Os elementos adjuntos ao sintagma flexional (IP)	67
3.4.2.8 - Elementos entre o especificador do IP e I	68
3.4.2.9 - A função sintática da oração	69
3.4.2.10 - A força ilocucionária da oração	70
3.4.2.11 - As condições de referência ou padrões sentenciais	70
3.4.2.12 - O traço semântico do sujeito	72
3.3.2.13. - Faixa etária do informante	72
OS PRÓXIMOS PASSOS	73

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS RESULTADOS

A COMPARAÇÃO COM O PORTUGUÊS E COM O ESPANHOL	74
4.1 - RESULTADOS GERAIS	74
4.1.1 Sujeitos categoricamente plenos: contraste e ênfase	74
4.1.2 - Sujeitos nulos vs. plenos	79
4.1.3 - Os sujeitos plenos no italiano	80
4.1.4 - Resquícios dialetais: o caso dos “clíticos sujeitos”	86
4.1.5 - A desinência número-pessoal do verbo: o problema da ambigüidade	87
4.1.6 - A animacidade do referente do pronome de terceira pessoa	91
4.2 - A ANÁLISE DE REGRA VARIÁVEL	92
4.2.1 - Contextos de favorecimento do sujeito nulo: os grupos de fatores selecionados	92
4.2.1.1 - A pessoa gramatical	93
4.2.1.2 - O padrão sentencial	95
4.2.1.3 - A faixa etária do informante	96
4.2.1.4 - Força ilocucionária da oração: declarativa x interrogativa	97
POR FIM.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	104

INTRODUÇÃO

TEMAS E METAS

PARTES CONSTITUTIVAS DO TRABALHO

Os estudos sobre a representação do sujeito pronominal no Brasil vêm encontrando terreno fértil diante dos indícios de que o português brasileiro (PB) está se afastando das demais línguas românicas no que se refere à marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN). Em outros termos, o PB, ao contrário do português europeu (PE), espanhol e italiano, apresenta um comportamento que nos permite afirmar que estamos diante de uma mudança paramétrica de língua [+ *pro drop*] para língua [- *pro drop*]. Estudos recentes (Duarte 1993, 1995, 2003) mostraram que, no PB, a redução do quadro pronominal e a conseqüente redução no paradigma flexional do verbo - resultando num paradigma funcionalmente empobrecido (com apenas três oposições) nos termos de Roberts (1993) - parecem ter desencadeado tal mudança.

Se, por um lado, já contamos com evidências quantitativas e qualitativas a respeito do comportamento do PB, por outro, tais resultados tomam como referência propriedades de línguas apontadas na literatura gerativista como prototipicamente de sujeito nulo, tais como italiano e espanhol. Faltam-nos trabalhos sobre as línguas do grupo românico usando o mesmo quadro teórico-metodológico usado para os estudos sobre PB, ponto motivador das análises de Duarte (1995) para o PE e de Soares da Silva (2006) para o espanhol de Madrid e Buenos Aires. A emergência desses trabalhos abriu caminho para análises de demais línguas românicas, com o intuito de verificar como se comportam e até que ponto apresentam comportamentos semelhantes. Faz-se necessário, pois, prosseguir com a análise das outras línguas do grupo românico, como o italiano, seguindo a mesma linha teórico-metodológica.

O objetivo deste trabalho é investigar a representação do sujeito pronominal em uma variedade de italiano *standard*¹ para comparar com os resultados já obtidos para o PB e o PE e para as duas variedades do espanhol, utilizando o quadro teórico de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981) e o da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov e Herzog 1968, 2006; Labov 1994). Com isso, o trabalho fornecerá

¹ O que se convencionou chamar de italiano *standard* diz respeito ao sistema lingüístico diretamente derivado do dialeto florentino do séc. XIV, por questões político-culturais, adotado como língua nacional. No entanto, a co-ocorrência com os dialetos regionais, em última análise, gerou uma série de variedades do italiano *standard*. Trataremos mais pormenorizadamente desse tema na seção 1.3.2.

evidências sobre o comportamento de uma língua de sujeito nulo, o que permitirá enfatizar as diferenças entre esta e o PB.

Espera-se confirmar o comportamento de língua de sujeito nulo no italiano, evidenciando a proximidade que PE e do espanhol teriam com ele. A análise permitirá determinar que fatores estruturais atuam no favorecimento do preenchimento do sujeito pronominal, supondo que esta seja a forma marcada (ou menos freqüente) no sistema do italiano.

A associação de pressupostos das duas teorias mencionadas faz-se necessária, pois, apesar de não estarmos partindo da suposição de que o italiano estaria passando por um processo de mudança, acreditamos que os fatores lingüísticos que atuam mais fortemente no apagamento/na expressão do sujeito têm o mesmo peso para as duas gramáticas e nos ajudar a mensurar a “implementação” da mudança paramétrica no PB. Segundo Tarallo & Kato (1989, 2007), duas línguas não só se diferenciam através de diferentes marcações paramétricas: os autores ainda apontam para a importância de se observar a freqüência com que as propriedades relacionadas a um parâmetro se apresentam nas línguas. Embora esperemos encontrar no italiano sujeitos foneticamente realizados, cremos que a freqüência desse tipo de ocorrência será sempre inferior a de sujeitos nulos, comportamento diametralmente oposto no PB.

A análise do italiano será feita com base em amostra de língua falada, que contempla a variedade culta, extraída de Cresti & Moneglia (2005), uma publicação em DVD-Rom, que apresenta uma significativa amostra de línguas românicas européias (português, francês, italiano e espanhol) em diferentes níveis de formalidade e estão organizadas nas modalidades oral e escrita. Para garantir a comparabilidade dos nossos resultados com os obtidos para PB, PE (Duarte, 1995) e espanhol (Soares da Silva, 2006), os dados foram codificados segundo variáveis lingüísticas e sociais e submetidos ao tratamento estatístico através do pacote de programas VARBRUL (Pintzuk, 1988). Como se trata de uma amostra de uma variedade do italiano *standard*, foram encontrados alguns aspectos morfossintáticos interessantes para a análise da representação do sujeito pronominal, apesar de representarem uma parcela pouco expressiva, tendo em vista do total de dados. É o caso do sujeitos-clíticos, típicos de alguns dialetos da região centro-setentrional da Itália.

Esta Dissertação está organizada em cinco capítulos. O primeiro apresenta o quadro teórico que sustenta a análise. O segundo capítulo revisita os trabalhos que serviram de inspiração para essa Dissertação e fornecem os elementos para a comparação proposta, além de trazer um breve histórico da formação da língua italiana e sua interação com os dialetos e confrontar a visão da tradição gramatical

italiana e de autores contemporâneos sobre aspectos morfossintáticos importantes para a análise do sujeito nulo.

O terceiro capítulo refina os objetivos e as hipóteses de trabalho e, ainda, descreve a metodologia utilizada para a análise dos dados e as hipóteses que orientaram o trabalho. Os resultados obtidos para o italiano, bem como sua comparação com o que foi encontrado para PB, PE e as duas variedades do espanhol, serão apresentados no quarto capítulo. O quinto capítulo ocupa-se das conclusões a que a análise permite chegar.

CAPÍTULO I

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS A TEORIA GERATIVA E A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

1.1 GERATIVISMO: LINGUAGEM COMO APARATO MENTAL

Nesta seção, procuraremos mostrar como os estudos gerativistas ofereceram uma nova dimensão para a ciência da linguagem, através da concepção mentalista que a teoria apresenta, ou seja, a consideração de que a linguagem é um sistema de regras localizado no cérebro, em contraste com as visões estruturalista e sócio-antropológica de estudos precedentes.

Para compreender essa nova visão, é necessário ter em mente um importante pressuposto da Teoria Gerativa: apenas a espécie humana tem a capacidade de adquirir e falar uma língua, processo que ocorre naturalmente, sem que haja qualquer tipo de ensino. Com isso, podemos concluir, inescapavelmente, que o que permite a aquisição de língua pelo homem é um conjunto de propriedades cerebrais/mentais características da espécie. A admissão desse pressuposto provocou uma ruptura com os modelos anteriores, de base social, que apenas enxergavam a linguagem na sua dimensão social e não como uma capacidade natural/biológica.

Partindo dessa perspectiva, Chomsky “inaugura” a Gramática Gerativa, que busca compreender o que há no cérebro humano capaz de fazer com que o homem fale/compreenda uma língua e tenha intuições sobre ela e quais são os “saberes” gramaticais prévios que trazemos ao nascer para explicar o desenvolvimento do processo de aquisição de linguagem. Além disso, é necessário compreender como o falante acessa esses saberes em situações de uso e que outros aparatos cerebrais estão comprometidos nesse processo. Podemos notar, com isso, que não é preocupação do gerativista a língua como realização, como expressão, exterior ao falante (Língua-E), mas como sistema, como conhecimento, particular ao indivíduo (Língua-I).

Para responder a essas questões, o empreendimento gerativista lança mão de uma concepção modular da mente, segundo a qual o cérebro é constituído de módulos autônomos responsáveis por certas atividades, mas que estabelecem

“comunicação” uns com os outros, de modo que de um fenômeno mental participe mais de um módulo (Fodor 1983; Gardner 1983, 1985).

Assim, também a linguagem é entendida como um módulo cerebral autônomo, pleno de estruturas próprias de funcionamento. Com isso, é possível pensar que o indivíduo nasce com um ‘saber lingüístico’ prévio, em termos de capacidade, ao contrário do que se costumava pensar.

1.1.1 A Gramática Universal (GU)

Quando mencionamos o ‘saber lingüístico’ na seção anterior, referíamos-nos ao fato de que, se todos os seres humanos possuem os mesmos mecanismos cerebrais responsáveis pelo desenvolvimento da linguagem, é de se esperar, então, que as línguas apresentem semelhanças estruturais significativas. Em outras palavras, deve haver um instrumental biológico inerente à raça humana capaz de permitir que um bebê possa, no futuro, ter o português, o inglês, o francês ou o grego como língua materna.

Com isso, introduzimos o conceito de Gramática Universal (GU): seria como um “órgão biológico”, constituído de certos princípios rígidos comuns a toda a espécie. Isso parece dar conta das semelhanças que encontramos através de todas as línguas humanas. Como exemplo de um princípio que pertence a todas as línguas, temos o Princípio da Projeção Extendido (PPE), do inglês *Extended Projection Principle* (EPP), segundo o qual todas as línguas possuem uma posição estrutural para o sujeito.

Por outro lado, a GU também comporta outro tipo de princípio, que é flexível e que dá conta da variação entre as línguas. Chamam-se esses princípios variáveis parâmetros. Os parâmetros apresentam um comportamento binário, podendo receber uma marcação positiva ou negativa, a depender de como cada língua se comporta em relação a determinado princípio rígido. Um exemplo de parâmetro bastante estudado, ao qual subjaz o PPE, é o Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN) - que será objeto de estudo desse trabalho. Esse parâmetro, considerando que todas as línguas exibem uma posição estrutural de sujeito (um princípio rígido), dá conta da variação inter-lingüística, no tocante à realização fonética do sujeito: enquanto há línguas que licenciam o sujeito nulo, como é o caso do espanhol e do português europeu (PE), exibindo uma marcação positiva em relação a ele, outras, negativamente

marcadas em relação a esse mesmo parâmetro, apresentam a posição de sujeito preenchida lexicalmente, como ocorre no inglês e no francês.

1.1.2 A Teoria de Princípios e Parâmetros (TPP)

Nesse sentido, Chomsky (1981) elabora a Teoria de Princípios e Parâmetros, utilizando-se da idéia de que a GU é composta de princípios rígidos bem gerais, que atuam nos diferentes módulos em que a gramática é dividida. No entanto, os princípios apenas abarcam as questões comuns que estão presentes em todas as línguas naturais. Para tentar explicar a variação entre as línguas², entra em cena a noção de parâmetro, que nada mais é que um tipo de princípio flexível, que se desenvolve junto com o processo de aquisição da linguagem e que terá seu valor especificado no fim desse processo em uma de duas posições possíveis, a partir dos dados fornecidos pela comunidade de fala: o *input*.

A fixação do parâmetro em uma de duas posições se dá através do *input* a que a criança é exposta. Neste caso, como os dados primários são sempre gramaticais, ou seja, informação positiva, visto que a informação negativa, os dados agramaticais não são produzidos pelos falantes, a criança tem de decidir se fixará o parâmetro positiva ou negativamente. Segundo afirma Raposo (1992), baseando-se no Princípio do Subconjunto, segundo o qual uma língua que possua marcação negativa para o valor de um determinado parâmetro está contida em línguas que possuem marcação positiva em relação ao mesmo parâmetro, a informação negativa parece não exercer papel de relevo na marcação do parâmetro.

Tomando o PSN como exemplo, se a criança é exposta a uma língua positivamente marcada em relação a ele, ela terá contato com dados em que a posição de sujeito vem preferencialmente vazia, mas realizada foneticamente em algumas circunstâncias específicas - o que discutiremos mais adiante. Assim, podemos notar que essa criança conhece as duas marcações possíveis para o parâmetro, mas opta por usar a marcação preferencial: o sujeito nulo. Por outro lado, se uma criança é exposta a uma língua negativamente marcada em relação ao PSN, os dados do *input* que ela encontrará fornecerão evidências apenas de sujeitos

² É importante não perder de vista que estamos tratando da variação inter-lingüística. A Teoria Gerativa não se ocupa da variação intra-lingüística. Na realidade, uma variação nesse nível é considerada não como variação de uma mesma gramática, mas uma “competição” de gramáticas diferentes (Cf. Kroch, 1994).

plenos e ela só terá acesso a uma parte das possibilidades de marcação do parâmetro, ou seja, a um subconjunto.

Depois de fixado, o parâmetro entra em interação com outros princípios da GU e produz efeitos complexos. Assim, podemos entender que cada princípio se materializa na língua por meio da marcação de um parâmetro.

1.1.3 O Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN)

Como já dissemos, parâmetros são conjuntos de propriedades do sistema gramatical e têm seu valor fixado a partir da informação positiva obtida através do *input* disponível. Assim, a realização / não-realização de determinada categoria fixa o parâmetro em uma de duas posições possíveis (+ ou -). É o que acontece com a representação do sujeito. Há línguas que licenciam o apagamento do sujeito, como é o caso do PE, espanhol e italiano, e que, por isso, são positivamente marcadas em relação ao parâmetro, [+*pro drop*]. Há outras, como o inglês, em que o sujeito é uma categoria preferencialmente provida de material fonético e, por isso, negativamente marcada em relação ao parâmetro, [-*pro drop*].

Devemos notar, pois, que há aspectos, condições que outorgam a não-realização fonética do sujeito. Inicialmente, considerou-se que este fenômeno estaria ligado à riqueza morfológica do paradigma verbal. Assim, línguas como o italiano, que apresentam seis oposições no paradigma flexional do verbo, licenciariam o sujeito nulo, que seria identificado através da desinência de número e pessoa.

Contudo, Huang (1984) observa que o chinês, apesar de exibir um paradigma verbal uniforme, sem qualquer tipo de desinência, permite o apagamento e a identificação do sujeito. Dessa maneira, verificou-se que a riqueza morfológica não era a única responsável pelo licenciamento do sujeito nulo.

A partir do trabalho clássico de Huang, Jaeggli e Safir (1989) propõem que o sujeito nulo é licenciado pela uniformidade morfológica dos paradigmas verbais. Assim, tanto em línguas cujo paradigma flexional do verbo apresenta formas compostas somente pelo radical do verbo (chamadas pelos autores “não-derivadas”) quanto em línguas cujo paradigma exibe desinências de tempo, modo, número e pessoa (“derivadas”), a categoria de sujeito pode não se realizar foneticamente. No primeiro caso, o sujeito é identificado pelo tópico do discurso; no segundo, é

identificado pela morfologia verbal. É o que observamos, por um lado, no chinês, e, por outro, no italiano.

Refinando ou modificando a proposta de Jaeggli e Safir, Roberts (1993) propõe que um paradigma morfológicamente uniforme não é condição para o licenciamento e identificação do sujeito nulo. Um paradigma pode licenciar e identificar o sujeito nulo se “funcionalmente” rico, ou seja, se apresentar um número limitado de oposições. Assim, pode haver no paradigma uma desinência <∅> e um sincretismo (uma forma que designe duas pessoas gramaticais diferentes o que parece ser o caso do PE). No caso de mais de um sincretismo, a língua perderia a possibilidade de identificar um sujeito nulo. É o que se tem podido observar no PB, dada a alteração no quadro pronominal, reduzido de seis para três oposições (considerando a avançada substituição do uso de ‘nós’ pelo uso de ‘a gente’, o que leva à progressiva extinção daquele pronome, conforme Duarte, 1993, 1995, 2003).

A literatura gerativista tem associado às línguas positivamente marcadas em relação ao PSN ([+*pro drop*]) um conjunto de características que as diferenciam das línguas negativamente marcadas em relação parâmetro, as línguas [-*pro drop*]. Abaixo, apresentamos as propriedades das línguas de sujeito nulo, segundo Chomsky (1981, 1982:240), com exemplos do italiano em (a), retirados do mesmo autor, seguidos das sentenças gramaticais correspondentes em inglês, em (b):

I. Sujeito pronominal nulo:

- (a) _____{cv} Ho trovato il libro.
- (b) I found the book.

II. Inversão “livre” de sentenças simples:

- (a) L’ha mangiato Giovanni.
- (b) Giovanni ate it.

III. Movimento longo de *qu*-sujeito:

- (a) L’uomo_i [che_i mi domando [chi _____i abbia visto]]
- (b) The man x such [that I wonder [who he saw]]

IV. Pronomes resumptivos vazios em orações encaixadas:

- (a) Ecco la ragazza_i [che_i mi domando [chi crede [che _____i possa SV]]]
- (b) This is the girl [who I wonder that [who thinks [that she may SV]]]

V. Aparente violação do filtro *[that-t] (leia-se “that-trace” = “que-vestígio”):

- (a) Chi_i credi [che _____i partirà]
- (b) Who do you think [(that) will leave]

Em uma língua como o inglês, por exemplo, observamos características diametralmente opostas às apresentadas acima para o italiano. Por isso, sentenças como as ilustradas em (b) devem apresentar um sujeito foneticamente realizado, sob pena de se tornarem agramaticais. Para Chomsky (1981, 1982) e Rizzi (1988:15), em línguas prototipicamente [+*pro drop*], o sujeito nulo não é uma verdadeira opção. É na verdade uma forma “default”, ou seja, o sujeito só é expresso se houver uma “segunda ordem”, um comando que leve o falante a realizá-lo. Isso pode ser motivado para a expressão de ênfase, contraste ou ainda desfazer ambigüidades. Assim, os sujeitos nulos e expressos estariam em distribuição complementar em LSNs. Esta complementaridade, na prática, não se dá de forma categórica, como se verá neste trabalho, mas não invalida a hipótese de que o sujeito nulo é a forma não marcada (em termos de freqüência) nas LSNs.

Por outro lado, estudos vêm mostrando que o PB apresenta um comportamento diverso em comparação a línguas de sujeito nulo no que se refere às propriedades elencadas acima. As sentenças representadas abaixo em (1) - (5), muito freqüentes no PB, ilustram o comportamento dessa variedade do português para cada propriedade:

- (1) Eu encontrei o livro
- (2) O Giovanni comeu isso/ O Giovanni que comeu isso / Foi o Giovanni que comeu isso.
- (3) O homem_i que_i me eu pergunto quem ele_i teria visto
- (4) Eis a moça_i que_i eu me pergunto quem acredita que ela_i tenha
- (5) Quem_i você acredita que _____i vai embora / *Quem_i você acredita que ele_i vai embora

No que diz respeito ao exemplo em (1), Duarte (1995)³ mostra que, no tocante aos sujeitos referenciais, o PB mostra larga preferência pelo preenchimento da posição de sujeito, nas três pessoas gramaticais, mesmo naquelas em que a flexão poderia garantir a interpretação do sujeito nulo, como é o caso da primeira pessoa. Esse fato reforça a proposta de Roberts (1993), acima mencionada: a redução no paradigma flexional do verbo ultrapassou o limite de oposições e levou à perda da capacidade de licenciar/identificar o sujeito nulo, ou seja, não há uma compensação funcional que corresponderia a uma relação de implicação traduzida como: desinência distintiva - sujeito nulo/desinência não-distintiva - sujeito expreso.

Quanto à inversão “livre”, o PB parece também ter perdido essa propriedade para verbos transitivos (Lira, 1986; Berlinck, 1989; Coelho, 2000 entre outros), em que se verifica a preferência pela ordem SVO, como ilustrado em (2). Em construções com verbos inacusativos, a ordem VS ainda aparece com força, apesar de, freqüentemente, estar associada à presença de elementos, sobretudo circunstanciais, na posição pré-verbal (Spanó, 2003; Santos, 2008), o que nos leva a uma ordem XVS. Essa parece ser uma evidência de que o PB rejeita verbo em primeira posição, seja com pronome nulo referencial ou um expletivo nulo (cf. Kato & Duarte 2005).

Sobre as sentenças ilustradas em (3) e (4), observações assistemáticas mostram que, no PB, a preferência é por pronomes resumptivos em orações encaixadas, o que parece representar uma consequência da remarcação do PSN.

Por último, na sentença em (5) o PB parece se comportar como o italiano, desrespeitando o filtro “that-t”. De fato a leitura correferencial do pronome ‘ele’ expreso com o pronome ‘quem’ resultaria agramatical. Entretanto, já é possível encontrar no PB evidências de quantificadores e expressões quantificadas ligadas a pronomes expressos, como em (6) abaixo:

- (6) a. Cada um_i podia fazer as perguntas que ele_i queria. (Rádio CBN)
b. Qualquer americano_i você acha que ele_i vota no Obama? (Fala espontânea)

Desse modo, vemos que no PB a realização do sujeito nulo não é a escolha preferencial; a forma preferida no Brasil é a sua realização fonética, o que aponta para a perda de uma propriedade paramétrica que já ocorreu na Língua-I e já se revela completamente nos dados de Língua-E.

³ O trabalho de Duarte (1995) será tratado pormenorizadamente mais a diante (Cf. 2.1.2.)

Em línguas positivamente marcadas em relação ao PSN, segundo Chomsky (1981, 1982) e Rizzi (1988: 15), vigora, portanto, o Princípio “Evite Pronome”, responsável por fazer do apagamento do sujeito o comportamento obrigatório. Segundo Duarte (1995: 29), “a *opção* parece ficar por conta do uso pronome pleno quando a interpretação estiver comprometida”.

A situação encontrada no português do Brasil, de acordo com os estudos de Duarte (1993, 1995, 2003) é diferente da descrita para as outras línguas românicas: o sujeito nulo não é uma obrigação e o que se vem encontrando é a preferência pela forma plena. O preenchimento da posição de sujeito por um pronome não representa um uso marcado, não é estigmatizado, o que sugere que sentenças com sujeito pleno são amplamente aceitas pelos falantes. Assim, conforme afirma Duarte (1995), o PB perdeu o Princípio “Evite Pronome”, passando da marcação positiva para a marcação negativa em relação ao PSN.⁴

1.2 A SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA

A década de 60 constituiu período de extrema importância para a quebra da hegemonia do pensamento tradicional estruturalista saussureano dos primeiros 20 anos do séc. XX e bloomfieldiano dos anos 30, com o advento da Gramática Gerativa e os primeiros trabalhos de Chomsky. Evidentemente, o que constitui uma nova maneira de pensar a linguagem não é o caráter formalista do Gerativismo, já que assim era o pensamento até então. O que vemos de inovador é uma concepção mental, biológica da linguagem.

Se por um lado surge uma nova maneira de se pensar o formalismo, sobretudo em função da reanálise da dicotomia saussureana *langue/parole* em competência/desempenho, por outro lado, também nos anos 60, começa a despontar uma nova corrente teórica de base social - a Sociolingüística Variacionista - que viria a oferecer novos horizontes para o pensamento lingüístico, sobretudo, devido ao objeto de estudo sobre o qual recai seu foco.

Ao contrário do que entendiam os estruturalistas, para os quais a língua é uma entidade abstrata, um sistema autônomo, a Sociolingüística vê a língua sob a ótica de sua estreita ligação com o contexto social em que é produzida. Dentro dessa

⁴ Os efeitos do preenchimento dos sujeitos referenciais definidos se fazem sentir nos referenciais arbitrários e outros efeitos são notados na representação dos sujeitos não-referenciais. (Cf. Duarte 1995, 2003^a, 2003b, 2007). Esta dissertação se centra apenas nos sujeitos referenciais definidos.

perspectiva, a língua só existe enquanto elemento social e, portanto, transforma-se acompanhando as mudanças sócio-históricas da comunidade.

Partindo disso, a Sociolinguística vem romper com certos pilares das teorias formalistas precedentes. Critica, inicialmente, o axioma da homogeneidade, caro aos estruturalistas, que assumiam o pressuposto de que, para que se possam observar aspectos da estrutura de uma língua, é preciso desconsiderar as possíveis variações nela presentes, considerando-a, portanto, homogênea. Notemos que os formalistas não ignoravam a variabilidade nas línguas naturais, mas, pelo fato de a variação estar ligada à concretização da língua, à língua em uso, não era do interesse dos seus estudos. Para Chomsky, especialmente, interessa compreender como se operam os processos mentais que geram sentenças gramaticais em uma língua, o que se processa diferentemente para cada indivíduo, se entendemos que a Língua-I de cada um é pessoal e intransferível, visto que o processo de aquisição da Linguagem ocorre de modo particular (embora as gramáticas dos indivíduos falantes de uma mesma língua compartilhem propriedades tal que eles possam estabelecer comunicação entre si). Por isso, o Gerativismo apóia-se na intuição do falante. Problemas de variação estariam no plano da realização, do desempenho e não constituiriam objeto de estudo para a Teoria Gerativa.

Para os sociolinguistas, entretanto, essa visão de língua como um sistema homogêneo era artificial e, evidentemente, não podia dar conta do fato de que em toda língua há variação, que pode levar a mudanças, e ainda assim o sistema continua estruturado. Por isso, Weinreich, Labov e Herzog (1968, 2006) propõem o Axioma da Heterogeneidade Ordenada, segundo o qual, enquanto as mudanças lingüísticas vão ocorrendo, o sistema cria mecanismos para se adequar a elas, sem que os falantes deixem de poder estabelecer comunicação entre si. Como os estudos sociolinguísticos estão voltados para a língua em situação de uso, para os autores, não é possível entendê-la fora da perspectiva da heterogeneidade, visto que toda língua natural prevê variação e mudança e, ainda assim, continua estruturada. Dessa maneira, ao contrário do ideário vigente até então, estrutura e homogeneidade não são interdependentes.

Tendo em vista a pretensão de lançar as bases para o desenvolvimento de uma posterior teoria da mudança, os autores propõem cinco problemas que estão inter-relacionados nos processos de mudança. São eles:

(a) Fatores condicionantes: toda mudança é condicionada por determinados fatores de ordem lingüística e social, que favorecem ou desfavorecem uma

determinada variante, em um ambiente de competição (variação instável). Se uma das variantes é preferida em detrimento de outra, ocorre mudança. Os fatores de ordem lingüística dizem respeito a propriedades internas das línguas naturais, como aspectos lexicais, fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos, discursivos e pragmáticos, enquanto os fatores de ordem social têm relação com aspectos externos ao sistema lingüístico, mas relacionados com a comunidade de fala, tais como faixa etária, gênero do falante, escolaridade etc.

(b) Transmissão: para que a mudança ocorra, é necessário que ela se propague pela comunidade de fala. Tal propagação, entretanto, ocorre de forma contínua (e não discreta), ou seja, enquanto há competição entre duas variantes, o falante aprende a forma alternativa, que vai ganhando maior relevo, até causar a obsolescência da outra forma. Isso nos mostra que a mudança vai percorrendo as faixas etárias de maneira gradual.

(c) Encaixamento: toda mudança é impulsionada por outra anterior e, ao mesmo tempo, ocasiona desdobramentos tanto no sistema lingüístico, quanto na estrutura social.

(d) Avaliação: toda mudança também é condicionada pelo modo como as variantes em competição avaliadas pela comunidade de fala. A avaliação negativa de uma determinada variante em um dado período dificulta sua implementação, ao passo que, se a comunidade não rejeita uma variante ou atribui prestígio a ela, o processo de mudança é facilitado.

(e) Implementação: toda mudança percorre um “caminho”, envolvendo uma série de fatores e restrições, que começa com a variação instável entre variantes de uma mesma variável até o ponto em que uma das variantes é eleita pela comunidade de fala, e as outras se tornam formas obsoletas. Neste ponto, a variável perde seu caráter “variável” e passa a ser uma constante, o que caracteriza o cumprimento do processo de mudança.

Assim, elencar os fatores que condicionam que atuam no processo de mudança, entender como o processo se dá no tempo, descobrir que acontecimentos anteriores desencadearam o processo e que conseqüências ele traz para o sistema, saber quais são as reações da comunidade de fala quanto ao aparecimento de variantes inovadores e, finalmente, compreender as motivações e as restrições que

delineiam os contornos do processo é fundamental para que se possa ter uma visão ampla de um determinado fenômeno lingüístico.

É importante ressaltar que os autores lançam as bases empíricas para uma teoria de variação e mudança que dê conta do caráter dinâmico das línguas. Contudo, assumem que uma teoria da linguagem é necessária para que se possam estabelecer as bases teóricas para os estudos dos fenômenos lingüísticos, não só no tocante à formulação das hipóteses de trabalho, bem como à justificativa dos procedimentos metodológicos. Assim, assumindo que a mudança só ocorre dentro de certos limites formais, o que permite concluir que (a) nem toda mudança é possível e (b) os caminhos que a mudança percorrerá são, até certo ponto, previsíveis, conforme Weinreich, Labov e Herzog, é possível ter em mente um importante postulado chomskyano: o de que as línguas possuem certos princípios universais abstratos que não podem ser violados sob pena de se produzirem sentenças agramaticais.

DEPOIS DO CASAMENTO, OS FILHOS, OS NETOS...

A associação dos pressupostos das duas teorias mostradas nos itens anteriores não é uma inovação deste trabalho, que apenas pretende contribuir com os estudos sobre a representação do sujeito pronominal no PB em face das demais línguas românicas, tomando como base, sobretudo, os estudos de Duarte (1993, 1995, 2003). Podemos dizer, então, que o que apresentaremos nos próximos capítulos é mais um “sub-produto” do feliz “casamento herético” entre a Teoria Gerativa e a Sociolingüística Variacionista, inaugurado por Tarallo & Kato (1989), pois partimos da crença de que a observação de dados advindos de uma comunidade de fala são de extrema importância para enriquecer os postulados gerativistas baseados na intuição do pesquisador, no sentido de permitir compreender e descrever o funcionamento das línguas de maneira mais precisa.

CAPÍTULO II

PONTOS DE PARTIDA

Neste capítulo, revisitaremos os trabalhos sobre a representação do sujeito pronominal de referência definida no PB, PE (Duarte 1993, 1995, 2003) e nas variedades madrilena e portenha do espanhol (Soares da Silva 2006), que fornecem evidências para a mudança na marcação paramétrica que vêm ocorrendo no PB.

Sobre o italiano, faremos um breve percurso do latim à formação da norma padrão - o italiano *standard* -, bem como apresentaremos um panorama da situação lingüística existente hoje na península itálica, decorrente da histórica convivência entre os dialetos regionais e o *standard*. Ainda abordaremos aspectos do quadro pronominal e da morfologia verbal sob dois pontos de vista: o da norma e o de trabalhos teóricos descritivos, que mostram o aparecimento de estruturas no italiano sub-*standard* médio (fala culta) não contempladas pelas gramáticas normativas, como os clíticos na posição de sujeito, característicos dos dialetos centro-setentrionais (inclusive o florentino moderno), equiparados pela tradição gramatical aos sujeitos clíticos do francês. Em contraste com essa visão, mostraremos a argumentação de Rizzi (1986), segundo a qual tais “clíticos sujeitos” nos dialetos italianos não ocupam a mesma posição estrutural daqueles do francês, o que permite afirmar o *status* [+ *pro drop*] dos dialetos italianos.

Por último, trataremos dos trabalhos de Oliveira (2000) e Alves Dias (2008) sobre o comportamento do italiano *standard* quanto à representação do sujeito pronominal em contraste com o PB.

2.1 O PORTUGUÊS BRASILEIRO: UM SISTEMA EM MUDANÇA

2.1.1 A mudança na marcação do PSN no PB: a perspectiva diacrônica

Em estudo sobre a representação do sujeito pronominal no PB ao longo do tempo, Duarte (1993), examinando peças teatrais dos séc. XIX e XX divididas em sete períodos, apresenta indícios de uma mudança na marcação paramétrica no sentido do preenchimento. Esse processo seria consequência do enfraquecimento

da morfologia verbal (Duarte 1993, 1995, 2003), devido às mudanças efetivadas no quadro pronominal do português do Brasil.

Vejamos o gráfico 1 abaixo, adaptado de Duarte (1993), que mostra a progressiva redução no percentual de sujeitos nulos nas peças analisadas:

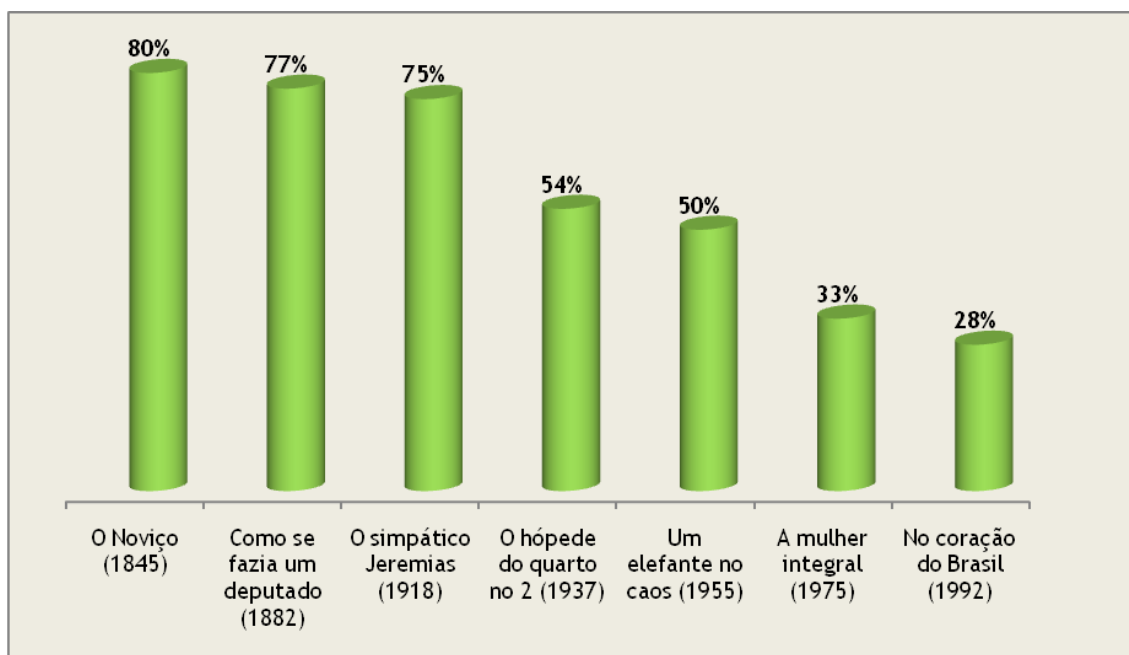


Gráfico 1: Sujeito nulo nas peças teatrais dos séc. XIX e XX

Com base no gráfico acima, podemos identificar dois momentos em que houve uma redução significativa no percentual de sujeitos nulos: a primeira a partir da terceira década do século XX e segunda no último quarto do mesmo século. Para justificar essa situação, entra em jogo a relação entre a mudança do sistema pronominal, o enfraquecimento da morfologia verbal e a identificação do sujeito nulo. A autora observou que nas três primeiras peças, o paradigma flexional do verbo era constituído de 6 oposições (às vezes 5), ou seja, era formalmente “rico” (Jaeggli & Safir 1989), o que garantiria a identificação do sujeito nulo. Por isso, observamos no gráfico a preferência pela não-expressão do sujeito, com percentuais acima de 75%, mostrando que o PB se comportava como língua [+ *pro drop*].

Por outro lado, nas duas peças seguintes, a redução percentual de sujeitos nulos estaria ligada à neutralização das formas distintivas no paradigma flexional do verbo, promovida pela substituição dos pronomes *tu* e *vós* por *você* e *vocês*. Assim, o número de oposições na morfologia verbal teria passado de seis para quatro, dada presença de dois sincretismos no paradigma: o morfema <∅> tanto para a segunda, quanto para a terceira pessoa do singular, e o morfema <-m> compartilhado pela segunda e terceira do plural. Com disso, segundo Duarte (1993), a manutenção de 4

oposições no paradigma começa a mostrar os reflexos da erosão na morfologia verbal, o que denuncia o início do processo de mudança, com a segunda pessoa a que revela os maiores índices de preenchimento.

As peças correspondentes aos últimos 25 anos do séc. XX evidenciam que o comportamento do sujeito no PB, em relação ao séc. XIX, já não é mais o mesmo. A entrada da forma *a gente* em competição com pronome *nós*, cada vez menos freqüente na fala, teria feito com que fosse ultrapassado o limite de dois sincretismos estabelecidos por Duarte (1993) como máximo para que uma língua possa identificar/licenciar o sujeito nulo⁵. Assim, o paradigma flexional do verbo no PB teria deixado de ser funcionalmente “rico”, provocando, então, a preferência pela expressão do sujeito, como vemos nas duas últimas colunas do gráfico V, em que o percentual de sujeitos nulos é bastante baixo (33% e 28%).

2.1.2 Sintomas da mudança na fala do PB: a perspectiva sincrônica

No sentido de buscar evidências empíricas para confirmar o processo de mudança no comportamento do sujeito pronominal de referência definida no PB atual, Duarte, em estudos sobre a fala culta (1995) e popular (2003), atesta a preferência pelo pronome pleno em todas as pessoas gramaticais, com a terceira pessoa demonstrando maior resistência ao preenchimento. Isso significa que mesmo a primeira pessoa, que apresenta desinência exclusiva, tende a ser mais realizada por meio de pronome lexicalmente expreso. Ou seja, os sujeitos identificados por flexão verbal, no PB, são os que apresentam maior suscetibilidade ao preenchimento, evidenciando o fato de que o sistema vem perdendo a capacidade de licenciar/identificar o sujeito nulo. Por outro lado, os sujeitos identificados pelo contexto parecem ser os mais resistentes ao preenchimento. Assim, o caráter dêitico dos pronomes de primeira e segunda pessoas acaba por fazer com que sejam mais expressos que os pronomes de terceira pessoa, cuja interpretação é garantida, necessariamente, por um antecedente, o que os torna menos vulneráveis ao preenchimento.

Cyrino, Duarte e Kato (2000), com base em tais evidências propõem uma hierarquia de referencialidade que atua no processo de mudança envolvendo pronomes. No caso de preenchimento, os itens mais referenciais seriam os primeiros a ser preenchidos. A primeira e a segunda pessoas, com o traço inerentemente mais

⁵ Segundo a autora, na última peça foram encontradas ocorrências do pronome tu, mas com verbos já sem a marca de flexão <-s>.

humano, estariam em um dos extremos desse contínuo; a terceira, que abriga elementos com os traços [+/- humano], [+/- animado], [+/- específico], estaria em um ponto mais à esquerda do contínuo, sendo pois mais resistente.

A relação entre a identificação do sujeito nulo e seu referente é ainda reforçada pelo fato de que, segundo Duarte, a não-expressão do sujeito tende a ser maior quando seu referente está na oração anterior e também é sujeito, confirmando que o “grau de conexão discursiva” (Paredes Silva 1988) interfere no comportamento do sujeito pronominal, conforme ilustrado em (7) abaixo:

(7) A **senhora**_i falou que _____i não gosta de cozinhar e _____i que tinha empregada.

Assim, quando há manutenção do referente do sujeito pronominal, maior é a possibilidade de que ele seja nulo. Em contrapartida, “entraves” na conexão entre o sujeito e seu referente (mudança de referente), maior a possibilidade de que haja um pronome expreso, como vemos em (8), retirado de Duarte (1995):

(8) Então eu vim com **aquele pulôver**_i, mas eu não sei se **ele**_i ‘tá bonito, se **ele**_i ‘tá combinando.

Outro ponto importante no que se refere ao favorecimento do sujeito pleno no PB é o tipo de oração: aquelas que apresentam elemento em Spec, CP, como é o caso das relativas, adverbiais e interrogativas tendem a apresentar um pronome expreso na posição de sujeito. As orações com elemento no núcleo de CP, como ilustrado em (8) acima, ainda exibem sujeito nulo de terceira pessoa e aquela com CP vazio são as se mostram mais resistentes no processo de mudança, se houver manutenção do referente.

Como consequência (“encaixamento”) do processo de mudança em curso no PB, Duarte (1995) mostra a emergência de estruturas com sujeitos deslocados à esquerda - sujeitos que aparecem na periferia esquerda da sentença e são retomados por um pronome expreso dentro da sentença. Como mostram muitos trabalhos, essas estruturas não ocorrem em LSNs, como PE (Duarte, 1987), espanhol (Rivero, 1980) e italiano (Duranti & Ochs, 1979), mas são altamente freqüentes no francês (Blanche-Benveniste, 1993), língua de sujeito pleno.

A observação do comportamento dos das três faixas etárias que compunham a amostra sugere um quadro de mudança em tempo aparente, mostrando as diferenças entre a fala dos mais velhos - em que o sujeito nulo ainda resiste - e a fala dos mais

jovens - em que a mudança alcança seu ápice. Desta forma, a pesquisa de Duarte (1995) confirma sincronicamente o que já havia sido indicado no estudo diacrônico (Duarte, 1993): o PB atual não manteve as características de língua [+*pro drop*], do fim do séc. XIX e início do séc. XX, assumindo propriedades de língua [- *pro drop*].

2.1.3 O confronto entre PB e PE

As afirmações feitas por Duarte (1993, 1995, 2003) sobre a mudança na marcação paramétrica no PB se tornam ainda mais contundentes quando observamos o comportamento do sujeito pronominal em outras línguas, conforme procede a autora em análise do PE (Duarte, 1995).

Em contraste com o que foi encontrado para o PB, PE exibe um paradigma flexional do verbo formal/funcionalmente “rico”, o que, como vimos (Roberts, 1993; Duarte, 1995), garante o licenciamento e a identificação do sujeito nulo. Isso é atestado pela autora, ao encontrar uma expressiva preferência pela não-realização do sujeito (66%) em todas as pessoas gramaticais na fala lusitana. Chama a atenção, entretanto, o fato de que a primeira pessoa, ainda que majoritariamente nula, tenha apresentado os maiores índices de preenchimento (assim como no PB), conforme podemos ver na tabela 1 abaixo, adaptada de Duarte (1995):

Pessoa gramatical	Sujeito Nulo	
	Ocorrências	%
1ª pessoa singular	248/421	59%
1ª pessoa plural	86/140	61%
2ª pessoa singular	82/110	75%
2ª pessoa plural	19/28	68%
3ª pessoa singular	205/285	72%
3ª pessoa plural	98/132	74%
Total	738/1116	66%

Tabela 1: Distribuição de sujeitos nulos por pessoa gramatical no PE

Tal fato pode ser explicado, de acordo com Duranti & Ochs (1979) em estudo sobre o italiano, pela tendência que o falante tem de se introduzir no discurso através de um pronome lexicalmente expresso. Essa seria uma estratégia discursiva comum às línguas de modo geral. Ainda assim, é bastante expressivo o percentual de sujeitos nulos, situação esperada para uma língua de sujeito nulo.

Sobre a segunda pessoa, não foram encontradas diferenças substanciais quanto à expressão do sujeito no tocante à forma direta (*tu*) e indireta (*você*): ambas apresentam altos índices de sujeitos nulos. Isso possibilita duas afirmações: o pronome *você* em Portugal parece conservar o *status* de pronome de tratamento estando em distribuição complementar com *você* e a desinência distintiva não parece afetar a representação do sujeito. Os exemplos em (9) e (10), de Duarte (1995), mostram a desinência <Ø> compartilhada pela segunda pessoa indireta *você* e a terceira do singular associada a sujeitos nulos (sem que tenha sido criada qualquer dificuldade de interpretação):

(9) Por exemplo, nesse trabalho que _____i apresentou sobre poesia, _____i é capaz de me dizer o que _____i aproveitou do contato com os alunos?

(10) (...) agora não há dúvida nenhuma que se _____i for de facto um indivíduo responsável na produção, _____i tem de se incomodar porque _____i não é apoiado naquela parte de stocks de existências, de fornecimento, etc.

Sobre a terceira pessoa, tem-se como relevante a animacidade de seu referente. O traço [- animado] apresenta um percentual de 93% de sujeitos nulos, ao passo que o traço [+ animado] apresenta índice de 69%, revelando-se menos restrito à retomada por um pronome lexicalmente expresso.

De todo modo, a análise do comportamento das pessoas gramaticais permite confirmar a hierarquia de referencialidade proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000), confirmando a maior resistência da terceira pessoa ao preenchimento, em relação às outras.

Quanto à questão do tipo de oração, Duarte constatou que somente as relativas no PE apresentam índices expressivos de preenchimento na primeira e na terceira pessoas (70% e 61%, respectivamente). Tal fato parece se dever à questão da acessibilidade do referente do sujeito: a maioria dos sujeitos das orações relativas encontradas têm referentes com outra função sintática na matriz ou se encontram em uma oração anterior à matriz, conforme mostram os exemplos em (11) e (12), extraídos de Duarte (1995):

(11) (...) mas nós é que estamos sempre a dar explicações ao público_i, que ele_i por vezes já não aceita.

(12) Os bombeiros_i são geralmente poucos. Os montes muitas vezes não têm estradas que eles_i possam... que eles_i possam facilmente acercar-se do fogo.

No caso como em (12), havendo mais de uma possibilidade de coindexação, o pronome pleno é a estratégia adotada para garantir sua interpretação como sendo a do referente mais distante (Calabrese, 1986). Nos casos em que o sujeito da relativa e o da matriz são correferenciais, a estratégia é a não-expressão do sujeito, como vemos em (13) abaixo:

(13) O corredor_i vive as corridas desde o primeiro dia que _____i chega.

Fatores extralingüísticos não foram apontados como relevantes na análise do PE, colaborando para confirmar a estabilidade do sistema no que se refere ao seu caráter de língua de sujeito nulo.

2.2 O QUE NOS DIZ O ESPANHOL?

A análise de outra língua [+ *pro-drop*], Soares da Silva (2006), dentro da mesma perspectiva teórico-metodológica de Duarte (1995, 2003), analisando duas variedades do espanhol (Madri e Buenos Aires), revelou que as falas madrilena, portenha e lusitana guardam entre si mais semelhanças que diferenças, o que já se verifica na questão da riqueza funcional do paradigma flexional do verbo: o espanhol não ultrapassa os dois sincretismos definidos como limite por Duarte (1995), o que licencia o apagamento do sujeito. Deste modo, de fato verificou-se a preferência pela forma nula (73%, em Madri e 71%, em Buenos Aires⁶) em detrimento da forma plena em todas as pessoas gramaticais, conforme a tabela 2 abaixo, adaptada de Soares da Silva (2006):

Pessoa gramatical	Madri	P.R.	Buenos Aires	P.R.
Yo	336/517 (65%)	.38	330/527 (63%)	.46
Nosotros	90/101 (89%)	.75	40/65 (62%)	.40
Tu	113/144 (78%)	.41	78/100 (78%)	.44

⁶ Esses índices se referem aos resultados gerais, incluindo os sujeitos plenos pospostos, retirados da análise posteriormente, já que expressão do sujeito nesses casos é obrigatória, cumprindo a tarefa de desfazer ambigüidades ou estabelecer contrastes.

Vosotros	6/6 (100%) ⁷	-	-	-
Usted	80/116 (69%)	.23	101/168 (60%)	.35
Ustedes	6/9 (67%)	.19	12/19 (63%)	.26
el/Ella	213/242 (88%)	.71	208/258 (81%)	.69
ello/ellas	99/109 (91%)	.76	65/84 (77%)	.63
Total	943/1244 (76%)		834/1221 (68%)	

Tabela 2: Percentual de sujeitos nulos pelas pessoas gramaticais no espanhol de Madrid

Em especial, no espanhol, a segunda pessoa indireta, tanto no plural quanto no singular, aparece desfavorecendo o sujeito nulo, como já havia apontado Fernández Soriano (1999), confirmando a conservação do caráter de tratamento do pronome *usted(es)*. O que o autor ressalta como diferença entre as duas variedades no que diz respeito à pessoa gramatical é o fato de que apenas em Buenos Aires, quando a pessoa gramatical pode estar ligada tanto ao morfema <ø> como outro tipo de desinência, a expressão do sujeito é favorecida.

A animacidade do referente do pronome de terceira pessoa também constitui ponto de contato entre o espanhol e o PE: em ambos, o traço [-animado] favorece o apagamento do sujeito, ainda que, na análise de Soares da Silva, não tenha sido encontrada nenhuma ocorrência de sujeito pleno com o traço [-animado] em nenhuma das duas variedades do espanhol, diferente do que ocorreu na análise do PE de Duarte (1995), em que se verificou uma marca de 7% de sujeitos plenos com o traço [-animado]. Embora esse índice não seja significativo o suficiente para identificar o PE com línguas de sujeito pleno, para Soares da Silva, isso sugere que o espanhol, na representação do sujeito pronominal quanto à animacidade do referente, apresenta um comportamento mais “genuinamente *pro drop*” que o PE. No espanhol, ao contrário do que ocorre no PE, os pronomes pessoais não são usados para referentes com o traço [-humano], e os pronomes demonstrativos *eso* e *esto* cumprem a função de expressar os sujeitos com esse traço.

No tocante ao tipo sintático da oração, na fala portenha, as orações relativas mostraram-se, assim como no PE (Duarte, 1995), desfavorecedoras do sujeito nulo: a posição de sujeito é preenchida quando seu referente tem função diversa da de sujeito e fica sempre vazia quando o sujeito da relativa e o da matriz são correferentes. Em Madri, a estratégia encontrada é a posposição do sujeito da oração relativa. O sujeito nulo também é favorecido, em Madri, pelas orações interrogativas

⁷ Para efeito de comparação entre as duas variedades e para que se pudesse proceder à análise da regra variável, o autor excluiu os dados de segunda pessoa do plural do espanhol de Madri, dada sua categoricidade.

parciais, à semelhança do que ocorre no português europeu (no PE, porém, as interrogativas, independentemente de ser parciais ou globais, favorecem o sujeito nulo), enquanto em Buenos Aires esse tipo de oração não se mostrou relevante no que se refere ao preenchimento.

Outro ponto de encontro dentre espanhol e PE é a questão do padrão sentencial atuando na acessibilidade do SN referente do pronome sujeito. Assim como para o PE, para o espanhol notou-se que se o SN tem uma função sintática diferente de sujeito ou há material interveniente entre o SN e o pronome, a tendência ao preenchimento é maior. Contudo, o autor observa um comportamento levemente diferente entre as duas variedades do espanhol: enquanto em Madri os sujeitos plenos realizados em contextos em que seu referente pode ser facilmente acessado - onde se espera que sujeito seja nulo - indicam ênfase, contraste ou contraposição, em Buenos Aires parece haver variação em todos os contextos uma variação entre sujeitos nulos e plenos. Essa diferença indicaria, segundo Soares da Silva, um comportamento mais prototipicamente compatível com LSNs em Madri.

A análise das faixas etárias em Madri e Buenos Aires, apesar de mostrar os mais jovens com maiores índices de sujeito nulo que os mais velhos (exceto pela situação encontrada na faixa etária intermediária da fala de Buenos Aires, em que se notou o desfavorecimento maior do sujeito nulo que na faixa mais velha), revelou percentuais e pesos relativos aproximados, o que permitiu a de Soares da Silva de que os dois sistemas não se encontram em processo de mudança.

Como podemos verificar, na comparação dos resultados entre PB, PE, espanhol madrileno e portenho, é nítida a distância da situação da representação do sujeito pronominal no na fala brasileira em relação às demais. Todavia, o trabalho de Soares da Silva forneceu indícios de algumas diferenças entre PE e as variedades do espanhol estudadas, fazendo-nos crer que, embora as LSNs apresentem as mesmas propriedades, não as exibem de maneira idêntica. O autor propõe, então, um *continuum*, variando do pólo [+*pro drop*] ao [- *pro drop*], onde as línguas poderiam ser dispostas, conforme vemos na figura 1 (cf. Soares da Silva, 2006: 106) abaixo:

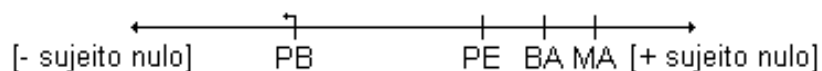


Figura 1: Escala contínua para o parâmetro do sujeito nulo

2.3 A LÍNGUA ITALIANA: O QUE HÁ ENTRE O *STANDARD* E OS DIALETOS?

2.3.1 Do latim aos romances da península itálica: um breve histórico

Uma das hipóteses de diferenciação do latim vulgar é a de que a língua falada pelo povo em toda a extensão territorial dominada pelo exército romano, que já vinha se diferenciando à medida que o Império expandia seus poderes pela Europa, ganhou características ainda mais próprias em cada região com o declínio e a posterior queda do Império, devido à interrupção das comunicações com Roma (Cf. Castro, 1991). Esse processo teria resultado no aparecimento, em última análise, das línguas românicas.

No que se refere à península itálica, o fim do Império Romano proporcionou a re-demarcação de reinos, que desenvolveram uma organização político-administrativa e sócio-cultural próprias. Evidentemente, durante muitos anos, o latim continuou sendo língua escrita e o latim vulgar, a língua falada nos reinos da península. Entretanto, sobretudo a partir do séc. XIII, o maior grau de desenvolvimento comercial dos reinos fez com que os derivados locais do latim vulgar tomassem um relevo muito significativo, o que fica evidente tendo em vista o aparecimento de inúmeros documentos burocrático escritos nesses romances, bem como com o desenvolvimento de uma expressiva produção literária - gestada já desde os séc. IX e X.

2.3.2 A língua de Florença como modelo

Apesar do desenvolvimento comercial de muitos reinos italianos, como era o caso de Nápoles, Gênova e Veneza, Florença, a partir das primeiras décadas do séc. XIV desponta não só com a província mais rica e mais bem sucedida do ponto de vista político-administrativo, como também como o referencial de erudição e cultura. Já no início do séc. XIV, a cidade tinha uma população muito numerosa (cerca de 100.000 habitantes), sua moeda gozava de grande prestígio em toda a península e seu sistema escolar fazia com que o índice de analfabetos fosse menor do que no restante da Itália. Somemos a tudo isso, o fato de que três grandes escritores florentinos - hoje, clássicos da literatura ocidental - tornaram-se muito populares nesse mesmo período: Dante Alighiere, autor de “Divina Commedia” (1304-1321); Francesco Petrarca, cujas poesias foram reunidas em “Canzoniere” (1366 - 1374); e

Giovanni Boccaccio, autor de “Decameron” (1350). A partir das três obras, começando pela “Divina Commedia”, o florentino obteve um alto grau de penetração nas demais províncias da península e a alfabetização em florentino passou a figurar nos sistemas educacionais fora de Florença.

É importante notarmos que, embora o florentino tenha alcançado *status* de língua de cultura em toda a península, os outros dialetos continuavam sendo falados no cotidiano e o prestígio atribuído à literatura toscana não representou a diminuição da produção literária de outras regiões nos romances locais. Como podemos perceber, fora de Florença, o florentino atuava apenas como língua escrita e, mais ainda, como modelo de escrita. Isso foi ainda mais favorecido com o advento da imprensa, no séc. XV, e com a impressão dos três clássicos do séc. XIV, o que, através da maior difusão dos livros, promoveu certa unificação da grafia.

Assim, já no séc. XVI, a escrita literária se encontrava de tal modo sólida e estável, que começam a aparecer muitas tentativas de uma sistematização gramatical, motivadas pelos estudos sobre as raízes e modelos de língua. No sentido de criar uma unificação lingüística definitiva na península, foi escrito o “Vocabolario degli Accademici della Crusca” (1610), baseado nas características lexicográficas do florentino aristocrático do séc. XIV, o que deixa claro o seu caráter arcaizante. Esse advento foi profundamente relevante para a afirmação do florentino, ao longo dos séc. XVII e XVIII, nos ambientes em que ainda o latim predominava: o meio científico e o meio acadêmico. Ao longo do séc. XVIII, a expansão dos estudos científicos e a conseqüente popularização de jornais e revistas acabaram por promover certas adaptações da língua escrita: dado o caráter referencial dos textos, as frases passaram a ser mais curtas, passa a prevalecer a ordem direta SVO.

Apesar de ter possibilitado a expansão do florentino - ainda que conservador - fora da literatura, o “Vocabolario degli Accademici della Crusca” foi duramente combatido no final do séc. XVIII pelos teóricos influenciados pelas idéias iluministas, para os quais era importante a aproximação entre os registros escrito e oral. Evidentemente, quando falamos de características da língua falada, referimo-nos às propriedades da fala das elites econômico-sociais burguesas emergentes. Ou seja, o que estava em jogo não era, na verdade, uma questão lingüística, mas política: os arcaísmos do “Vocabolario” representavam o prestígio da aristocracia, o que não estava mais de acordo com a nova diretriz política da Europa pós-Revolução Francesa. A afirmação das inovações lingüísticas como componentes da língua escrita significava o reconhecimento da cultura burguesa. Nesse sentido, já bastante influenciada pelos ideais de unificação política italiana, consumada em 1861, a

reedição de “I Promessi Sposi” (1840), de Manzoni, absorvendo características lexicais, morfológicas e sintáticas do florentino da época, colaborou para o fortalecimento de uma nova visão da língua escrita, apartada da tradição literária. O que Manzoni propunha então era a constituição de uma norma gramatical única para toda a Itália, baseada no florentino do séc. XIX.

Apesar de apresentar-se também contra a ligação entre língua escrita e tradição literária e a favor de uma norma gramatical única para toda Itália, o lingüista Graziadio Isaia Ascoli, em “Proemio all’Archivio glottologico italiano” (1873), criticava a postura de Manzoni, no que se referia à imposição das características do florentino para a unificação lingüística italiana.

O que ocorreu de fato depois da Unificação Italiana e no início do século XX foi o surgimento de um movimento purista, que pregava o retorno da tradição gramatical do séc. XIV. O fortalecimento do Fascismo na Itália, através de seu caráter nacionalista, fortaleceu ainda mais o purismo lingüístico, incitando a população, inclusive, a substituir os estrangeirismos por um vocabulário genuinamente italiano. A proposta era fazer do florentino de Petrarca e Boccaccio a língua italiana.

Desse modo, para a propagação do italiano *standard*, a partir da norma gramatical eleita, alguns fatores foram essenciais, como os avanços educacionais, que promoveram um significativo aumento da alfabetização e o progressivo aumento do número de anos de escolarização da população em geral; os fenômenos de urbanização e industrialização, provocando o êxodo de italianos das zonas rurais para os centros urbanos e atuando como “mola propulsora” da progressiva especialização do trabalhador; a expansão da rede de transportes, o que passou a possibilitar o fluxo de pessoas (e, conseqüentemente, a troca de influências) pelo território italiano; e o surgimento de meios de comunicação de massa, principalmente a televisão (Cf. Grassi, 1993).

2.3.3 A língua real: as várias nuances do italiano contemporâneo

Apesar da constituição de uma norma gramatical única - baseada no florentino - para toda a Itália já desde o séc. XIX e acentuada difusão do italiano *standard* no séc. XX, os dialetos⁸ ainda hoje se mantêm vivos nas várias regiões da

⁸ Usaremos o termo ‘dialeto’ para fazer referência aos outros sistemas lingüísticos derivados do latim vulgar, encontrados em toda a península itálica, como o bergamasco, o napolitano e o trentino, a exceção do florentino do séc. XIV, tomado como base para a constituição do italiano *standard*. As discussões as definições de língua e dialeto, diglossia e bilingüismo extrapolam os limites deste trabalho.

península itálica, ao menos entre a população mais idosa. É importante notar que os dialetos italianos são verdadeiramente muito diferentes entre si: de norte a sul, podem ser observadas diferenças lexicais, fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas. Nas palavras de Rohlfs (1967)⁹:

“Entre as nações européias, a Itália goza do privilégio de ser, certamente, o país mais dividido nos seus dialetos (...). Cada viajante que, começando com o Piemonte, atravessando depois a Ligúria, a Toscana, o Lácio e as províncias napolitanas, dirige-se à Sicília, pode perceber esta questão.”

Ascoli (1882), segundo um critério genealógico, criou um agrupamento dos dialetos, levando em conta a maior ou menor distância das línguas de que derivam. Em ordem crescente em relação à semelhança com o latim, o autor define os seguintes grupos dialetais:

- Grupo A: dialetos franco-provençais, dialetos ladinos;
- Grupo B: dialetos galo-itálicos, dialetos sardos;
- Grupo C: veneziano, dialetos centrais, dialetos meridionais, corso;
- Grupo D: toscano

Pellegrini (1977) lança o conceito de *italo-romanzo*, que leva em consideração apenas as variedades dialetais faladas na península que assumiram o italiano como língua¹⁰. O sistema do *italo-romanzo* seria, então, constituído dos seguintes dialetos:

- dialetos setentrionais;
- friulano;
- toscano;
- dialetos centro-meridionais;
- sardo.

⁹ “Fra le nazioni europee l'Italia gode il privilegio di essere, certamente, il paese più frazionato nei suoi dialetti [...]. Ogni viaggiatore che, cominciando con il Piemonte, attraversando poi la Liguria, la Toscana, il Lazio e le province napoletane, si reca in Sicilia, si può rendere conto di questa situazione.” Minha tradução.

¹⁰ Em consequência, o corso não está incluído no *italo-romanzo*, já que assume o francês (e não o italiano) como língua.

Associando a expansão do italiano *standard* - desde o séc. XIX, mas, sobretudo, devido aos meios de informação em massa e à ampliação e melhoria do sistema educacional no séc. XX - à resistência dos dialetos, ao menos nos ambientes familiares, pelos grupos etários mais velhos, o que podemos ver hoje, no italiano moderno, é a coexistência de uma série de variedades lingüísticas, mais ou menos ligadas ao *standard* ou a algum dialeto. Segundo Berruto (1987), as variedades do italiano contemporâneo poderiam ser definidas como:

Italiano → Dialeto

- a) Italiano *standard*
- b) Italiano sub-*standard* médio
- c) Italiano regional ‘alto’
- d) Italiano coloquial
- e) Italiano informal ‘negligente’
- f) Italiano popular/regional ‘baixo’ (informal)

Dialeto → Italiano

- a) *Koinè*¹¹ dialetal
- b) Dialeto urbano
- c) Dialeto local

Uma noção interessante para representar a coexistência dessas variedades na Itália atual é a de “*continuum* com consolidação” (Cf. Berruto, 1987), segundo a qual essas variedades são identificáveis, pois possuem características próprias, mas, ao mesmo tempo, os limites de cada uma não são muito nítidos, devido à co-ocorrência de propriedades em mais de uma variedade e mesmo a presença de aspectos estruturais comuns a todas elas. Há, portanto, uma espécie de “zona de interseção” entre as variedades, o que torna a identificação de uma ou outra em uma situação real de comunicação, tarefa, muitas vezes, complicada.

Desse modo, a “zona de interseção” tornaria o “*continuum* com consolidação” uma noção multidimensional, não sendo possível alocar as variedades citadas em uma escala linear que vá de um pólo a outro, ao menos do ponto de vista lingüístico. Como consequência, entendemos que cada variedade apresenta variação interna, já que compartilha elementos com algumas outras, o que faz da frequência de uso de tais elementos um dado para definir uma ou outra variedade. Assim, cada variedade

¹¹ Como ‘*koinè*’ entendemos a variedade dialetal usada em certo território e cuja expansão se deve à expansão de uma província ou região.

representa uma entidade discreta (inserida em um contínuo) em relação a sua dinâmica interna.

2.3.4 O italiano *standard* hoje: as alterações na norma quanto ao sistema pronominal

Como vimos, o italiano que se cristalizou como padrão é baseado no dialeto florentino do séc. XIV, dado seu prestígio em toda a península como representante da mais alta literatura. Apesar disso, os dialetos regionais, inclusive o florentino, continuaram sendo falados e, como qualquer língua natural, sofreram mudanças. Se por um lado, os “defensores da língua de Dante e Boccaccio” exercem pressão no sentido de manter a língua italiana “pura”, por outro lado, algumas características provenientes do florentino oral acabaram sendo aceitas na escrita e até já constam em gramáticas tradicionais de abordagem mais moderna.

Das alterações sofridas pela norma, talvez o que chame mais atenção seja a questão do sistema de pronomes. Uma versão mais tradicional do italiano *standard* apresenta o seguinte paradigma pronominal para representar a posição de sujeito, mostrado na tabela 3, e para representar a posição de complemento, ilustrado na tabela 4, abaixo (adaptados de Simone 1993, 2005 e Dardano & Trifone 2003):

Pessoa	Singular	Plural
1 ^a	io	noi
2 ^a	tu	voi
3 ^a	egli/ella [+ humano] esso/essa [- humano]	essi/esse [+ humano] essi/esse [- humano]

Tabela 3: Pronomes sujeito no italiano *standard*

Pronomes Átonos (clíticos)				
Pessoas	Singular		Plural	
	Acus.	Dativo	Acus.	Dativo
1 ^a	mi (me)		ci (ce)	
2 ^a	ti (te)		vi (ve)	
3 ^a	lo/La	gli/le	li/le	-
Pronomes Tônicos				
Pessoas	Singular		Plural	
1 ^a	me		Noi	

2 ^a	te	Voi
3 ^a	lui/lei [+ humano]	loro [+ humano]
	esso/essa [- humano]	essi/esse [- humano]

Tabela 4: Pronomes complemento no italiano *standard*

Podemos observar que o sistema pronominal italiano exhibe oposições além das de número, pessoa e caso. Particularmente interessante, nesse sentido, é a terceira pessoa. Observando a tabela 3 e a distribuição dos pronomes tônicos na tabela 4, podemos notar a existência de pronomes específicos para a expressão de sujeitos humanos (*egli/ella*; *lui/lei*) e não-humanos (*esso/essa*) - herança do gênero neutro do latim (o que se conforma com o espanhol nas variedades examinadas por Soares da Silva) - na terceira do singular, situação que se neutraliza na terceira do plural nos pronomes sujeito, mas que se mantém entre os pronomes tônicos (*loro*; *essi/esse*). Contudo, as prescrições mais rígidas indicam o uso dos pronomes *lui/lei* e *loro* (acusativos) no lugar de *egli/ella* e *essi/esse* (nominativos) para pessoas, no caso de sujeitos pospostos¹². Assim, teríamos a seguinte relação, exemplificada em (14):

(14) a. **Egli/Ella** è andato/a via. → È andato/a via **lui/lei**.

b. **Essi/Esse** sono stati/e → Sono stati/e **loro**.

Entretanto, Simone (1993, 2005) mostra uma série de simplificações sofridas pelo sistema pronominal italiano verificadas na fala culta informal¹³, algumas das quais são contempladas por Dardano & Trifone (2003). Segundo Simone, a primeira simplificação é a adoção de *lui/lei* e *loro* como pronomes sujeito com traço [+/- humano], não só na fala, mas também na escrita, sugerindo a extinção dos pronomes *egli/ella*, *esso(i)/essa(e)*, que acabariam relegados ao ambiente de alta formalidade e ao uso literário. Essa visão é assumida em parte por Dardano & Trifone, mais conservadores. Apesar de apresentarem *lui/lei* entre os pronomes sujeitos, ao lado de *egli/ella*, indicam que seu uso estaria restrito a certos contextos (Dardano &

¹² Trata-se na verdade do uso de pronomes fortes, em oposição aos pronomes fracos, que ocorrem em Spec, IP. No português, em que os pronomes fortes e fracos são quase-homófonos, essa distinção não é evidente, mas naturalmente existe: “Eu fui” e “Sou eu”, são duas diferentes ocorrências de pronomes, um fraco e um forte.

¹³ Apesar de não fazer essa afirmação, parece-nos possível supor que o autor faz referência à fala culta informal do italiano, já que exemplifica os fenômenos de que trata com sentenças extraídas de artigo de jornal de grande circulação, direcionado à classe da população mais escolarizada (“Corriere della Sera”).

Trifone: 262) e que sua referência a elementos [- humanos] seria uma propriedade da língua falada¹⁴.

Outra simplificação constatada por Simone, na fala informal, não contemplada pelas gramáticas mais tradicionais, nem mesmo como fenômeno marginal, é preferência pela forma dativa *gli*, para masculino e feminino, singular e plural, e a conseqüente extinção de *le* e *(a) loro*¹⁵.

Com isso, consideraremos o seguinte quadro pronominal do italiano moderno, ilustrado na tabela 5:

Pessoas gramaticais	Pronomes sujeito	Pronomes clíticos	Pronomes tônicos
1ª pessoa singular	io	mi (me)	mi (me)
2ª pessoa singular	tu ¹⁶	ti (te)	ti (te)
3ª pessoa singular	lui/lei	lo/la; gli	lui/lei; gli
1ª pessoa plural	noi	ci (ce)	noi
2ª pessoa plural	voi	vi (ve)	voi
3ª pessoa plural	loro	li/le; gli	loro; gli

Tabela 5: Paradigma pronominal simplificado da fala culta do italiano

2.3.5 O sujeito pronominal no italiano: a visão normativa e o uso real

É consensual a visão de que o italiano standard é uma língua cuja morfologia verbal dispensa a realização do sujeito pronominal na maioria absoluta das sentenças. Também é pacífica a relação entre expressão do sujeito e ênfase/contraste e desambiguação. Sobre isso, afirmam Dardano & Trifone (2003: 263):

*“Em italiano o uso do pronome pessoal na função de sujeito, entretanto, limitado; em geral as formas subjetivas vêm subentendidas quando a forma verbal é unívoca e não são possíveis interpretações incertas: (...)”*¹⁷

¹⁴ Os autores chamam atenção para o fato de que o pronome *ella* “caiu em desuso” e, quando realizado, é considerado muito formal e soa como literário.

¹⁵ Essa simplificação não foi absorvida pelas gramáticas normativas do italiano, não sendo, portanto, prescritas pela norma. O autor mostra ainda outras simplificações no paradigma pronominal do italiano oral informal (ver Simone 1993, 2005: 72).

¹⁶ A segunda pessoa singular indireta, no tratamento formal, é *Lei* (escrito com maiúscula) e acompanha o paradigma da terceira pessoa.

¹⁷ “In italiano l’uso del pronome personale in funzione di soggetto è piuttosto limitato; in genere le forme soggettive vengono sottintese quando la forma verbale è unívoca e non sono possibili incertezze d’interpretazione: (...)” - Tradução minha.

Quando falam da univocidade da morfologia verbal, os autores fazem clara referência à estreita relação entre desinências mais distintivas/sujeito nulo. De fato, o paradigma flexional do verbo em italiano apresenta, em geral, seis oposições, como vemos abaixo, na tabela 6:

Pessoa gramatical	Verbo/desinência
io	Penso
tu	Pensi
lui/lei	Pensaø
noi	Pensiamo
voi	Pensate
loro	Pensano

Tabela 6: Quadro de oposições na morfologia verbal do italiano (presente do indicativo)

Ao mencionarem, porém, a possibilidade de a morfologia verbal não ser suficiente para que o sujeito pronominal não seja expresso, os autores aludem ao presente e ao pretérito imperfeito do modo *congiuntivo*, em que se verifica a seguinte situação, ilustrada na tabela 7 abaixo:

Pessoa gramatical	Modo <i>congiuntivo</i>	
	Presente	Imperfeito
io	pensiø	pensassiø
tu	pensiø	pensassiø
lui/lei	pensiø	pensasse
noi	pensiamo	pensassimo
voi	pensiate	pensaste
loro	pensino	pensassero

Tabela 7: Paradigma de conjugação do presente e imperfeito *congiuntivo*

Como vemos, no presente *congiuntivo*, a neutralização das três pessoas do singular, ligadas ao morfema <ø>, seria responsável pela realização do pronome sujeito para desambiguar sentenças do tipo, como em (15):

(15) Credono che io/tu/lui **vada** via.

‘ (eles) Crêem que eu/você/ele vá embora.’

Do mesmo modo, existiria ambigüidade no uso do imperfeito do subjuntivo, visto que o morfema <ø> atende à primeira e à segunda pessoas do singular, conforme ilustrado em (16):

(16) Se io/tu **avessi** una Ferrari, nessuno lo crederebbe.

‘Se eu/você tivesse uma Ferrari, ninguém acreditaria.’

Sobre os dois casos, abordagens mais contemporâneas, partindo da observação da fala culta italiana informal (sub-*standard* médio), parecem dar conta de resolver o problema. Dardano & Trifone (2003), Benincà (1993, 2005), Berreta (1993, 2005) apontam para o fato de que, em orações encaixadas de todo tipo, o presente do *congiuntivo* vem sendo progressivamente substituído pelo presente do indicativo, como podemos ver em (17), que apresenta desinências distintivas para as três pessoas do singular:

(17) Credono che **vado** via.

‘Crêem que (eu) vou embora.’

Credono che **vai** via.

‘Crêem que (tu) vais embora.’

Credono che **va** via.

‘Crêem que (ele) vai embora.’

Berreta (1993, 2005) chama atenção para o fato de que essa substituição se dá por questões meramente sintáticas, não ocasionando efetivas mudanças semânticas no uso, visto que o valor semântico expresso pelo *congiuntivo* é mantido pelo verbo da oração principal (ou pelo valor da conjunção, no caso das orações adverbiais). Complementando essa visão, Dardano & Trifone (2003) indicam que o falante se vale de outros recursos para expressar dúvida/certeza sem que necessite usar o *congiuntivo*, como podemos ver nas oposições ilustradas em (18):

(18) Credono che vado via. / Sono sicuri che vado via.

‘Crêem que vou embora. / Estão certos de que vou embora.’

Quanto à questão do imperfeito do subjuntivo, Berreta (1993, 2005) constata o uso, sobretudo nas orações condicionais de caráter hipotético “não-realizável”,

mas também nas adverbiais temporais, do imperfeito do indicativo no lugar do imperfeito do *congiuntivo*¹⁸, como em (18):

(18) Se **avevo** una Ferrari, nessuno lo credeva.

‘Se (eu) tinha uma Ferrari, ninguém acreditava.’

Se **avevi** una Ferrari, nessuno lo credeva.

‘Se (tu) tinhas uma Ferrari, ninguém acreditava.’

2.3.5.1 A obrigatoriedade da segunda pessoa no presente do subjuntivo

O italiano *standard*, apesar de ser uma LSN, exige a presença do sujeito pronominal de segunda pessoa no presente do subjuntivo. Segundo Benincà (1993, 2005), tal fato é um último resquício da origem do caráter parcialmente *pro drop* do florentino que serviu de base para a formação da língua italiana. Para a autora, o florentino antigo se encontrava em uma situação intermediária entre LSN e LSNN, pois apresentava sujeitos clíticos em algumas pessoas gramaticais (como na segunda do singular). Entretanto, o *standard* e o florentino seguiram por caminhos diversos: enquanto este tomou o rumo do preenchimento (através de clíticos sujeitos), aquele teria resultado em uma língua prototipicamente de sujeito nulo.

O caso da presença obrigatória da segunda pessoa com verbos no presente do *congiuntivo* no *standard*, que, como vimos, compartilha com a primeira e a terceira pessoas do singular a mesma forma verbal, é explicado pelo fato de que essa seria a pessoa gramatical que necessita do maior número de “traços semânticos”, normalmente adjuntos à morfologia do verbo, para garantir a sua interpretação. Como as formas verbais no presente do *congiuntivo* não possuem traços que possam individualizar a referência a segunda pessoa, o pronome deve vir expresso. O mesmo não se aplica às outras duas pessoas por questões funcionais: os sujeitos de primeira e terceira pessoas só vêm expressos nos casos em que ocorra algum tipo de dificuldade de interpretação que não possa ser desfeito pelo contexto.

É importante notarmos, porém, que a autora afirma que no italiano *standard*, a flexão verbal recuperou os traços pronominais capazes de licenciar/identificar o sujeito nulo. Como não é esse o caso do presente do subjuntivo, o uso do presente do indicativo, como apontado em 2.3.5, constitui uma estratégia de esquiva

¹⁸ Nesse caso, o autor chama a atenção para o fato de que, muito comumente, também o condicional, presente na oração principal, é substituído pelo imperfeito do indicativo.

ao preenchimento do sujeito de segunda pessoa, corroborando o caráter *pro drop* do italiano.

Se por um lado, o *standard* recuperou a morfologia verbal capaz de garantir a interpretação do sujeito nulo, o florentino atual, segundo Benincà, não teria seguido o mesmo caminho: o paradigma flexional do verbo teria perdido sua riqueza funcional, o que seria responsável pela implementação de mais sujeitos expressos na forma de pronomes clíticos, a exemplo do francês. Assim, a autora considera que os pronomes clíticos sujeitos no florentino ocupam a posição estrutural de sujeito.

2.3.5.2 Os sujeitos clíticos nos dialetos setentrionais: a interpretação de Rizzi

Em oposição às afirmações da tradição gerativista sobre os sujeitos clíticos dos dialetos italianos, equiparados aos do francês, Rizzi (1989) apresenta uma nova proposta de interpretação, lançando mão de dados empíricos dos dialetos setentrionais (incluindo o florentino) para justificar a diferença estrutural existente entre os sujeitos clíticos do francês e os dos dialetos setentrionais italianos: aqueles ocupariam a posição estrutural de sujeito e estes seriam parte de Infl, como as desinências número-pessoais dos verbos. Podemos dividir a argumentação do autor sobre essa diferença nos seguintes pontos:

I. DP_i + clítico sujeito_i + verbo

No francês, esse padrão sentencial só pode ocorrer se o DP ocupar a posição de tópico, ou seja, uma posição na periferia esquerda da oração (um deslocamento à esquerda), como em '*Jean_i, il_i n'a rien dit*' (cf. Rizzi, 1989:397). Caso contrário, o DP é interpretado na posição estrutural de sujeito, eliminando a possibilidade de haver um clítico sujeito (*Jean n'a rien dit*). Além disso, um DP representado por um quantificador não ligado a um NP (*todos, ninguém*), em francês pode ocupar a posição estrutural de sujeito, mas, se estiver na posição de tópico, não pode ser retomado por um clítico sujeito. Nos dialetos italianos, esse padrão oracional é gramatical, sem que o DP seja interpretado como tópico, como em '*El Gianni_i el_i magna*', do trentino (cf. Rizzi, 1989:391). Outra possibilidade é a de não haver DP, mas o clítico é obrigatório, sob pena de, com a sua ausência, tornar a sentença agramatical. Isso ocorre inclusive se o DP sujeito for representado por um quantificador não ligado a um elemento lexical.

II. Clítico de negação + clítico sujeito + verbo / Clítico sujeito + clítico de negação + verbo

Nos dialetos italianos, o clítico de negação deve (a) preceder o clítico sujeito, (b) deve sucedê-lo, mas, no caso do florentino, (c) ambas as estruturas são possíveis, como vemos ilustrado abaixo (cf. Rizzi, 1989: 398):

- (a) (Maria) no la parla. (trentino)
- (b) (Maria) La 'n ve parla. (romanesco)
- (c) a. (Te) t'un parli.
b. (Te) 'un tu parli. (florentino)

Cadeias de objetos clíticos se posicionariam depois do verbo, o que indicaria que o clítico de negação e o clítico sujeito também se encontrariam em cadeia. Se levarmos em conta que o clítico de negação é parte de Infl, teríamos que a cadeia clítico de negação + clítico sujeito seria um componente de Infl e a cadeia de clíticos objetos se localizaria em VP.

III. Paradigma completo / incompleto de clítico sujeito

No francês, o quadro de pronomes clíticos sujeito é completo: cada clítico identifica um sujeito de pessoa gramatical diferente, o que não é possível através da flexão verbal. Ao contrário, na grande maioria dos dialetos da Itália setentrional (Renzi & Vanelli, 1982), os clíticos sujeitos só aparecem onde a morfologia verbal não é capaz de identificar o sujeito, o que indica que, nesse caso, o clítico atua da mesma forma que a desinência verbal no sentido de licenciar o sujeito nulo, advento capaz de manter a riqueza flexional do paradigma.

Esse argumento ganha reforço quando associado ao fato de que, no francês, orações coordenadas com sujeitos correferenciais só apresentam clítico sujeito na primeira oração, diferente do que ocorre nos dialetos italianos, em que o clítico sujeito é exigido em todas as orações da sequência de coordenação. O fato de que, na coordenação, somente categorias como N(ome), A(djetivo) e V(erbo) podem ser apagadas, ao contrário de preposições, por exemplo, sugere que o clítico sujeito do

francês se localize em Spec IP seja, na verdade, um NP e o clítico sujeito dos dialetos italianos, uma parte de Infl.

IV. DP sujeito posposto definido / indefinido

No Francês, o clítico sujeito aparece quando DP sujeito está posposto ao verbo e apresenta o traço [- definido], mas apenas quando se trata de sentenças com verbos inacusativos ou construções passivas, em que, estruturalmente, o DP não é originado na posição de Spec, VP, mas como complemento. O que acontece, pois, é que a posição estrutural de sujeito se encontra vaga, lugar que é ocupado pelo clítico sujeito, que, nesse caso, é um pronome expletivo. Aqui, o aparecimento de um expletivo lexical na posição estrutural de sujeito denota uma propriedade das LSNs.

Em alguns dialetos italianos, como é o caso do florentino, o DP sujeito posposto também permite a presença de um clítico sujeito, mas só nos casos de verbos transitivos ou inergativos e se o DP sujeito tiver o traço [+ definido]. Isso comprova que, mesmo que o DP sujeito esteja posposto ao verbo, a posição estrutural de sujeito está preenchida por ele, o que impede que possamos interpretar o clítico como sujeito.

Com essas evidências, Rizzi conclui que nos dialetos italianos setentrionais, o clítico sujeito recobre as “falhas” na morfologia verbal, no sentido de licenciar o sujeito nulo, ao passo que, no francês, o enfraquecimento da morfologia verbal teve como consequência o aparecimento de uma série de pronomes clíticos que ocupam a posição estrutural de sujeito.

2.3.6 Evidências empíricas sobre o sujeito pronominal no italiano: o contraste com o PB

2.3.6.1 As diferenças entre o sujeito pleno em PB e italiano

Em trabalho sobre a representação do sujeito pronominal em italiano, Oliveira (2000) confronta a visão de Duarte (1995) de que a redução no quadro pronominal e a conseqüente perda da riqueza funcional do paradigma verbal teria sido responsável por iniciar o processo de mudança na marcação paramétrica no PB, dada a perda do Princípio “Evite Pronome” no PB, alegando que no italiano, língua prototipicamente

de sujeito nulo, além da atuação dos esperados fatores discursivo-pramáticos, como ênfase e contraste, também fatores de ordem estrutural estariam ligados ao preenchimento do sujeito.

Na análise geral dos dados, a autora chega a encontrar 39% de sujeitos plenos fala do italiano, atribuídos, em grande parte, à expressão da ênfase, que, confrontados com os 71% encontrados por Duarte (1995), realmente sugerem o afastamento entre as duas línguas. Entretanto, Oliveira considera o índice alto para uma LSN¹⁹. Nesse percentual, destacaram-se os sujeitos de primeira e segunda pessoas (como no PB), que são associadas a desinências exclusivas. Este fato leva a autora a questionar a relação entre a redução da riqueza morfológica do verbo e a incapacidade de identificação do sujeito nulo.

Mais ainda, seguindo o raciocínio de Duarte, o presente *congiuntivo* no italiano, cujas formas das três pessoas do singular são idênticas, deveria atuar no favorecimento do sujeito pleno. Tendo em vista que os usos desse tempo/modo verbal estão ligados às orações encaixadas do tipo completiva, o problema se resolve da seguinte maneira: se os sujeitos da oração matriz e da encaixada forem correferenciais, necessariamente, a encaixada apresenta a forma reduzida (sem expressão de sujeito, portanto). No caso de sujeitos com referências disjuntas, restariam apenas dois candidatos possíveis para a posição de sujeito da encaixada. Se a posição estiver nula, a tendência é interpretar o sujeito como de primeira ou terceira pessoa, visto que para entender o sujeito como de segunda pessoa, o pronome deve ser expresso (Benincà 1993). Isso se verifica ainda que haja um tópico antes da oração matriz, referente ao sujeito da oração encaixada. Ou seja, na presença de um tópico (ou de outro elemento do discurso), sujeitos de primeira e terceira de verbos no presente *congiuntivo* não vêm expressos, pois têm sua interpretação garantida no contexto, o que não acontece com a segunda pessoa, que deve sempre, nesses casos, ser representada por um pronome expresso.

Por outro lado, o imperfeito do subjuntivo também apresenta formas iguais para primeira e segunda pessoas do singular (mas não para a terceira), mas nesse caso o pronome de segunda pessoa não é exigido para desambiguar sentenças. Segundo a autora, isso estaria ligado ao tipo de oração em que o imperfeito do subjuntivo aparece: orações adjuntas. Com isso, conclui que a demanda pela expressão do pronome de segunda pessoa não está ligada a questões discursivo-pragmáticas, mas a elementos de ordem estrutural, no caso, a estrutura do CP.

¹⁹ Tendo em vista trabalhos teóricos não apontam índices para línguas de sujeito nulo, o fato de a autora encontrar esse percentual de preenchimento indica que podemos crer que uma LSN tem uma margem bem considerável para a expressão fonética do sujeito.

Outro ponto abordado no trabalho de Oliveira é a questão da animacidade e do *status* informacional do referente do pronome de terceira pessoa. Assim como no PB, Oliveira encontra, no italiano, referentes com o traço [- animado] retomados por pronomes plenos. Além disso, a autora revela a incidência de pronomes lexicalmente expressos tanto em orações encaixadas, como em independentes, ainda que seu referente seja dado. Isso contraria a visão de Calabrese (1986), segundo a qual, em orações encaixadas, os sujeitos de terceira pessoa expressos têm como antecedente (sempre que possível) o objeto da oração matriz, dado o traço [+ acusativo] dos pronomes *lui/lei* em italiano. Caso a posição se encontre vazia, a interpretação é a coindexação com o sujeito da matriz.

O aspecto que, de fato, distancia PB e italiano, segundo Oliveira, é a emergência de estruturas de sujeitos deslocados à esquerda retomados por um pronome pleno no interior da sentença (“sujeito duplo”) no PB, o que não ocorre no italiano. Conforme afirma, em consonância com Duarte (1995), essas estruturas surgem graças ao aparecimento de pronomes fortes e fracos no sistema pronominal do português do Brasil, tal qual no inglês. Pronomes fortes ocupam lugar na periferia esquerda da sentença, ao passo que pronomes fracos tomam posição no interior da sentença. Essa reorganização do sistema pronominal do PB teria sido causada pelo enfraquecimento da morfologia verbal. No caso do italiano, sujeitos duplos do tipo encontrado no PB (“A Clarinha_i ela_i cozinha que é uma beleza.” Cf. Duarte, 1995: 108) não ocorrem. O que se pode ter é a topicalização do sujeito de uma oração encaixada, com a presença de um pronome que o retome no interior da sentença, construção que tem sempre o caráter enfático, como já mostrado por Rivero (1980) e Duarte (1987), para o espanhol e PE, respectivamente, exemplificada em (19):

(19) Mario_i, speriamo che lui_i se la cavi.

‘(Quanto a) Mario, esperamos que ele dê um jeito.’

Em conclusão, Oliveira afirma que tais coincidências encontradas entre PB e italiano reforçam a idéia de que a morfologia verbal não está intrinsecamente ligada à expressão/apagamento do sujeito pronominal, mas ao aparecimento de uma série de pronomes fracos que, no PB, ocasionaram o surgimento de estruturas de “sujeito duplo”. Como no italiano a morfologia verbal se manteve formal/funcionalmente rica, não emergem pronomes fracos e, conseqüentemente, também não ocorrem “sujeitos duplos”. A grande diferença entre PB e italiano, segundo Oliveira, no tocante à representação do sujeito pronominal, é a natureza do pronome: no Brasil, o sujeito pleno é representado por um pronome fraco (não suscetível às pressões do Princípio “Evite Pronome”), ao passo que, em italiano, o sujeito pleno deve ser

interpretado como pronome forte. Desta forma, não parece que Oliveira contradiz o trabalho de Duarte. Ambas chegam a resultados idênticos, ainda que os interpretem de modo diverso.

2.3.6.2 O sujeito pronominal na escrita oralizada do italiano: analisando quadrinhos

Partindo dos pressupostos da Teoria Gerativa associados ao quadro teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, o trabalho de Alves Dias (2008) busca mostrar uma comparação entre o PB e o italiano quanto à representação do sujeito pronominal de referência definida. Para tal, a autora se baseia na escrita oralizada traduzida para o italiano e para o PB das histórias em quadrinho da personagem Mafalda, do cartunista argentino Quino²⁰.

Na análise dos dados, a autora confirma o afastamento do PB das demais línguas românicas, pois constata empiricamente no italiano as propriedades de língua de sujeito nulo, ao contrário do que os resultados indicaram para o PB. Notadamente, o italiano revela um percentual de sujeitos nulos (91,4%) muito mais expressivo do que o PB (51,6%), um resultado, aliás, quase idêntico ao que Barbosa, Duarte e Kato (2005) encontram para o sujeito de terceira pessoa para o PB em entrevistas transcritas em jornais e revistas e Duarte (2007) para o PB escrito em artigos de jornais. Por outro lado, Alves Dias encontra alguns contextos que parecem atuar de modo semelhante nas duas línguas.

Dos fatores selecionados na análise da regra variável, o condicionamento morfológico ligado ao tempo verbal foi notado como atuante nas duas línguas no sentido do preenchimento. Entretanto, no italiano, nos contextos em que a morfologia verbal não é capaz de individualizar as pessoas gramaticais (presente e imperfeito do subjuntivo), foram observadas estratégias para que não seja preciso expressar o sujeito por meio de um pronome²¹. Ou seja, o uso mostra que o sistema

²⁰ Segunda a autora, o fato de a amostra ser constituída por traduções não parece oferecer qualquer problema para a comparação proposta, já que a língua original é o espanhol, que pertence ao grupo românico, como é o caso do PB e do italiano. Além disso, a autora indica a interferência do tradutor nas questões lingüísticas, no sentido de aproximar o mais possível o texto traduzido da realidade lingüística das duas línguas. (cf. Alves Dias, 2006: 54)

²¹ Rocha (2008) analisa a produção oral de alunos de graduação e encontra resultados bastante diferenciados, entre os quais a preferência pelos nulos de primeira pessoa, do singular e do plural, com a terceira apresentando taxas mais baixas, independentemente do estágio, o que foi interpretado pela autora como uma etapa no processo de aprendizagem.

dá conta de resolver os possíveis problemas de ambigüidade por meio de estratégias sintáticas ou discursivas. No PB, o presente e o imperfeito se apresentam como favorecedores do preenchimento. A autora ressalta, ainda, que o futuro perifrástico parece ser um contexto de resistência, no PB, ao preenchimento.

Outro fator que se mostrou relevante para as duas línguas foi a questão da estrutura do CP. Pela análise, foi possível verificar que sentenças em que há material em Spec, CP ou no núcleo funcional C, a realização do sujeito parece ser favorecida. No entanto, a autora observa que, no italiano, as orações relativas não constituem um ponto mais flexível ao preenchimento, como ocorreu na análise do PE - o que motivou a hipótese de Duarte (1995) de que esta seria um contexto favorecedor da implementação da mudança no sistema para a introdução do sujeito pleno no PB. Outra ressalva feita por Alves Dias é o fato de que, no italiano, assim como era esperado (Calabrese, 1986), as sentenças em que há material em CP apresentam sujeitos plenos, majoritariamente, quando os sujeitos da oração matriz e da encaixada têm referência disjunta.

Na análise dos PB, a transitividade verbal foi apontada como fator importante no favorecimento do preenchimento. Por um lado, os índices de sujeito plenos aparecem mais expressivamente com verbos intransitivos. Por outro lado, verbos transitivos e de ligação parecem ser contextos que dificultam a implementação da mudança na marcação do PSN no PB. O fato de o verbo *ser* ter sido identificado como o mais usado entre os de ligação pode ter atuado em favor da resistência ao preenchimento, conforme Duarte (1995) e Bravin dos Santos (2006).

Os fatores acessibilidade do referente do pronome sujeito e a animacidade do referente do pronome de terceira pessoa também foram contemplados no estudo de Alves Dias. Sobre o PB, os padrões sentenciais com manutenção do referente (localizado na oração anterior, no mesmo período ou no período imediatamente anterior, na função de sujeito) mostram os mais altos índices de sujeitos nulos, ao passo que os outros padrões, em que “obstáculos” interferem na acessibilidade do referente, a opção pelo preenchimento é fortemente observada. Esse fator, no entanto, não se mostrou relevante na expressão/não-expressão do sujeito no italiano.

Em compensação, a animacidade do referente de terceira pessoa revelou significativo contraste entre as duas línguas: no italiano, a categoricidade dos sujeitos nulos com referentes [- animados], o que já era esperado, revela um prototípico comportamento de LSN, o que, não ocorre do mesmo modo no estudo

sobre o PE (Duarte, 1995), em que foram encontrados 7% de preenchimento de sujeitos com referente [- animado]. Exibindo comportamento diverso, PB apresenta 30% de sujeitos plenos com referente [- animado], o que torna ainda mais nítido o encaminhamento do PB para o grupo das línguas de sujeito pleno.

RESUMINDO...

Conforme vimos, os estudos comparativos entre línguas românicas sobre o PSN apontam para duas diretrizes. Uma delas é a de que a oposição diametral entre os comportamentos quanto à representação do sujeito pronominal de referência definida de PB, em um pólo, exibindo propriedades de língua de sujeito preenchido, e PE e as variedades madrilena e portenha do espanhol, no outro pólo, como línguas de sujeito nulo, demonstrada pelos trabalhos de Duarte (1993, 1995, 2003) e Soares da Silva (2006), confirma o avançado estágio em que se encontra a mudança na marcação do PSN no Brasil. Além disso, a comparação entre as línguas românicas estudadas forneceu importantes informações a cerca do comportamento de LSNs, agregando evidências empíricas às considerações gerativistas. Em última análise, sugerem haver entre PB, PE e as duas variedades do espanhol uma espécie de “gradiente” (cf. Soares da Silva 2006), levando em conta a maior ou menor proximidade do prototípico comportamento de uma LSN, apontado nos estudos teóricos.

Por outro lado, sobre o modo como se comporta o sujeito referencial no italiano, além da visão prescritiva das gramáticas normativas referentes ao *standard*, vimos trabalhos que (a) se ocupam de descrever a situação do italiano contemporâneo tendo em vista a relação bilateral entre *standard* e dialetos (Benincà 1993, 2005; Berreta 1987, 1993, 2005) e (b) se utilizam de dados empíricos para sustentar as considerações gerativistas sobre o italiano como LSN, propondo um confronto com o PB (Oliveira 2000 e Alves Dias 2008). Quanto a este segundo grupo, vimos que Oliveira, que atribui à expressão da ênfase a motivação para os sujeitos plenos encontrados no italiano, opõe-se à visão de Duarte de que a perda do Princípio “Evite Pronome” no PB seria uma consequência das transformações na morfologia verbal, alegando que tais mudanças teriam sido responsáveis pelo aparecimento de pronomes fortes e fracos no sistema pronominal do PB, favorecendo o aparecimento de “sujeitos duplos”, o que não acontece no italiano, cuja morfologia verbal se mantém funcionalmente rica. Pode-se também dizer que o

aparecimento de pronomes fracos no PB foi motivado pelo enfraquecimento da morfologia verbal. Já Aves Dias, usando pressupostos teórico-metodológicos semelhantes aos de Duarte (1995) e Soares da Silva (2006), em uma amostra de língua escrita aproximada da fala (histórias em quadrinhos), confirmou a hegemonia dos sujeitos nulos no italiano *standard*, atestando a relevância da força da morfologia verbal para o licenciamento/identificação do sujeito nulo e contribuindo para reforçar a distância entre o PB e as demais línguas românicas.

CAPÍTULO III

OBJETIVOS, HIPÓTESES DE TRABALHO E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 AS METAS: PROCURANDO RESPOSTAS

Embora não estejamos nos propondo a analisar uma língua supostamente em processo de mudança no que diz respeito à marcação do PSN, a associação dos pressupostos das duas teorias descritas nos itens anteriores é fundamental para a concretização de nossa proposta inicial: traçar um paralelo entre italiano, espanhol, PE e PB quanto à representação do sujeito pronominal. A Gramática Gerativa, através da Teoria de Princípios e Parâmetros, fornece o sustentáculo teórico para que possamos partir do princípio de que o italiano é uma LSN, exibindo as propriedades elencadas em 1.1.3. No entanto, evidências empíricas quantitativas e qualitativas de como se comporta o sujeito pronominal no italiano serão cruciais para mostrar de que maneira esta língua verdadeiramente exibe tais propriedades, além permitir a comparação dos resultados com os de trabalhos sobre outras línguas românicas (cf. cap. II).

Nesse ponto, entra em ação a contribuição da Sociolinguística Variacionista, responsável por nos fornecer as bases metodológicas para nossa análise. Para responder as perguntas que norteiam esse trabalho, é necessário saber como falam os italianos, já que há várias nuances linguísticas encontradas entre o *standard* e os dialetos (cf. 2.3.3). Assim, faz-se necessária a análise de uma amostra de “italiano real”, usado pelas pessoas espontaneamente, em situações em que o monitoramento da fala seja menos provável.

Desse modo, o objetivo maior desta Dissertação é investigar o que como se comporta uma língua prototípica de sujeito nulo do grupo românico. Tendo em vista a riqueza flexional/funcional do paradigma verbal italiano, é coerente imaginar que a não-expressão do sujeito no seja a forma não-marcada, ou seja, a mais freqüente. Entretanto, buscamos observar se há uma preferência maior por sujeitos nulos nos casos de flexões exclusivas bem como investigar o que ocorre nos casos em que a desinência número-pessoal não atua na identificação do sujeito nulo, como é o caso do presente e do imperfeito do subjuntivo. A tradição gramatical italiana indica estratégias (como veremos em 3.3.2.3) que evitam o preenchimento do sujeito nesses casos, para o *standard*. Nosso interesse é, portanto, saber se (a) o subjuntivo

favorece o preenchimento do sujeito na variedade de *standard* em análise; (b) as estruturas descritas pela tradição gramatical se realizam na fala culta espontânea e (c) estratégias alternativas surgem para evitar o preenchimento do sujeito.

Além disso, alguns fatores estruturais foram apontados nas análises de PE (Duarte 1995) e de duas variedades do espanhol (Soares da Silva 2006) - apesar da predominância de sujeitos nulos - como favorecedores do preenchimento. Posicionando o italiano ao lado de PE e espanhol como LSN, mas considerando que o sujeito pronominal em PE, no espanhol de Madri e no espanhol de Buenos Aires não se comporta de modo exatamente idêntico, pretendemos identificar que contextos atuam na fala culta espontânea do italiano, no sentido de favorecer o preenchimento, o que nos permitirá constatar que o italiano ocupa a posição mais à direita possível, no pólo [+ por drop], no âmbito das línguas românicas de sujeito nulo.

Outro ponto a ser considerado são os meandros das questões discursivo-pragmáticas que envolvem o favorecimento de sujeitos plenos. Como vemos, os autores são unânimes ao apontar a ênfase e o contraste como contextos categóricos para o preenchimento. Através do tipo de inquérito utilizado, procuraremos mostrar evidências de outras motivações para a ocorrência de um pronome lexicalmente expresso, relacionadas ao tipo de discurso e à relação entre os interlocutores.

A partir dos estudos e do quadro teórico apresentados nos capítulos anteriores, as **hipóteses** que norteiam a pesquisa são as seguintes: (a) embora o sujeito nulo seja predominante, não há absoluta complementaridade entre sujeitos nulos e expressos; (b) as três pessoas gramaticais não devem exibir comportamento idêntico (a primeira pessoa deve ter comportamento diferenciado quando o falante se (re)- introduz no discurso); (c) as formas do subjuntivo, por não oferecerem desinências distintas para todas as pessoas gramaticais, devem favorecer o preenchimento do sujeito no caso de referências disjuntas entre os sujeitos da matriz e da encaixada; (d) a estrutura do CP pode influenciar no preenchimento do sujeito, no caso das orações interrogativas parciais e nas orações relativas, quando houver ambigüidade na função sintática do pronome relativo; (e) o padrão sentencial deve apresentar comportamento gradiente no sentido do preenchimento, em consonância com os resultados para as demais línguas românicas de sujeito nulo; e (f) o possível aparecimento de sujeitos clíticos pode estar ligado à fala dos mais velhos, como influência dialetal, e nesses casos, devem se comportar, conforme argumenta Rizzi (1989), diferentemente dos sujeitos clíticos do francês.

Passemos à descrição dos procedimentos metodológicos que orientam a análise dos dados, tendo em vista a adoção do arcabouço teórico da Teoria Gerativa e da Sociolingüística Variacionista.

3.2 A COLETA DE DADOS

Para a constituição da amostra de língua italiana, foi utilizado o *corpus* de língua italiana organizado no C-ORAL-ROM *Integrated corpora for spoken romance languages*, do qual fazem parte *corpora* de quatro línguas românicas européias - italiano, francês, português e espanhol. Em todos os *corpora* é possível encontrar amostras de fala culta e popular, formal e informal/familiar, pública e privada. Além disso, contam com situações de monólogo, diálogo e conversação, bem como com gravações midiáticas (noticiários, esportes, entrevistas, *talk show*, documentários, previsão do tempo, noticiário científico) e ao telefone (conversas, secretária eletrônica e telemarketing).

A partir dos anos 90, surgiram muitos *corpora* de língua italiana falada, na tentativa de ofertar subsídios à realização de pesquisas lingüísticas, tanto no plano fonético/fonológico, quanto nos planos lexicológico e morfossintático. De todos esses *corpora*, os editores do C-ORAL-ROM escolheram trabalhar com o LABLITA *corpus*, estruturado pelo Laboratório de Lingüística do Departamento de Italiano da Universidade de Florença. Sua constituição se iniciou nos anos 70, mas ainda hoje tem seu banco de dados atualizado. No C-ORAL-ROM não encontramos todo o acervo de inquéritos do LABLITA *corpus*: foi utilizada apenas a parte correspondente à fala espontânea de adultos falantes de italiano.

Como o foco da compilação não é a pesquisa sociolingüística, não houve preocupação em detalhar minuciosamente os aspectos sociais relativos aos informantes e às situações de fala, embora apresente algumas informações fundamentais à realização de nosso empreendimento científico, como gênero, faixa etária, escolaridade, ocupação, cidade de nascimento dos informantes, o tipo de relação que há entre eles e o contexto situacional em que estão inseridos durante as gravações. Outro aspecto relevante a ser ressaltado é o fato de que os *corpora* do C-ORAL-ROM não se apresenta estratificado. Assim, tivemos o cuidado de tentar fazê-lo em nossa amostra, embora saibamos que, se pretendêssemos realizar um estudo sociolingüístico clássico, nossos resultados poderiam não ter sua validade assegurada.

Como nosso objetivo é estabelecer uma comparação entre o português, o espanhol e o italiano, a partir dos trabalhos de Duarte (1995) e Soares da Silva (2006), o ideal seria que estivéssemos aqui utilizando o mesmo tipo de inquérito analisado nos dois trabalhos citados: entrevistas sociolingüísticas. Entretanto, o *corpus* escolhido para análise não dispõe de tal tipo de inquérito. Tendo em vista que, ao utilizar uma entrevista sociolingüística, o pesquisador pretende se aproximar o mais possível da fala espontânea, que entendemos aqui como aquela mais livre do monitoramento, das pressões normativas, obtida através de contextos em que o falante não tem consciência sobre a configuração de sua fala, optamos por usar inquéritos do tipo ‘conversação’ oral informal familiar/privado. Descartamos, portanto, o tipo ‘diálogo’, que poderia ter sido uma opção natural, já que, à primeira vista, parece-se mais com as entrevistas sociolingüísticas. O que se verificou, porém, é que estes inquéritos aparecem em número muito reduzido - apenas 10 - o que dificultaria a estratificação de nossa amostra e a obtenção de um número considerável de dados. Mais ainda, não deveríamos utilizar a fala do pesquisador, pois estaria mais afastado da espontaneidade nessas circunstâncias. Por outro lado, as conversações, que apresentam sempre mais de 3 informantes, aparecem em maior número - 28 inquéritos - e possibilitam a utilização da fala do pesquisador, porque entendemos que, nas condições em que se encontra, na interação com muitas pessoas, em momentos de lazer, no ambiente familiar, o monitoramento de sua fala seria menos provável. Assim, essa modalidade de interação oral parece se aproximar mais do uso real.

Desse modo, a amostra que será analisada no presente trabalho é constituída de 12 inquéritos, com falantes homens e mulheres distribuídos em três faixas etárias. A tabela 8 mostra a distribuição dos falantes por gênero e faixa etária:

Faixa etária	Mulheres	Homens	Total
A (18 - 25 anos)	6 informantes	6 informantes	12 informantes
B (26 - 41 anos)	6 informantes	6 informantes	12 informantes
C (41 - 59 anos)	5 informantes	5 informantes	10 informantes
Total	17 informantes	17 Informantes	34 informantes

Tabela 8: Distribuição dos informantes por gênero e faixa etária

Como o fenômeno investigado não parece suscetível a qualquer tipo de estigma social, usamos a fala de indivíduos graduados ou graduandos nascidos na

região da Toscana, o que seria a fala culta italiana²². Por se tratar da modalidade oral de falantes com alto grau de escolarização, notamos que a variedade de italiano encontrada no *corpus* pode ser considerada o sub-*standard* médio, que se baseia na estrutura do *standard* predominantemente, mas pode apresentar características de outras variedades diastráticas e dos dialetos. Especificamente em nosso caso, foi possível detectar aspectos morfossintáticos²³ do toscano contemporâneo relacionados com o comportamento do sujeito. Trataremos desse tema no Cap. III.

3.3 METODOLOGIA DE ANÁLISE

Por restrições impostas pelo próprio *corpus*, de acordo com o que já elucidamos, não foi possível equilibrar a amostra no que diz respeito à quantidade de informantes por faixa etária. Se considerássemos apenas dez informantes (total da faixa C) em cada faixa, o que permitiria o equilíbrio, obteríamos um número menor de dados, o que não permitiria uma análise estatística confiável.

Assim, foram coletados dados de sentenças com sujeito pronominal, de referência definida, nulo ou pleno. Não foram consideradas orações coordenadas com sujeitos correferenciais, a partir da segunda oração, por não ser um sujeito nulo nesses contextos uma propriedade exclusiva das LSNs.²⁴

Observando os dados do *corpus*, na constituição da amostra, não foram computadas sentenças truncadas e em que não se pode resgatar o referente. Foram excluídas da análise da regra variável aquelas em que o nulo não é uma opção: ênfase e contraste, incluindo casos de pronomes focalizados (*anche io*) ou quantificados (*noi due*).

Na seção seguinte veremos os grupos de fatores a que foram submetidos os dados válidos.

²² Essa escolha se baseia nos estudos (Duarte 1995 e Soares da Silva 2006), usados para a comparação a que nos propusemos, cujas amostras representam a fala culta das línguas estudadas.

²³ Aspectos lexicais e fonológico do dialeto toscano atual também foram encontrados no *corpus*, mas não serão descritos por não fazerem parte do escopo desse trabalho.

²⁴ Paredes Silva (1988, 2003) constata que a maior realização do sujeito pronominal está ligada a contextos que oferecem obstáculos a sua conexão com seu referente. Assim, assume que a variação entre pronomes nulos e plenos na posição de sujeito está ligada a possibilidade de se prever a informação: quanto mais clara for, menor a necessidade de se preencher o sujeito.

3.4 OS GRUPOS DE FATORES

3.4.1 A variável dependente

A variável dependente é a forma de representação do pronome, que pode ser nulo ou pleno. Tendo em vista o objetivo do trabalho, o valor de aplicação na análise será o sujeito nulo (em oposição ao sujeito pleno). Encontrando as taxas de apagamento do pronome (gerais e por fatores), será possível observar o comportamento do italiano em relação ao parâmetro do sujeito nulo: sendo uma língua [+ *pro-drop*], espera-se que a porcentagem geral de sujeitos nulos, para as duas variedades, supere amplamente a de pronomes expressos, que, segundo as gramáticas consultadas, ocorre em contextos marcados.

3.4.2 As variáveis independentes

Tendo em vista o caráter comparativo do presente estudo, os grupos de fatores foram estabelecidos de acordo com os trabalhos que tomamos como base (Duarte, 1993, 1995, 2003; Soares da Silva, 2006). Entretanto, alguns grupos apontados de início como potencialmente relevantes para a questão da representação do sujeito pronominal, não se confirmaram em nenhum dos estudos (como foi o caso da forma verbal simples e complexa). Por essa razão, não utilizaremos todos os grupos elencados pelos trabalhos precedentes: tomaremos apenas aqueles que nos parecem possibilitar a obtenção de resultados interessantes para a comparação entre PB, PE, espanhol e italiano.

3.4.2.1 A posição do sujeito

O sujeito pronominal pleno pode aparecer em duas posições: anteposto ao verbo (20) ou posposto a ele (21). Como a posposição do sujeito é uma propriedade de línguas prototipicamente de sujeito nulo, o que se espera encontrar é uma predominância da ordem VS no italiano nos casos de sujeito preenchido.

(20) Mi ricordo che tu mi hai fatto vedere quelle fotografie.

‘Me lembro que tu me fizeste ver aquelas fotografias.’

(21) Non sono d'accordo con quello che ha detto lei.

‘Não estou de acordo com aquilo que disse ela.’

3.4.2.2 A pessoa gramatical

Em função do tipo de inquérito utilizado para a análise - situações informais, entre amigos e familiares - não foram encontrados dados de segunda pessoa indireta (*Lei*), uso vinculado ao registro formal.

Abaixo, segue a tabela 9 com o quadro pronominal do italiano:

Pessoa	Singular	Plural
1ª pessoa	io	noi
2ª pessoa	tu	voi
3ª pessoa	lui / lei	loro

Tabela 9: Quadro pronominal do italiano

Esse grupo tem sua importância atestada pelo fato de poder possibilitar, além da comparação com os resultados do PB, PE e espanhol, a verificação da afirmação de Duranti e Ochs (1979) de que a primeira pessoa tende a apresentar os maiores percentuais de preenchimento e a observação da predominância do sujeito pronominal nulo em relação ao pleno (situação esperada para uma língua [+ *pro drop*]).

3.4.2.3 O tipo de desinência número-pessoal do verbo

Em geral, o italiano apresenta um paradigma flexional com 6 oposições, exibindo o morfema <Ø> apenas para a terceira pessoa do singular. Entretanto, o presente do subjuntivo apresenta morfema <Ø> para as três pessoas do singular - reduzindo o paradigma a quatro oposições - e o imperfeito do subjuntivo há uma neutralização entre as desinências de primeira e segunda pessoas do singular e a manutenção do morfema <Ø> para a terceira pessoa do singular - reduzindo o paradigma a 5 oposições. É de se esperar que nessas circunstâncias, a distribuição do sujeito nulo no italiano seja regular, apenas apresentando um percentual mais expressivo de sujeitos plenos, nas circunstâncias em que a desinência não seja

suficiente para identificar a pessoa gramatical. Abaixo, apresentamos a tabela 10 com as oposições no paradigma flexional do italiano:

Pessoa Gramatical	Presente Indicativo	Presente <i>Congiuntivo</i>	Imperfeito <i>Congiuntivo</i>
Io	amo	amiø	amassiø
Tu	ami	amiø	amassiø
Lui / Lei	amaø	amiø	amasse
Noi	amiamo	amiamo	amassimo
Voi	amate	amiate	amaste
Loro	amano	amino	amassero

Tabela 10: Desinências número pessoais no italiano

3.4.2.4 O tempo e o modo verbais

Os dados também foram codificados segundo o tempo e o modo do verbo, com exceção dos dados com verbo no imperativo, desconsiderados por apresentarem o sujeito apagado independentemente de ser a língua [+ *pro-drop*] ou [- *pro-drop*], não servindo para diferenciar as duas marcações em relação ao parâmetro do sujeito nulo. Em português, o comportamento em relação ao parâmetro estudado não é influenciado pelo tempo nem pelo modo verbal. No entanto, o italiano, como já mencionado, possui menos oposições em dois tempos do modo subjuntivo (presente e imperfeito). Isso pode ser responsável pelo aparecimento de sujeitos plenos.

Os dados foram separados, então, em três modos, a saber: indicativo (oito tempos), subjuntivo (quatro tempos), condicional (dois tempos). Assim, os dados de presente e imperfeito do indicativo, em (22) e (23), e do subjuntivo, em (24) e (25) foram tratados separadamente.

(22) Non ci resta che piangere praticamente, quando ____ **parlano** con Flora.

‘Não nos resta outra coisa senão chorar, quando (eles) falam com Flora.’

(23) ____ **Raccontavi** della lezione ai tuoi amici.

‘(você) Contava sobre a aula para seus amigos.’

(24) Credo che, per diventare più belle, loro si **trucchino**.

‘Creio que, para ficarem mais bonitas, elas se maqueiem.’

(25) Avevano paura che lei **diventasse** proprio completamente cieca.

‘Tinham medo que ela ficasse mesmo completamente cega.’

3.4.2.5 A transitividade verbal

Os verbos foram ainda separados em quatro grupos, segundo sua estrutura argumental, projetando um, dois ou três argumentos, ou ainda, como verbo de ligação, conforme vemos nos exemplos abaixo em (26) a (29):

(26) [Stefano]_i faceva il metronotte, per ciò _____i dormiva tutto il giorno.

‘Stefano era guarda-noturno, por isso dormia o dia todo.’

(27) Stefano ha detto che _____{cv} hai visto quel film di Tim Burton.

‘Stefano disse que (você) viu aquele filme de Tim Burton’

(28) [Giulianna e Sara]_i sono pettegole: _____i hanno raccontato tutto a Anna!

‘Giulianna e Sara são fofoqueiras: contaram tudo para Anna!’

(29) [La bambinaia]_i non sa cosa fare con i bambini! Così _____i diventerà pazza!

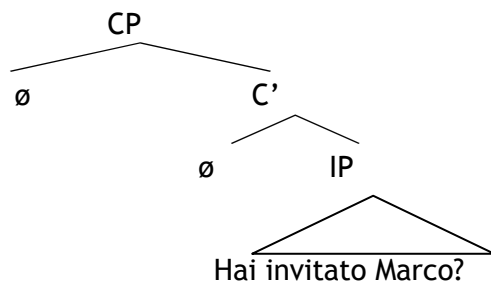
‘A babá não sabe o que fazer com as crianças! Assim, (ela) ficará maluca!’

Conforme Duarte (1995), o verbo de ligação *ser* no PB apresentou comportamento diferente dos demais, parecendo consistir um contexto de resistência ao preenchimento, o que também foi constatado por Bravin dos Santos (2006) e Alves Dias (2008). Pretendemos verificar se a transitividade verbal atua no licenciamento do sujeito nulo e, mais ainda, se o verbo *essere* (correspondente ao verbo *ser*), quando usado como verbo de ligação, distancia-se dos outros tipos de verbo.

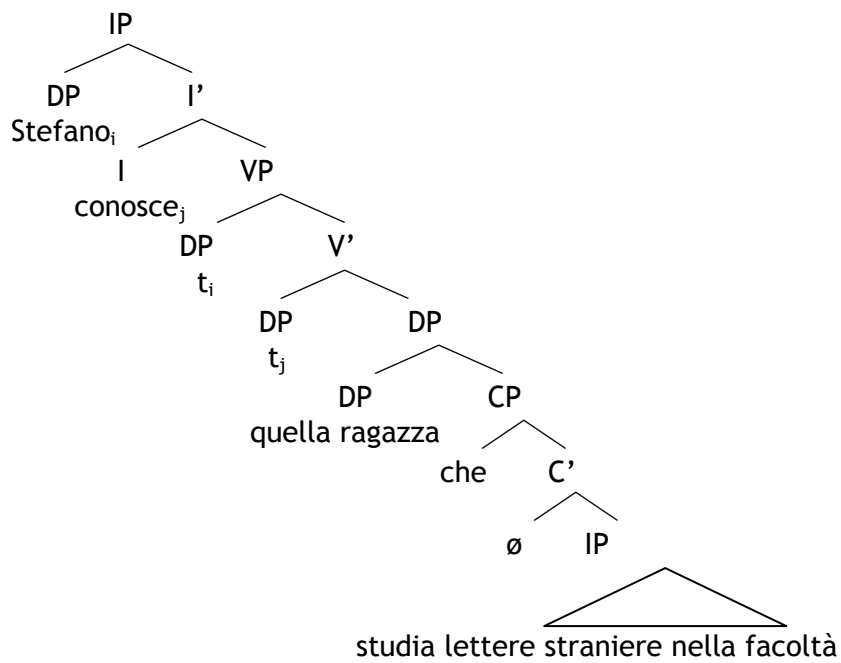
3.4.2.6 A estrutura do sintagma complementador (CP)

Para a análise, trabalharemos com três possibilidades de estrutura sentencial: (a) tanto o especificador (Spec) do CP, quanto o núcleo funcional C não contêm elementos; (b) o Spec, CP apresenta material, que pode ser um pronome relativo ou um pronome interrogativo; (c) a posição de Spec, CP se encontra vazia, mas o núcleo C apresenta elemento (uma conjunção). Vejamos as três representações arbóreas para as possibilidades contempladas aqui:

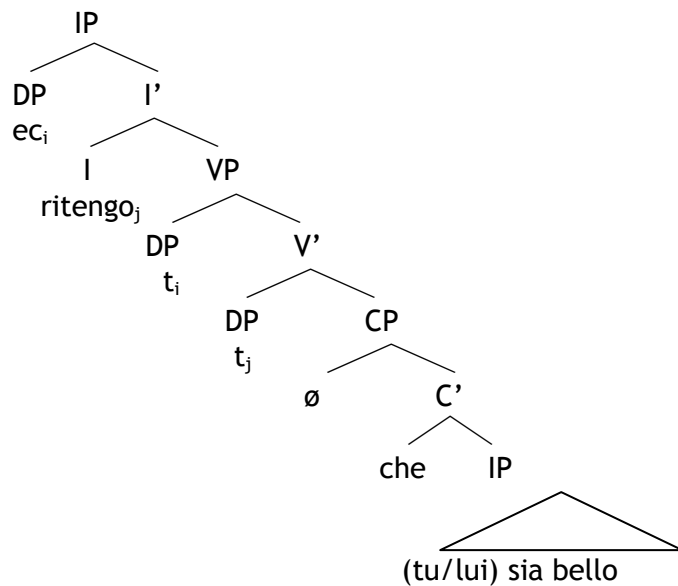
(a) Hai invitato Marco?



(b) Stefano conosce quella ragazza [che studia lettere straniere nella facoltà].



(c) _____{cv} (io) Ritengo che _____{cv} (tu/lui) sia bello.



3.4.2.7 Os elementos adjuntos ao sintagma flexional (IP)

Entre os elementos que estão em adjunção ao sintagma flexional (IP), podemos ter um elemento topicalizado (deslocamento à esquerda), como ilustrado em (30), um adjunto adverbial, como em (31) ou pode ocorrer de não haver qualquer adjunção, como em (32):

(30) [Di questo esame]_i _____{cv} non mi preoccupavo t_i più di tanto.
'Quanto a este esame não me preocupo tanto mais.'

(31) _____{cv} Mi hanno fatto vedere praticamente tutta la verità.
'(eles) Me fizeram ver efetivamente toda a verdade.'

(32) _____{cv} Hanno letto tutti i testi della prossima lezione.
'(Eles) Leram todos os textos da próxima aula.'

Os resultados sobre o PB (Duarte 1995) mostraram a presença desses elementos parecem ser um contexto de resistência no sentido do preenchimento, o que pode ter ligação com o fato de que esses elementos evitam o verbo em posição

inicial. Ou seja, a adjunção a IP produziria um efeito prosódico que atuaria de modo que o preenchimento do sujeito já não seria tão demandado.

3.4.2.8 Elementos entre o especificador do IP e I

Elencamos, na posição entre Spec, IP e VP, as seguintes possibilidades²⁵:

→ a não existência de elementos:

(33) _____{cv} Hai comprato una macchina nuova.

‘(você) Comprou um carro novo.’

→ operador de negação

(34) _____{cv} **Non** siamo arrivato alle cinque.

‘(nós) Não chegamos às cinco.’

→ advérbios focalizadores e aspectuais:

(35) _____{cv} **Appena** svegliavo, lui cominciava a baciarmi.

‘(eu) Mal acordava, ele começava a me beijar.’

→ pronomes clíticos:

(36) Lui **ti** ha invitato?

‘Ele te convidou?’

→ partícula *ne*:

(37) _____{cv} **Ne** ho visto uno.

‘(eu) Vi um deles.’

O fato de se encontrarem em uma posição mais alta que I, o que motiva seu aparecimento, na seqüência linear da sentença, imediatamente antes do verbo, segundo Duarte (1995), seria um contexto de resistência do sujeito, visto que tais elementos promoveriam um efeito prosódico compensador, o que a autora atesta para o PB. No espanhol, Soares da Silva (2006) só encontrou relevância para esse grupo na variedade portenha, tendo o operador de negação atuado da forma como propõe Duarte (1995) para o PB. Nossa expectativa é a de que, no italiano, como

²⁵ Consideramos ainda a possibilidade de combinação entre esses elementos.

LSN, tais elementos não promovam qualquer efeito na representação do sujeito pronominal.

3.4.2.9 A função sintática da oração

Classificamos as orações, de acordo com sua função, da seguinte maneira:

→ Absolutas (sozinha no período), principais (matriz) e 1ª coordenada (de seqüências coordenadas com sujeitos correferentes):

(38) a. [_____{cv} Sono uscita ieri sera].

‘Saí ontem à noite.’

b. [_____{cv} Sono sicuro] che Gianni ha fatto il lavoro.

‘Estou certo que Gianni fez o trabalho.’

c. [_____{cv} Sono svegliata alle otto] e poi ho fatto la doccia.

‘Acordei às oito e depois tomei banho.’

→ Completivas (subordinadas substantivas):

(39) a. Mi sembra [che _____{cv} hanno già fatto la doccia].

‘Me parece que (eles) já tomaram banho.’

b. Ritengono [che _____{cv} sia arrivato a Parigi].

‘Suspeitam que (eu/você/ele) tenha chegado a Paris.’

→ Relativa (subordinadas adjetivas):

(40) Giuliana ha ricevuto la lettera [che _____{cv} gli ho inviato].

‘Giuliana recebeu a carta que lhe enviei.’

→ Adverbial anteposta à oração matriz:

(41) [Quando _____{cv} sono arrivato], eravate già usciti.

‘Quando (eu) cheguei, (vocês) já tinham saído.’

→ Adverbial posposta à oração matriz:

(42) Andrei alla spiaggia [se _____{cv} volessi venire con me].

‘(eu) Iria à praia, se (tu) quisesses ir comigo.’

Assim como mostrou Duarte (1995), o PE se mostrou suscetível ao preenchimento nas orações relativas, o que parece estar ligada à desambiguação da

função sintática do pronome relativo, o que também se verificou no espanhol portenho. Assim, esperamos que esse talvez possa ser um contexto em que encontremos uma maior expressão de sujeitos plenos no italiano.

3.4.2.10 A força ilocucionária da oração

As orações foram classificadas em declarativas, conforme ilustra (43), e interrogativas, e estas, por sua vez, sub-divididas em totais (ou globais), ilustradas em (44) - as que apresentam Spec, CP e núcleo C vazios - e parciais - as que apresentam pronome interrogativo em Spec, CP, como vemos em (45):

(43) _____{cv} É arrivato tarde.
'(ele) Chegou tarde.'

(44) _____{cv} É arrivato tarde?
'(ele) Chegou tarde?'

(45) Quando _____{cv} é arrivato?
'Quando (ele) chegou?'

A justificativa para a escolha da utilização desse grupo é o fato de que o PE, LSN, mostrou-se mais inclinado ao apagamento do sujeito com as orações interrogativas (Duarte, 1995). Além disso, o espanhol madrileno apresentou comportamento semelhante aos do PE, mas apenas com as interrogativas parciais (o que parece indicar a relevância da estrutura do CP).

3.4.2.11 As condições de referência ou padrões sentenciais

Levando em conta a acessibilidade do antecedente do sujeito pronominal (manutenção ou mudança do referente), considerado como o último elemento correferente a ele encontrado no discurso, operamos uma divisão das sentenças em seis padrões:

→ A: o antecedente do pronome está na oração anterior no mesmo período e também é sujeito:

(46) _____i Mi devi dire se _____i ti sei trovata bene.

‘(Tu) me debes dizer se (tu) se encontra bem.’

→ B: o antecedente do pronome tem a mesma função e está na oração anterior, em outro período:

(47) Io_i, per esempio, trovo questo film eccezionale. _____i Pensavo fosse noioso, ma non.

‘Eu, por exemplo, acho esse filme excepcional. (Eu) Achava que fosse chato, mas não.’

→ C: o antecedente do pronome está na oração anterior, no mesmo período, mas tem função diferente da de sujeito;

(48) Avrei avuto difficoltà a riconoscerla_i perchè _____i è cambiata tanto.

‘(eu) Teria tido dificuldade de reconhecê-la porque (ela) mudou muito.’

→ D: o antecedente do pronome é sujeito, mas há material interveniente (uma ou mais orações:

(49) Dice Marcello_i, anche loro_j hanno fatto così. _____i Dice che hanno già fatto la scrittura.

‘Disse Marcelo, eles também fizeram assim. Disse que (eles) já fizeram a escritura.’

→ E: o antecedente do pronome tem outra função sintática e, além disso, há material interveniente entre as orações:

(50) _____i Sono uscita subito dal Maracanã. Me_i facea schifo. È un luogo pavoroso! Ah, _____i non lo so.

‘Saí logo do Maracanã. Me dava nojo. É um lugar pavoroso! Ah, não sei.’

Consideramos, ainda, o padrão F, correspondente à primeira ocorrência do sujeito pronominal, ou seja, sem que haja um elemento anteriormente expresso no discurso, ao qual o pronome esteja ligado. Esses casos podem corresponder à primeira vez que o falante se introdução na conversação, à primeira vez que um dos participantes da conversa é interpelado por outro ou à primeira vez que é feita referência a um participante da conversa (indiretamente) ou a um elemento presente no contexto situacional.

Conforme trabalhos anteriores (Duarte, 1995, 2003; Barbosa, Duarte & Kato, 2001, 2005; Soares da Silva, 2006; Alves Dias, 2008), esperamos encontrar uma gradação na representação do sujeito pronominal, de modo a confirmar que a mudança de referência e a ocorrência de material entre o sujeito e seu antecedente devem contribuir para aumentar o índice de preenchimento. Quanto ao padrão F, esperamos encontrar índices de preenchimento relevantes, já que se trata de um contexto de mudança de tópico.

3.4.2.12 O traço semântico do sujeito

O referente do pronome de terceira pessoa também foi dividido segundo o traço [+/- animado] (ilustrados em (51) e (52) abaixo). Como o italiano se trata de uma LSN, esperamos encontrar categoricamente, assim como foi o caso do espanhol (Soares da Silva, 2006), sujeitos nulos com referente [- animado], o que reforçaria a idéia de que o PE, com 7% de sujeitos plenos com referente [- animado], ainda que conserve o caráter de LSN, apresenta comportamento levemente diferente das demais.

(51) Laura_i mi pare bella già che _____i è bionda e mi piacciono le bionde.

‘Laura me parece bonita, já que é loira e eu gosto das loiras.’

(52) Ho visto **quello** film ‘Harry e Sally’_i. _____i È splendido!

‘Vi aquele filme ‘Harry e Sally’. É esplêndido!’

3.4.2.13 Faixa etária do informante

Conforme já havíamos dito, os informantes usados para a constituição da amostra foram divididos em três grupos etários diferentes: A (18 - 25 anos), B (26 - 41 anos) e C (41 - 59 anos). Como estamos partindo do pressuposto de que o italiano é um sistema estável, ou seja, não está passando por nenhum processo de mudança no que diz respeito à representação do sujeito pronominal, não esperamos encontrar grandes diferenças entre as taxas de preenchimento através das três faixas etárias, em oposição ao que ocorre no PB (Duarte, 1995). Além disso, não esperamos sequer encontrar uma variação estável, mesmo que estejamos incluindo na análise o grupo A, correspondente aos indivíduos que estão entrando no mercado de trabalho, já que

estamos tratando de uma variável que não parece receber estigma social (Naro, 1996). O que, por outro lado, esperamos encontrar é alguma diferença entre os mais velhos e os mais novos quanto à questão das marcas dialetais. Nesse sentido, estamos nos referindo especificamente ao aparecimento de sujeitos clíticos, mas não aqueles encontrados no francês: o que esperamos encontrar são clíticos sujeitos com comportamento compatível com aquele descrito por Rizzi (1989).

OS PRÓXIMOS PASSOS...

Depois de selecionados e codificados, os dados passaram por um tratamento estatístico, através do pacote de programas VARBRUL. Esse tratamento consiste em uma análise multivariada, em que se verifica a influência de vários fatores diferentes sobre uma determinada variável lingüística. Nosso objetivo, então, era verificar a relevância de certos contextos (lingüísticos e extralingüísticos) sobre o binômio sujeito nulo/sujeito pleno.

Uma vez definidos nossos objetivos e hipóteses de trabalho e descritos os procedimentos que utilizamos para realizar a análise dos dados coletados, veremos, no próximo capítulo, os resultados. Além de descrever o que encontramos na amostra de italiano sub-*standard* médio analisada, mostraremos que contextos se mostram relevantes para a representação do sujeito pronominal na fala culta italiana e como atuam. Isso nos garantirá subsídios para efetuar a comparação com o espanhol madrileno, o espanhol portenho, o PE e, principalmente, o PB.

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS RESULTADOS A COMPARAÇÃO COM O PORTUGUÊS E COM O ESPANHOL

4.1 RESULTADOS GERAIS

4.1.1 Sujeitos categoricamente plenos: contraste e ênfase

Em princípio, foram encontrados 965 dados de sujeito pronominal de referência definida, dos quais 98 (10,1 % do total) exibiam nuance contrastiva ou ênfase, em geral marcados prosodicamente. Naturalmente, todos os dados de contraste e ênfase encontrados apresentam sujeito foneticamente realizado (Rizzi, 1982), antepostos ou pospostos ao verbo, como é possível observar nos exemplos em (53), em que mostramos os sujeitos contrastivos; e em (54), em que se constata ênfase:

(53) a. **SND:** (...) poi è uscito fuori il discorso di individualismo ed egoismo. Perché io ho detto: “eh, tu, secondo me, sei un po' egoista, a volte”, però scherzando. Ha detto lui: “sì, è vero. Però, forse, più che egoista sono individualista.” Ho detto: “no, **IO** sono individualista, **TU** invece sei egoista”. [SND ifamcv21]

‘Depois veio à tona o discurso de individualismo e egoísmo. Porque eu disse “eh, você, na minha opinião, é um pouco egoísta, às vezes”, mas brincando. Disse ele: “sim, é verdade. Mas, talvez, mais que egoísta sou individualista”. (eu) Disse: “não, eu sou individualista, você, ao contrário, é egoísta.”

b. **ALE:** (...) ieri, **la Valeria**_i mi raccontava della **Laura**_j, la sorella dell' Antonella, **che**_j s' è sposata da poco. _____i Mi diceva però non va tutto bene, perché **lei**_j²⁶ insomma ancora ‘un [non] era tanto pronta (...)’

‘(...) ontem, a Valeria me contava da Laura, a irmã da Antonella, que se casou recentemente. Me dizia, porém, que não vai tudo bem, porque ela, enfim, não estava ainda pronta (...)’

²⁶ Note-se que o pronome *lei*, neste caso, deve ser expresso evitando a coindexação com o sujeito da oração matriz, mesmo estando em uma oração adjunta. Se a posição não viesse preenchida, a única interpretação possível seria a de que Valeria não estava pronta para a vida de casada e não Laura, a irmã de Antonella, de quem se falava anteriormente.

FRA: Perché?

‘Por que?’

ALE: Perché capi... lui, questo ragazzo [il marito], dice che è un tipo. Cioè, ha visto quando ti sposi un po' devi cambiare, anche abitudini. LUI, invece, continua a andare sempre dalla su' mamma, a mangia' dalla su' mamma pranzo, cena, e poi va allenamenti come se niente fosse, quindi la casa, praticamente, ci deve stare LEI... [ALE ifamcv15]

‘Porque, enten... ele, esse rapaz [o marido], diz que é uma figura. Ou seja, viu que quando (você - arb.) se casa, um pouco deve mudar, inclusive hábitos. Ele, ao contrário, continua sempre na mamãe, comendo na mamãe, almoço, jantar, e depois, vai para o treino, como se não tivesse nada, então na casa, de fato, lá deve ficar ela.’

(54) a. LIA: [...] ‘un [non] mi ricordo indo' ho messo le fotografie delle Dolomiti e della Germania. Oh, questa è bella. Eppure le presi...

‘Não me lembro onde coloquei as fotografias das Dolomitas e da Alemanha. Oh, essa é bonita. Também as tirei...’

ELA: Mi ricordo che TU me l’hai fatte vedere anche a me.[ELA ifamcv01]

‘Me lembro que você me as mostrou também a mim’.

b. SIL: Enea sarebbe praticamente il fidanzato, l' altro fidanzato di Francesca Neri. Cioè, praticamente lui lascia, no? Lui lascia, praticamente, Massimo Troisi... Francesca Neri per questo arbitro, diciamo, di che era, pallanuoto? Che cos’era?

‘Enea seria, na prática, o noivo, o outro noivo de Francesca Neri. Ou seja, praticamente ele deixa, não? Ele deixa, de fato, Massimo Troisi... Francesca Neri para esse árbitro, digamos, de que era, pólo aquático? O que era?’

FAB: Aspetta... forse ping pong, mi sembra...

‘Espera... talvez ping pong, me parece...’

FRA: Ping pong?

FAB: Cos' è ?

‘O que é?’

SIL: No... erano in piscina, mi ricordo IO. [SIL ifamcv12]

‘Não... estavam na piscina, me lembro eu.’

É interessante observar que dos 98 dados referidos, 67 (68%) apresentam sujeito anteposto, ilustrados em (a) dos exemplos acima, e apenas 31 (32%), sujeito posposto, mostrados em (b). Vejamos abaixo a tabela 11, em que são apresentados

os percentuais de sujeitos antepostos e pospostos para cada tipo de nuance encontrada:

Antepostos		Pospostos	
Contraste	Ênfase	Contraste	Ênfase
40 / 98- 39%	28 / 98 - 29%	9 / 98 - 10%	22 / 98 - 22%
Total: 67 / 98 - 68%		Total: 31 / 98 - 32%	
Total geral: 98 - 100%			

Tabela 11: Distribuição dos sujeitos categoricamente plenos para a expressão de ênfase ou contraste, segundo a posição

Conforme a tabela 11 parece demonstrar, apesar da quantidade reduzida de dados já esperada em relação ao total, mesmo em línguas [+ *pro drop*], que exibem a propriedade de inversão “livre” de sujeito, a expressão de contraste e de ênfase encontra lugar na posição pré-verbal, representando 68% do total de sujeitos categoricamente plenos, o que demonstra a fragilidade da propriedade em questão: a inversão seria, assim, condicionada por fatores discursivos (Âmbar 1988, Beletti 2002). Entretanto, é interessante observar que, entre os sujeitos pós-verbais, os que expressam ênfase são os que apresentam índice mais expressivo, correspondendo a mais da metade dos sujeitos pospostos (22%)²⁷.

Dos casos de sujeitos pospostos enfáticos - posição em que se tem um pronome forte em oposição ao fraco, que ocorre em Spec IP -, chamam atenção os dados de segunda pessoa do singular, que apresentaram, nesse contexto, a preferência pela forma *te*, no lugar de *tu*, que ocorre na posição pré-verbal, conforme Benincà (1993, 2005), o que evidencia na amostra analisada a presença de uma característica do falar das zonas setentrionais da Itália, incluindo Florença. Apenas um dado do pronome *tu* posposto foi encontrado, porém na posição pós-auxiliar, ou seja, na mesma posição dos que aparecem após o verbo flexionado. Os três casos mencionados acima se encontram, respectivamente, ilustrados em (55) abaixo:

²⁷ Além dos dados comentados nessa seção, não foi computado na análise multivariada o dado abaixo, que apresenta sujeito posposto, já que aparece com um verbo *dicendi*, contexto em que a posposição parece bastante natural em qualquer língua:
 “Di sabato insoma intervistano questo qui... e ____i diceva “ma infondo, c' è unità”, diceva LUI_i. [DAN ifamcv23]” (No sábado, então, entrevistaram este aqui... e dizia “mas, no fundo, há unidade”, dizia ele.)

(55) a. Quindi, per te, io non devo prendere più un altro testo. Sostanzialmente, mi devi dire **te** se ti sei trovata bene in questa cosa qui [...]. [MAX ifamcv27]

‘Então, para você, eu não devo pegar mais um outro texto. Substancialmente, me devi dizer você se (você) se encontrou bem nessa coisa aqui [...].’

b. Sei ignorante anche se **tu** rinasci. [LUC ifamcv10]

‘(você) É ignorante mesmo se você renasce.’

c. Quindi, anche la parte museale, anche se è in vetro, cioè, puoi **tu** insonorizzarla come vuoi, Angelo. [LAU ifamcv16]

‘Então, inclusive a parte do museu, mesmo se é de vidro, ou seja, pode você sonorizá-la como (você) quer, Angelo.’

Outro ponto importante sobre os sujeitos pospostos, diz respeito à presença de um clítico na posição pré-verbal, coindexado com o DP sujeito posposto, característica do dialeto florentino, o que está de acordo com as afirmações de Rizzi (1989) (cf. seção 2.3.5.2) sobre a diferença entre os sujeitos clíticos do francês e dos dialetos italianos. Vejamos os exemplos em (56) abaixo:

(56) a. **Lui_i** si vuole vedere [quando l'_i è bambino **lui_i**]. [ELA ifamcv01]

‘Ele quer se ver quando é menino (pequeno) ele.’

b. Ma **gli_i** mette **lui_i** una mano sulla spalla. [ELA ifamcv01]

‘Mas coloca ele uma mão sobre o ombro.’

Notemos que, embora o primeiro exemplo trate de uma oração encaixada e o segundo, de uma oração absoluta, o DP sujeito posposto está coindexado com um pronome clítico de terceira pessoa em posição pré-verbal.

É notável o fato de que os pronomes ligados aos DPs sujeitos pospostos ao verbo nas duas orações, embora de terceira pessoa do singular, não são iguais. De acordo com o que podemos observar no “Vocabolario Del vernacolo e del dialetto toscano di ieri e di oggi”, Galli 2008), no caso dos sujeitos referencias, o clítico sujeito correspondente ao pronome *lui* é, de modo geral, *gli*, conforme vemos em b, quando estamos diante de sujeitos de referência definida. Entretanto, as ocorrências descritas no “Vocabolario” nos permitem dizer que, quando se trata do verbo *essere*

(*ser* ou *estar*, em português) há duas possibilidades de pronomes: *gli*, quando o verbo *essere* corresponde a *ser*, seja de ligação ou auxiliar; e *lo/a*, quando corresponde ao verbo *estar*, qualquer que seja seu uso, como podemos verificar nos exemplos em (57) abaixo (cf. Galli, 2008):

- (57) a. Indò l'è to màe? (Dov'è tua madre?)
'Onde está sua mãe?'
- b. L'è un bollore oggi! (Fa caldo oggi!)
'Está um calor hoje!'
- c. L'ingresso gl'è gratisse. (L'ingresso è gratis.)
'O ingresso é grátis.'
- d. Icchè gl'è cascato? (Per caso è caduto?)
'Por acaso (ele) caiu?'

Se por um lado, seria possível esperar o aparecimento desse tipo de estrutura, visto que os informantes que compõem a amostra são, em maioria, de Florença, por outro, sua escassez, nesse estudo, parece estar ligada ao fato de serem esses usos muito particulares do dialeto florentino, e não influências dialetais no italiano *standard*, compondo uma variedade sub-*standard*. Seu surgimento na amostra de italiano sub-*standard* médio analisada aqui parece estar ligado à coexistência da gramática do dialeto florentino e da gramática do italiano sub-*standard* médio, sobretudo tendo em conta que foram produzidas por informantes das faixas etárias mais altas²⁸.

Além dos sujeitos contrastivos e enfáticos, esperávamos encontrar sujeitos categoricamente plenos em casos em que a desinência número-pessoal do verbo favoreceria a ambigüidade, como ocorre no *presente congiuntivo*, em que se verifica a desinência Ø para as três pessoas do singular, e no imperfeito *congiuntivo*, em que a primeira e a segunda pessoas do singular compartilham a desinência Ø, como apontam os trabalhos revisitados no Capítulo II. No entanto, não foram encontrados sujeitos plenos no sentido de desfazer essa possível ambigüidade. Detalharemos esses casos na seção 4.1.5 deste capítulo.

²⁸ Trataremos da questão dos clíticos sujeitos presentes na amostra na seção 4.1.4 deste capítulo.

4.1.2 Sujeitos nulos vs. plenos

Como já mencionado, do total de 867 dados computados para análise multivariada, 746 exibem sujeitos nulos (86%) e 121, sujeito preenchidos (16%). Desse modo, de acordo com as previsões feitas, na amostra analisada, o italiano sub-*standard* médio mostrou-se predominantemente favorável ao apagamento do sujeito, conforme podemos ver no gráfico 2 abaixo:

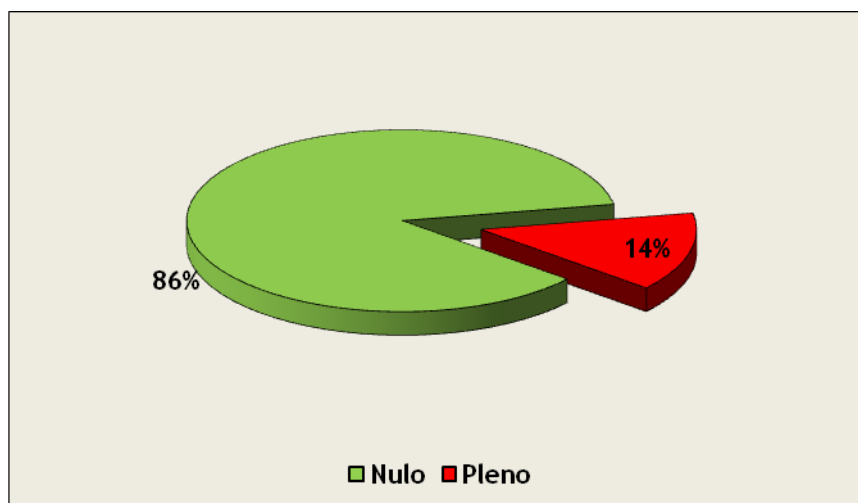


Gráfico 2: Resultado geral - sujeitos nulos vs. plenos - italiano

Com o intuito de estabelecer uma comparação com os resultados encontrados para as duas variedades do português, PE e PB (cf. Duarte 1995), e para as do espanhol, Madri e Buenos Aires (cf. Soares da Silva 2006), apresentamos abaixo a tabela 12 abaixo, com os resultados gerais para as três línguas/variedades românicas observadas:

Língua / Variedade			
Românica	Nulos	Plenos	Total
Italiano sub- <i>standard</i> médio	746 - 86%	121 - 14%	867 - 100%
Espanhol (Madrid)	937 - 76%	422 - 26%	1238 - 100%
Espanhol (Buenos Aires)	834 - 68%	414 - 21%	1221 - 100%
Português Europeu	738 - 66%	378 - 34%	1116 - 100%
Português Brasileiro	415 - 29%	1009 - 71%	1424 - 100%

Tabela 12: Distribuição de sujeitos nulos vs. plenos pelas línguas românicas

Em uma primeira análise, como se pode notar através da leitura da tabela 12 acima, apesar da diferença entre os números de dados analisados para cada variedade românica, é nítida a aproximação entre italiano *standard*, espanhol e PE, no que diz respeito à preferência pelo sujeito nulo, todos com índices superiores a 65%. De modo oposto, encontramos o PB, que revela um percentual absolutamente expressivo de sujeitos plenos (71%), comportamento diametralmente oposto ao das outras línguas/variedades românicas.

De fato, assim como no espanhol e no PE, esperávamos encontrar, na amostra de italiano, sujeitos plenos, tendo em vista o Princípio do Subconjunto (Raposo 1992), segundo o qual podemos compreender que línguas positivamente marcadas em relação ao PSN, apesar de exibirem a forma nula como *default*, podem (ou precisam) apresentar, em determinadas circunstâncias, sujeitos foneticamente realizados. É o que afirma Rizzi (1982), sobre os casos de contraste e ênfase, além da questão da desambigüização, e até mesmo da introdução do falante ou da retomada de um sujeito distante na mudança de tópico, um fator discursivo que não pode ser ignorado. Antes de passar aos resultados da análise multivariacional, apresentamos na seção 4.1.3 uma análise dos contextos em que esses sujeitos nulos ocorreram na amostra e em 4.1.4 um exame dos sujeitos clíticos.

4.1.3 Os sujeitos plenos no italiano

Com a subtração dos casos de sujeitos categoricamente plenos, restam-nos 867 dados, dos quais 746 (86%) são nulos e 121 (14%), plenos. Apesar de os sujeitos plenos totais representarem uma parcela relativamente pequena, é necessário fazermos algumas considerações sobre os contextos discursivos em que se inserem os sujeitos foneticamente realizados em uma língua de sujeito nulo.

Como já havíamos descrito no Capítulo III desta Dissertação, o *corpus* utilizado para a constituição da amostra em análise é composto por conversações, em que há sempre mais de um participante. Nessas condições, constatamos situações particulares desse tipo de *corpus*, como (a) a introdução do participante na conversa, tanto no primeiro registro de sua presença, quanto em retomada de turno de fala, expressando opinião, ratificação ou reiteração de uma opinião/idéia anterior; (b) a referência direta a participantes, tanto em sua primeira menção, quanto nos casos

de mudança de interlocutor e (c) a introdução de um tópico discursivo e sua conseqüente progressão ou mudança do tópico discursivo.

Desse modo, foi possível verificar que todas as ocorrências de sujeitos plenos poderiam ser enquadradas em algum dos itens de (a) - (c), o que nos permite dizer que, dentre os dados analisados, a presença de um pronome sujeito anteposto ao verbo exibe outras funções discursivas, além das que já havíamos considerado. Apenas duas ocorrências não puderam ser identificadas pela falta de contexto anterior, causada por algum tipo de ruído ou interrupção que inviabilizou a transcrição da fala do informante. Observemos o gráfico 3 abaixo, de acordo com os itens (a), (b) e (c):

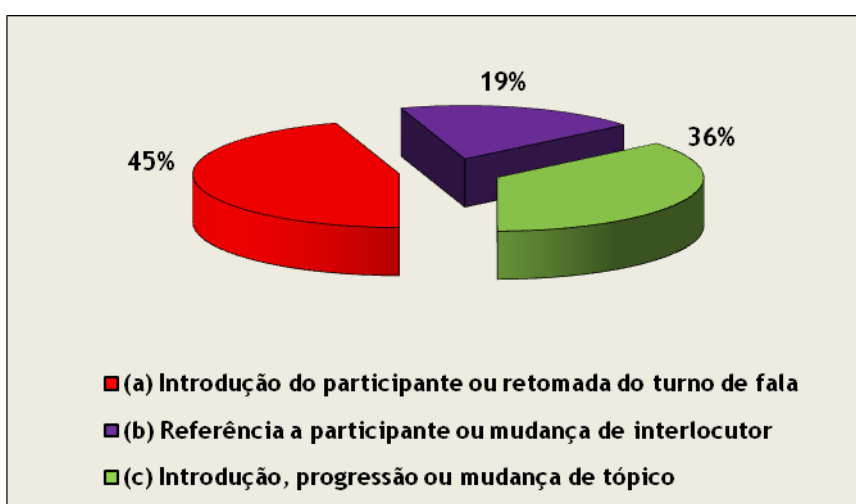


Gráfico 3: Distribuição de sujeitos plenos segundo a função discursiva

Como é possível observar, dos 121 dados de sujeitos plenos, 54 ocorrências (45%) representavam introdução do turno de fala do participante na conversação ou sua reintrodução, retomando o turno de fala, no sentido de expressar uma opinião, reiterar uma informação, confirmar um posicionamento ou idéia anteriormente expressos. No exemplo em (58) abaixo, representamos uma situação em que dois membros de uma banda de música discutiam sobre o fato de que alguns componentes da banda, que não estavam presentes na ocasião, não gostariam de adquirir novos equipamentos por questões financeiras e uma das participantes, ausente da discussão momentaneamente, retoma o turno de fala para esclarecer o ponto de vista de um dos músicos:

(58) **GPA:** Noi facciamo una... decidiamo la scadenza entro il quale si deve prendere una decisione. Cioè, se uno ha trovato di meglio, di alternativo, lo dice: 'ragazzi, io ho trovato questo, questo e questo.' Magari, io ho trovato 'st' [quest'] impianto, me lo vende un mio amico a quattrocentomila lire.

'Nós fazemos uma... decidimos o prazo dentro do qual se deve tomar uma decisão. Ou seja, se um encontrou melhor, alternativo, diz: 'pessoal, eu encontrei esse, esse e esse.' Talvez, eu tenha encontrado esse aparelho, me vende um amigo meu a quatrocentas mil liras.'

SRE: Va bene. Ma, 'un [non] si può votare direttamente questa cosa?

'Tudo bem. Mas, não si pode votar diretamente essa coisa?

LEO: Mettà gennaio.

'Metade de janeiro.'

SRE: No? Più o meno, tu lo sai come la pensano loro, più o meno. Loro non vogliono.

'Não? Mais ou menos, você sabe como pensam eles, mais ou menos. Eles não querem.'

[...]

GPA: Io, magari, se si riusciva a dare un po' di tempo per fare... [...] Eh, io posso convincerli, [...] mi devo convincere anch'io [...] non posso nemmeno rompere i coglioni.

'Eu, talvez, se se conseguisse dar um pouco mais de tempo para fazer... [...] Eh, eu posso convencê-los, [...] devo me convencer também [...] não posso ficar duro.'

ANG: No, io lo capisco. Cioè, la questione di principio, la capisco.

'No, eu o entendo. Quer dizer, a questão di início, a entendo.

SRE: Sì, ma quello lo capisco anch' io. Se non, se non avete bisogno...

'Sim, mas isso entendo eu também. Se não, se (vocês) não têm necessidade...

ANG: È solo il fatto che è talmente poco. Cioè, sono veramente settemila lire... [ANG ifamcv02]

'É só o fato de que é mesmo pouco. Ou seja, são realmente sete mil liras...'

A referência direta a um participante da conversação ou a mudança de interlocutor, conforme o gráfico 3, representa 19% (23 ocorrências) do total de sujeitos plenos. Abaixo, no exemplo em (59), ilustramos um caso de mudança de interlocutor.

(59) SIL: Cioè, ragazzi, veramente. Però è bellino questo posto, è simpatico qua. Avete mai visto ‘Ricomincio da tre’?²⁹

‘Ou seja, pessoal, de verdade. Mas, é bonito esse lugar, é simpático aqui. (vocês) Nunca viram ‘Ricomincio da tra’?’

FAB: Quello di Troisi?

‘Aquele de Troisi?’

[SIL confirma com um movimento de cabeça]

GIA: Io non guardo Troisi, perché non lo capisco.

‘Eu não vejo Troisi, porque não o entendo.’

SIL: Ma va, ma dai...

‘Como assim?’

GIA: Quando parla, non capisco un cavolo!

‘Quando fala, não entendo nadinha!’

FAB: Ma ridi lo stesso, non c'è problemi se non lo capisci...

‘Mas (você - arb.) ri a mesma coisa, não tem problema se (você - arb.) não o entende...’

SIL: Ma che non lo capisci... ma come fai a non capirlo!

‘Mas como (você) não o entende... mas como (você) faz para não entendê-lo!’

GIA: Non si capisce una parola di Troisi. [*Ele ri*]

‘Não se entende uma palavra de Troisi.’

SIL: Tu capisci? [*Falando com FRA*] Eh?

‘Você entende? Eh?’

FRA: Qualcosa sì. È vero, a volte, qualcosa, non lo capisci, però. [SIL ifamcv10]

‘Alguma coisa, sim. É verdade, às vezes, alguma coisa, (você - arb.) não o entende, porém.’

Por fim, a questão da introdução, progressão, retomada ou mudança de tópico discursivo aparece representada no gráfico 3 acima por 36% (45 ocorrências) do total de sujeitos antepostos. Abaixo, em (60), apresentamos um exemplo de retomada do tópico discursivo, introduzido por SND, que conversava com RSY, quando entra no recinto OLM, interrompendo a conversa momentaneamente. Há, na sequência, a retomada do tópico discursivo por SND.

²⁹ ‘Ricomincio da tre’ (1981) é um filme italiano dirigido por Massimo Troisi. Não foi lançado no Brasil.

(60) SND: [...] tipo, oggi, ho detto: 'Raffaele, vuoi venire a ballare?

'[...] tipo, hoje, (io) disse: 'Raffaele, quer sair para dançar?'

[Alguém bate na porta]

RSY: Avanti!

'Entra!'

[Entra OLM. SDN cumprimenta OLM e continua falando com RSY]

SND: Ti stavo dicendo... Io ho detto: 'Vuoi venire a ballare?', convinta che io già sarei andata indipendentemente dalla sua scelta, capito? O lui viene o non viene, io comunque vado a ballare. Vabbè, su queste cose mi sono organizzata con un' amica, con qualcuno... Ho fatto telefonate. Poi vabbè, è logico, se ero da sola, poi alla fine, decidevo di fare altro. Magari andavo al cinema. A ballare...

'(eu) Estava te dizendo... Eu disse: 'Quer sair para dançar?', convencida que eu iria independentemente da escolha dele, entendido? Ou ele vem ou não vem, eu, de qualquer maneira, vou dançar. Depois, tudo bem, é lógico, se estava sozinha, depois no final, (io) decidia fazer outra coisa. Talvez ia ao cinema. Dançar...

RSY: Cioè, a ballare da sola, come vai?

'Quer dizer, dançar sozinha, como assim?'

SND: A ballare, no, in effetti.

'Dançar, não, de fato.'

OLM: Cosa stavate bevendo? Il succo?

'O que (vocês) estavam bebendo? Suco?'

RSY: No, la spremuta.

'Não, refresco.'

OLM: Il succo nel senso della spremuta...

'Suco no sentido de refresco...'

SND: Quindi, secondo me, lui è individualista, un po' egoista rispetto a me. Invece, secondo lui, dice che io non sono individualista. Sono più aperta, magari... lui è più chiuso.

'Então, na minha opinião, ele é individualista, um pouco egoísta comigo. Ao contrário, na opinião dele, diz que eu não sou individualista. Sou mais aberta, talvez... ele é mais fechado.'

OLM: Ho fame. [SND ifamcv21]

'Estou com fome.'

É importante notar que de todos os sujeitos expressos referidos acima aparecem antepostos ao verbo. Assim, podemos dizer que a posposição, na amostra em análise, mostrou-se exclusivamente uma estratégia para a marcação de ênfase ou contraste, conforme as previsões feitas (Rizzi, 1982), o que provoca a exclusão de tais dados da análise da regra variável.

Do mesmo, a introdução/retomada do turno de fala, mudança de interlocutor e a manutenção/progressão de tópico ocorreram na amostra em sentenças com sujeito nulo. Os exemplos em (61) a, b e c ilustram esses casos, respectivamente:

(61) a. **CAR:** Come andò domenica a Milano? Tant' acqua, eh?

‘Como foi domingo em Milão? Muita água, eh?’

SAB: Mah, un casino. _____{cv} Siamo scesi da i' pull... 'un [non] te l' ha raccontato Luca? Praticamente siamo alle due e mezzo... s' era ancora su i' pullman... [SAB ifamcv10]

‘Mah, uma confusão. Descemos do pull... não te contou Luca? De fato, estávamos às duas e meia... estávamos no pullman...’

b. **OLM:** Oggi eravamo [OLM e MRI] alla fermata in via Doni e abbiamo visto passare il camioncino, Guido.

‘Hoje, estávamos no ponto do ônibus na rua Doni e vimos passar o caminhoneiro, Guido.’

SND: Guido, sì?

[...]

OLM: Perché ci ha sentito. Abbiamo fatto “Guido!” Ah, come ha detto?

‘Porque (ele) nos ouviu. Fizemos “Guido!” Ah, come (ele) disse?’

SND: Davvero? Sì?

‘De verdade? Sim?’

OLM: Davvero... e poi dietro col motorino c' era Tonio.

‘De verdade... e depois, dentro com a motocicleta havia Tonio.’

SND: Ah, vabbè, ma non c' entra niente. Lui non lavora con Guido. Che strano...

‘Ah, tudo bem, mas não faz sentido. Ele não trabalha com Guido. Que estranho...’

OLM: Andiamo di là? [Falando com MRI]

‘Vamos lá?’

MRI: Mh, mh [concordando com OLM] [OLM ifamcv21]

c. **ELA:** Quindi, però tu eri più piccina.

‘Então, mas você estava mais nova.’

LIA: Più piccina un anno.

‘Mais nova um ano.’

ELA: Però eri di già bella.

‘Mas (você) já era bonita.’

LIA: Eh, diciassett'anni... ero come ora, grande e grossa come ora. Non vecchia come ora, ma giovane. Ma la struttura era quella. Se pigli una fotografia della Martina di diciassette co' ora l'è uguale. Insomma è sviluppata uguale.

‘Eh, dezessete anos... (eu) era como agora, grande e gorda como agora. Não velha como agora, mas jovem. Mas a estrutura é aquela. Se (você) pega uma fotografia da Martina com dezessete, com agora, é igual. Ou seja, cresceu igual.’

ELA: Sì, La Martina... è uguale. È sempre bella, ma anche bassa, piccina.

‘Sim, a Martina... é igual. É sempre bonita, mas também (é) baixa, pequena.’

MAX: _____{cv} Dovevi esse' un pò ingrassata però qui. [MAX ifamcv01]

‘(você) Devia estar um pouco (mais) gorda, porém, aqui.’

4.1.4 Resquícios dialetais: o caso dos “clíticos sujeitos”

Entre todos os dados contabilizados para a análise da regra variável (867 dados), foi detectada a presença de 39 sentenças em que figuram os chamados clíticos sujeitos. Tais ocorrências foram incluídas entre os sujeitos nulos, levando em conta as afirmações de Rizzi (1989), já que os clíticos em questão não estavam coindexados a nenhum DP sujeito (a não ser pelos exemplos comentados na seção 4.1.1). Embora não façam parte norma padrão, os clíticos sujeitos de segunda e terceira pessoas, proclíticos a formas verbais finitas, contraídos ou não, aparecem na amostra, conforme vemos de (62) - (65):

(62) Ma t' eri più piccino, però, no? [ELA ifamcv01]

‘Mas (você) estava menor, porém, não?’

(63) Com'andò che **vu'** mi mandasti a Castiglione de' Pepoli? [Max ifamcv01]

‘Como foi que (vocês) me mandavam para Castiglione de' Pepoli?’

(64) Indove³⁰ [dove] l'è andato? 'Un [non] ho mica offeso nessuno... è saltato subito... [SUP ifamcv10]

‘Onde (ele) foi? (eu) Não ofendi ninguém... (ele) pulou fora de repente...’

(65) [...] per esempio, l' altro giorno n' ha scoperta una che è grossa come le case eppure. Dice: ‘Oh, le son complicate’. Dice che uno che abita... ecco... per esempio, tu prendessi quella casa lì, è a uso tuo [...] [BAB ifamcv25]

‘[...] por exemplo, outro dia, (ele) descobriu uma que é um disparate, como as casas também. Disse: ‘Oh, (elas) são complicadas’. Disse que alguém que mora... então... por exemplo, (se) você pegasse aquela casa ali, é para o seu uso[...]

Um fato relevante a ser considerado é a interação entre grupos etária e ocorrência dos sujeitos clíticos: das 39 ocorrências, 34 foram produzidas pelos informantes da faixa mais velha, o que sugere que as influências dialetais no italiano *standard* médio oral parecem estar ligadas à questão da faixa etária. A quantidade pouco expressiva desse tipo de estrutura parece sugerir que o sujeito não encontra terreno na variedade de *standard* analisada aqui, podendo estar fadada à futura extinção.

4.1.5 A desinência número-pessoal do verbo: o problema da ambigüidade

De acordo com o que havíamos descrito (cf. item 3.4.2.3), na amostra analisada, não foram encontrados casos de pronome de segunda pessoa indireta (*Lei*). Isso nos permitiu definir que, nessa amostra, trabalharíamos com desinências número-pessoais exclusivas e o morfema Ø usado para duas (imperfeito *congiuntivo*) ou três (presente *congiuntivo*) pessoas gramaticais. No caso do morfema Ø, a presença de um pronome pleno seria uma estratégia para que se pudessem evitar ambigüidades.

Os resultados mostraram que apenas cinco dados correspondem às formas verbais com desinência número-pessoal Ø. Estes apresentam apenas formas do presente *congiuntivo*, idênticas para as três pessoas do singular. Além disso, todas estão em orações encaixadas. Das cinco ocorrências de orações completivas, três encontram-se completivas de verbos inacusativos (*sembrare* e *parere*) (ou seja,

³⁰ É importante notar que o vocábulo ‘*indove*’ (correspondente a ‘*dove*’ no *standard*) aparece no dialeto florentino como ‘*indò*’ (uso também encontrado em nossa amostra). Isso parece contribuir como evidência, ao lado do operador de negação ‘*un (non)*’, da interação entre o dialeto florentino e o italiano *standard* na composição do italiano *standard* médio oral.

verbos que não selecionam argumento externo e possuem um expletivo nulo na posição de Spec, IP). O exemplo em (66) mostra uma dessas ocorrências:

(66) **SIL:** Dai! Ma è splendido per quello [*film*], é splendido Troisi_i.

‘Quê! Mas é esplêndido naquele [filme], é esplêndido Troisi.’

FRA: Qualcosa sì. È vero, a volte, qualcosa, non lo_i capisci, però.

‘Alguma coisa, sim. É verdade, às vezes, alguma coisa, (você - arb.) não o entende, porém.’

FAB: Sì... ma puoi anche non capire, va bene.

‘Sim... mas (você - arb.) também pode não entender, (que) tudo bem.’

FRA: Esatto.

‘Exato.’

SIL: _____i Comincia a fare... è carino...

‘(ele) Começa a fazer... é fofo...’

FAB: Troisi_i è eccezionale.

‘Troisi é excepcional.’

SIL: _____i È carino qua, _____i è simpatico qua. Quella scena praticamente... ah, non lo_j [*il film*] avete visto voi?

‘(ele) É fofo aqui, é simpático aqui. Aquela cena, de fato... ah, não o [o filme] viram vocês?’

FAB: no... però, mi sembra l'_j ho visto un pezzo.

‘Não... mas, me parece o vi um pedaço.’

FRA: No.

SIL: Perché io lo_j adoro quando praticamente lui_i fa la parte dell' imbarazzato, perché, secondo me, comunque lui_i era proprio così.

‘Porque eu o adoro quando, de fato, ele faz a parte do atrapalhado, porque, na minha opinião, entretanto ele era assim mesmo.’

GIA: _____i Fa sempre quella... ogni volta che _____i parla, _{expl}sembra che [_____i sia imbarazzato], ogni volta che _____i dice qualcosa. [GIA ifamcv12]

‘(ele) Faz sempre aquela... cada vez que fala, parece que seja atrapalhado, cada vez que diz qualquer coisa.’

Nos três casos, ilustrados pelo exemplo acima, podemos observar que o sujeito da oração encaixada não poderia estar coindexado com o da matriz, cujo

verbo não projeta argumento externo. Desse modo, só resta ao sujeito da encaixada estar coindexado com o sujeito da oração anterior, igual em todas as outras orações precedentes na fala do informante em questão. Essa circunstância inviabiliza a ambigüidade, mesmo se tratando de uma forma verbal equivalente para as três pessoas do singular. O ambiente sintático descrito neste exemplo se repete exatamente do mesmo modo nas outras ocorrências de orações encaixadas com verbos inacusativos.

As outras duas orações completivas com verbos no presente *congiuntivo*, que ocupam a posição de argumento interno dos verbos de suas matrizes, não apresentam núcleo de CP preenchido, sendo justapostas. Vejamos o exemplo em (67):

(67) SRE: ____arb Ci metti una piastra, ____arb ti registri, capito? ____arb Metti due microfoni panoramici_i su.

‘(você - arb.) Coloca lá uma placa de ferro, (você - arb.) registra, entendido? (você - arb.) Coloca dois microfones panorâmicos em cima.’

GPA: Sì, sì, ____i vanno a cadere così.

‘Sim, sim, (eles) vão cair assim.’

LEO: ____j Penso un panoramico_k...

‘Penso um panorâmico...’

GNA: Forse ____j non lo_k trovi, fa nulla.

‘Talvez (você) não o encontre, sem problemas.’

LEO: Cosa?

‘O que?’

GNA: ____m Non so se si trova ____k, perché io_m penso ____k sia poco. È tanto, sì, ma io_m penso ____k sia poco, certo... [GNA ifamcv02]

‘Não sei se si encontra, porque eu penso (que) seja pouco. É muito, sim, mas eu penso (que) seja pouco, certo...’

Como podemos notar, no exemplo acima, o verbo ‘*essere*’, na forma do *presente congiuntivo* (‘*sia*’) das duas orações completivas, poderia estar, teoricamente, levando em consideração apenas os aspectos estruturais e, portanto, desprezando momentaneamente as questões semânticas, coindexado com o sujeito da oração matriz (*io*), com o sujeito da oração na fala anterior do informante (*tu*) e com um terceiro elemento, como é o caso, tópico do discurso, complemento de ‘*pensare*’ e ‘*trovare*’, nas falas de LEO e GNA, respectivamente, tendo em vista a

questão da desinência número-pessoal Ø. Entretanto, é necessário observar algumas propriedades da subordinação em italiano.

A primeira consideração a ser feita é que, de fato, segundo Dardano e Trifone (2003), orações encaixadas na posição de argumento interno da matriz, em italiano, apresentam verbos no modo *congiuntivo*, sempre que o verbo da oração matriz denotar vontade, desejo, expectativa ou temor³¹. Todavia, assim como em português, o italiano dispõe desse tipo de oração (a) com complementizador (que pode vir omitido, como ocorre no exemplo acima) e verbos finitos, (descrita na tradição gramatical italiana com '*forma esplicita*') e (b) orações infinitivas ('*forma implicita*'), que deve ser introduzida pela preposição '*di*'. Sobre o uso de uma ou outra forma, os autores afirmam:

“A objetiva reduzida é introduzida pela preposição '*di*' e tem um verbo no infinitivo, com o mesmo sujeito da principal: (...). É necessária, entretanto, a forma desenvolvida quando o sujeito for diferente: (...).”³²

Logo após, continuam a explicação:

“Com os verbos comandar, ordenar, permitir, proibir, vetar pedir e outros com significado análogo, pode ocorrer a forma reduzida mesmo que o sujeito da principal e o sujeito da objetiva não coincidam: (...).”³³

Retornando ao exemplo em (P), podemos constatar que, qualquer que fosse o contexto discursivo, levando em conta a o verbo da oração matriz e o fato de que a encaixada é *esplicita* (ainda que justaposta), não haveria a possibilidade de coindexação entre os sujeitos da matriz e da encaixada, pois o que deveríamos ter seria a forma *implicita*, como no exemplo em (68) abaixo, retirados de Dardano e Trifone (2003):

(68) _____{cv} Ritengo di _____{cv} aver agito correttamente.

³¹ Traduzido conforme o original (Cf. Dardano e Trifone 2003).

³² “*L’oggettiva implicita è introdotta dalla preposizione di (...) e ha il verbo all’infinito, con lo stesso soggetto della reggente: (...). È necessario invece la forma esplicita quando il soggetto è diverso:(...)*” [Minha tradução]

³³ “*Con i verbi comandare, ordinare, permettere, proibire, vietare, cheidere, e con altri di significato analogo, si può avere la forma implicita anche se il soggetto della reggente e il soggetto dell’oggettiva non coincidono (...)*” [Minha tradução]

‘Considero ter agitado corretamente.’

O que se tem, então, é a coindexação entre o sujeito nulo da oração encaixada com o argumento interno da oração anterior, garantindo sua interpretação referencial e impossibilitando qualquer tipo de ambigüidade, sem que haja a necessidade de se realizar foneticamente o pronome sujeito.

4.1.6 A animacidade do referente do pronome de terceira pessoa

Conforme esperado, dos 429 dados de sujeitos pronominais de referência definida de terceira pessoa³⁴, nenhum apresentou pronome expresso com referente [-animado], comportamento prototípico de LSNs. Esse resultado evidencia ainda mais o afastamento do PB do rol das LSNs, já que expressa foneticamente o sujeito nos casos de referentes com traço [-animado]. Vejamos a tabela 13 abaixo:

Traço semântico	Nulo	Pleno	Total
[- animado]	117 - 100%	-	117 - 100%
[+ animado]	288 - 92%	24 - 8%	312 - 100%
Total	405 - 94%	24 - 6%	429 - 100%

Tabela 13: Distribuição de sujeitos nulos e plenos pelo traço semântico do referente

O resultado apresentado na tabela acima mostra que a fala culta italiana encontra-se mais próxima do espanhol - a variedade madrilena apresenta um percentual total de nulos de 92%, seguido pela portenha, com 86% de nulos totais - (Soares da Silva, 2006), em que não houve expressão do sujeito pronominal com referente [-animado], que do PE (Duarte, 1995), que apresentou 7% de sujeitos plenos com tal animacidade. Entretanto, o italiano revelou índices mais altos de sujeitos nulos que as duas variedades do espanhol examinadas por Soares da Silva (2006), no que diz respeito aos sujeitos de referente com traço [+animado]. Vejamos a tabela 14 abaixo, em que podemos ver os índices de sujeitos nulos nas variedades românicas comparadas aqui:

³⁴ Dos 8 dados de sujeitos pronominais de terceira pessoa pospostos (incluídos nos dados de ênfase e contraste), todos tinham como referente DPs com traço [+animado].

Língua / Variedade Românica	[+ animado]	Total
Italiano	288 - 92%	312 - 100%
Espanhol (Madrid)	309 - 88%	354 - 100%
Espanhol (Buenos Aires)	273 - 78%	348 - 100%
Português Europeu	238 - 69%	346 - 100%
Português Brasileiro	138 - 36%	384 - 100%

Tabela 14: Sujeitos pronominais nulos com traço [+ animado] nas variedades românicas

Como podemos notar, a tabela 14 sugere uma gradação, que nos permite atestar (a) o afastamento do PB das outras línguas, no sentido de expressar maior preferência pelo preenchimento; e (b) o diferente comportamento das LSNs quanto à presença de sujeitos plenos. Apesar de italiano, espanhol e PE índices de sujeitos nulos muito mais significativos que os de sujeitos plenos, na comparação entre as línguas/variedades, vemos que os percentuais de nulos decrescem do italiano ao PE³⁵.

4.2 A ANÁLISE DE REGRA VARIÁVEL

4.2.1 Contextos de favorecimento do sujeito nulo: os grupos de fatores selecionados

Nessa seção, faremos um apanhado e os devidos comentários sobre os quatro grupos de fatores que se mostraram relevantes, segundo a análise estatística, para o aparecimento mais expressivo dos sujeitos nulos no italiano, exatamente na ordem de relevância, segundo a qual foram selecionados pelo pacote de programas VARBRUL na análise multivariada.

³⁵ Apesar de a tabela 14 apresentar percentuais baseados em totais diferentes para cada língua/variedade românica analisada, consideramos que a comparação entre elas é possível, já que os números totais não apresentam uma distância muito grande. Além do mais, o que estamos propondo é a possibilidade de haver um comportamento diverso entre as LSNs e não o quão diverso seria esse comportamento.

4.2.1.1 A pessoa gramatical

A pessoa gramatical foi o fator mais relevante para a distribuição entre sujeitos nulos e plenos na amostra de italiano utilizada. A tabela 15 mostra a distribuição dos sujeitos nulos pelas pessoas gramaticais.

Pessoa Gramatical	Ocorrência - %	P.R.
1ª p. singular	179/239 - 75%	.34
2ª p. singular	104/133 - 78%	.39
3ª p. singular	250/272 - 92%	.62
1ª p. plural	34/41 - 83%	.48
2ª p. plural	25/26 - 96%	.82
3ª p. plural	38/40 - 95%	.75
Total	630/751 - 84%	
Log Likelihood= -296.818 Significance= .011 Input .88		

Tabela 15: Distribuição de nulos por pessoa gramatical singular e plural

Como podemos perceber, em uma análise geral da tabela 15, a segunda e terceira pessoas do plural são as que mais favorecem o apagamento do sujeito, apresentando pesos relativos mais altos (.82 e .75, respectivamente). Na seqüência, temos a terceira pessoa do singular (.62). Em posição intermediária, vemos a primeira pessoa do plural (.48). No pólo extremo, favorecendo o sujeito pleno, aparece a primeira pessoa do singular (.34) a segunda do singular (.39).

É importante notar que, se observarmos as pessoas gramaticais separadamente quanto ao número, vemos que, por um lado, tanto no singular, quanto no plural se mantém a hierarquia referencial proposta Ciryno, Duarte & Kato (2000), tendo em vista que a primeira pessoa é a que se apresenta mais favorável ao preenchimento, seguida da segunda (no singular) e a terceira aparece como a que se mostra mais resistente ao preenchimento.

Como descrito no item 4.1.3 deste capítulo, os sujeitos plenos encontrados no italiano sub-*standard* médio oral na amostra em estudo revelam algum tipo de ligação com aspectos pragmático-discursivos motivados pelo tipo de inquérito. Tais aspectos, como retomada do turno de fala, expressão de opinião, reiteração de idéias, introdução e mudança de interlocutor, estão diretamente relacionadas com as duas primeiras pessoas do discurso. Essa observação, no tocante à primeira pessoa, está de acordo com a hipótese de Duranti & Ochs (1979), que mostram que o falante tende a se introduzir no discurso através do pronome pleno. Parece que o mesmo

ocorre, com a segunda pessoa: o falante tende a introduzir o seu interlocutor no discurso através do uso de um pronome pleno.

Embora tanto no singular, quanto no plural, a primeira pessoa atue como a mais suscetível à realização fonética do sujeito, a hierarquia encontrada para o singular, não se verificou no plural, já que a segunda e a terceira pessoas apresentaram o mesmo valor de peso relativo. A distribuição irregular da amostra quanto à pessoa gramatical, no tocante ao número, pode ter agido de forma a enviesar os resultados, sobretudo, se observarmos a reduzida quantidade de dos no plural comparado ao que encontramos para o singular. No sentido de verificar se essa diferença de fato teria causado a disparidade entre singular e plural, efetuamos a junção das pessoas gramaticais e submetemos os dados a um novo tratamento estatístico no pacote de programas VARBRUL. Vejamos abaixo a tabela 16, em que se podem verificar os resultados unificados:

Pessoa Gramatical	Ocorrência - %	P.R.
1ª pessoa	213/280 - 76%	.37
2ª pessoa	129/159 - 81%	.44
3ª pessoa	288/312 - 92%	.64
Total	630/751 - 84%	
Log Likelihood= -300.989 Significance= .012 Input .87		

Tabela 16: Distribuição de nulos por pessoa gramatical

De fato, a tabela 16 confirma nossas expectativas, mantendo a hierarquia entre as pessoas gramaticais no que se refere aos percentuais: a terceira pessoa apresenta o percentual mais alto de sujeitos nulos (92%), seguida da segunda pessoa, com 81% e, por fim, a primeira pessoa, que apresentou o menos índice de sujeitos nulos (76%). Quanto à tendência ao favorecimento/desfavorecimento da expressão fonética do sujeito, notamos que a terceira pessoa aparece como a mais favorecedora do sujeito nulo (.64), claramente distante das duas demais pessoas: a segunda com índice de .44 (diferença de .20) e a primeira, com .37 (diferença de .27).

Esses resultados nos permitem dizer que, mesmo em LSNs, a presença de sujeitos plenos se efetiva e também é influenciada pela referencialidade da pessoa gramatical. Esse fator se mostrou também relevante na análise do PE (Duarte, 1995) e das duas variedades do espanhol (Soares da Silva, 2006), em um pólo, e na do PB (Duarte 1995, 2003), em outro pólo, sugerindo que a pessoa gramatical seria atuante

quanto à representação do sujeito pronominal nas línguas que permitem um sujeito nulo ou expresso.

4.2.1.2 O padrão sentencial

O padrão sentencial foi o segundo grupo de fatores a ser selecionado como relevante para a representação do sujeito pronominal. A tabela 17 abaixo, ilustra os percentuais e os pesos relativos encontrados para os padrões descritos em 3.4.2.11 e ilustrados de (69) a (73) abaixo:

Padrão sentencial	Ocorrência - %	P.R.
(69) Padrão A	49/54 - 91%	.60
(70) Padrão B	200/217 - 92%	.65
(71) Padrão C	47/51 - 94%	.68
(72) Padrão D	285/365 - 78%	.40
(73) Padrão E	25/30 - 83%	.38
Padrão F	24/34 - 71%	.34
Total	630/751 - 84%	
Log Likelihood= -300.989 Significance= .012 Input .87		

Tabela 17: Distribuição de sujeitos nulos pelos padrões sentenciais

(69) Questo è il giorno che _____i ho scoperto che _____i ero cattivo. [MAX ifamcv01]

‘Esse é o dia que (eu) descobri que (eu) era malvado.’

(70) Eh, Eno_i è questo qui. E qui quanto _____i c’aveva, Massimo? [ELA ifamcv01]

‘Eh, Eno é esse aqui. E aqui, quanto (ele) tinha [de idade], Massimo?’

(71) [...]guardi le fotocopie_i, perchè _____i son le stesse cose che dice lui a lezione
[VAL ifamcv27]

‘[...] (você) olha as fotocópias, porque (elas) são as mesmas coisas que diz ele na aula.’

(72) [...] cioè, uno_i vede degli scorci di quello [che c’è all’interno]. _____i Può essere incurioso. [LUI ifamcv16]

‘[...] ou seja, alguém vê os dois lados daquilo que há no interior. Pode ficar curioso.’

(73) Io ho avuto un professore bravissimo de fisica_i. Ho fatto fisica per tutti e cinque gli anni, perchè facevo la sperimentazione. Quindi, si fa fisica sempre. [...] E lui_i era veramente, veramente bravo. [ALE ifamcv23]

‘Eu tive um professor ótimo de física. Fiz física durante todos os cinco anos, porque (eu) fazia a experiência. Assim, se faz física sempre. E ele era realmente, realmente bom.’

Conforme nossas expectativas, ainda que todos os padrões mostrem elevados percentuais de sujeitos nulos, os contextos em que o referente é mais facilmente encontrado, por estar no mesmo período, ou no período imediatamente anterior, tendem a favorecer o sujeito nulo. Até mesmo no caso de o antecedente exercer uma outra função sintática na oração anterior no mesmo período (padrão C) favorece o sujeito nulo favorecido, um comportamento esperado numa língua de sujeito nulo, que já foi perdido no PB. Isso se verifica com a observação dos pesos relativos dos padrões A, B e C: .60, .65 e .68, respectivamente. Os padrões D e E apresentaram pesos menores significativamente menores (.40 e .38, respectivamente), o que demonstra que a presença de material interveniente entre o sujeito pronominal e seu referente atua em favor do preenchimento.

A hierarquia encontrada na análise do italiano se verificou também no PE (Duarte, 1995) e nas duas variedades do espanhol, segundo Soares da Silva (2006), embora em sua análise, os padrões exibam um comportamento mais bem distribuído, no sentido de que os pesos decrescem, a partir do padrão A em direção ao E, de modo mais uniforme. De qualquer maneira, tanto para a análise do italiano, quanto para a do espanhol, o padrão sentencial se mostrou atuante na presença de sujeitos plenos em LSNs. Também no PB, podemos observar um comportamento parecido, já que apenas o padrão II e I, nesta ordem, ainda se mostram significativos em relação aos demais, apesar da preferência pela expressão fonética do sujeito, o que sugere que a atuação dos padrões sentenciais atua de modo semelhante em LSNs e em LSNNs.

O padrão F, como esperado, apresentou o menor peso relativo (.34), visto que representa a primeira menção do sujeito pronominal. Fazendo um cruzamento entre esse fator e o de pessoa gramatical, verificamos que, dos 10 dados de sujeitos plenos (de um total de 36 dados do padrão F), 8 correspondem à primeira pessoa do singular, indicando a introdução de seu turno de fala, o que se encontra em consonância com Duranti & Ochs (1979), sobre a tendência a usar um pronome pleno ao nos introduzirmos em uma conversa.

4.2.1.3 A faixa etária do informante

A faixa etária do informante foi selecionada em terceiro lugar como grupo de fator mais relevante no favorecimento/desfavorecimento do preenchimento do sujeito pronominal. Também esse grupo apresentou relevância na análise do PB. Entretanto, há aqui diferenças marcantes entre PB e o italiano sub-*standard* médio. Observemos a tabela 18.

Faixa etária	Sujeitos Nulos	
	Ocorrência - %	P.R.
Faixa A (18 - 25 anos)	260/294 - 88%	.60
Faixa B (26 - 40 anos)	147/187 - 79%	.42
Faixa C (41 - 59 anos)	223/270 - 83%	.45
Total	630 / 751 - 84%	
Log likelihood= -300.989 Significance = .012 Input = .87		

Tabela 18: Distribuição de sujeitos nulos pelas faixas etárias

Como é possível notar, as duas faixas etárias mais velhas (B e C) apresentam os pesos relativos mais baixos (considerando que a diferença entre eles - .03 - não é significativa), mostrando-se mais favoráveis ao preenchimento da posição de sujeito. Por outro lado, a faixa etária mais jovem, com o peso relativo de .60, revelando uma diferença de pouco mais de .10, o limite para levar em conta a significância dos pesos, apresenta-se como a faixa que favorece ligeiramente o sujeito nulo em relação às demais. O exame dos percentuais reforça a grande semelhança no comportamento dos falantes da amostra.

Apesar de essa configuração poder estar ligada à distribuição irregular da amostra analisada, a hierarquia das faixas etárias vem confirmar a estabilidade do sistema italiano com relação à representação do sujeito pronominal: os resultados não sugerem nenhum tipo de mudança em curso, assim como foi comprovado para as duas variedades do espanhol (Soares da Silva, 2006) e para o PE (Duarte, 1995).

No caso do PB, a faixa etária mais jovem foi a que mais se mostrou expressiva na tendência de preencher o sujeito, seguida da faixa intermediária. Os mais velhos mostraram os índices mais baixos de preenchimento, o que nos leva a crer, dentro de um estudo de tempo aparente, que o PB parece realmente estar passando por um processo de mudança quanto à marcação do PSN.

4.2.1.4 Força ilocucionária da oração: declarativa x interrogativa

Em último lugar, foi selecionado o grupo em que estão distribuídas as orações declarativas e interrogativas. A tabela 19 abaixo ilustra as ocorrências e os percentuais, bem como os pesos relativos das orações declarativas e interrogativas (estas últimas exemplificadas abaixo).

Tipo de oração	Ocorrência - %	P.R.
Declarativas	537/647 - 83%	.47
(74) Interrogativas globais	51/60 - 85%	.60
(75) Interrogativas parciais	42/44 - 95%	.79
Total	630 / 751 - 84%	

Log likelihood= -298.199 Significance = .065 Input = .88

Tabela 19: Distribuição de sujeitos nulos: declarativas vs. interrogativas

(74) **Lei dà anche di testi di grammatica?** [MAX ifamcv27]

‘Ela dá também de textos de gramática?’

(75) **Dove ____ siete stati?** [ALE ifamcv15]

‘Onde (vocês) estavam?’

O que podemos dizer sobre a fala culta do italiano, observando a tabela 18, é uma interessante gradação: em um pólo, atuando como favorecedoras do preenchimento, estão as orações declarativas, como peso relativo mais baixo (.47). Em posição intermediária, temos as orações interrogativas globais (.60) e, por fim, em outro pólo, temos as orações interrogativas parciais, como o peso relativo mais alto (.79), tendendo a apresentarem menos sujeitos plenos.

Como apontado por Duarte (1995), as orações interrogativas no PE também foram apontadas como contexto menos suscetível ao preenchimento do sujeito. No espanhol de Madri, Soares da Silva (2006) mostra que as interrogativas parciais também aparecem como favorecedoras do sujeito nulo.

POR FIM...

Tendo em vista que outros grupos de fatores, como tipo sintático da oração, estrutura do CP, elementos entre IP e I, não foram selecionados na análise

estatística, como ocorreu no espanhol (Soares da Silva, 2006) - para as duas variedades ou para uma delas -, e sequer apresentaram percentuais que possam sugerir qualquer tipo de favorecimento da forma nula/plena do pronome sujeito, como ficou patente nas análises de PB e PE (Duarte, 1995), podemos notar que a representação do sujeito pronominal na fala culta italiana é a que apresenta comportamento mais estável, exibindo de modo mais prototípico as propriedades de LSNs. Assim, fica confirmada a proximidade do espanhol de Madri, o espanhol de Buenos Aires e o PE. Ou seja, na escala contínua em que as línguas estariam posicionadas quanto ao seu caráter [+/- *pro drop*], proposta por Soares da Silva (2006), o italiano entraria no pólo mais à direita possível, “empurrando” o PB ainda mais para o pólo mais à esquerda, como representamos abaixo na figura 2:

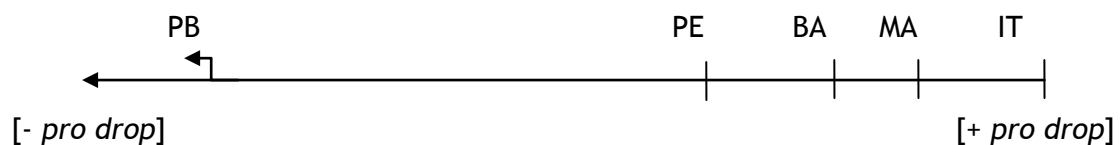


Figura 2: Escala contínua quanto ao caráter [+/- *pro drop*] das línguas - inclusão do italiano

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos recentes mostram que o português brasileiro (PB), ao contrário do que ocorre com o português europeu (PE) (Duarte 1995), está passando por um processo de mudança no que diz respeito à representação do sujeito pronominal. Assim, vem-se observando que no Brasil há uma preferência pela realização fonética do sujeito, em decorrência da redução do paradigma flexional do verbo, conforme hipótese de Duarte (1993, 1995, 2003), provocada por significativas mudanças no quadro pronominal (cf. entre outros Lopes 1999 e Lopes & Duarte 2003). Isso quer dizer que estamos diante de uma mudança na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN), dentro da perspectiva teórica gerativista (Chomsky 1981), isto é, o PB estaria passando de língua positivamente marcada para língua negativamente marcada em relação ao PSN.

Para embasar as afirmações feitas anteriormente, no sentido de classificar o comportamento do PB como atípico, no âmbito das línguas românicas de sujeito nulo, emergiram estudos contrastivos dentro de uma mesma perspectiva teórica. Assim, além do trabalho de Duarte (1995), que verificou uma expressiva preferência pelo preenchimento da posição de sujeito no PB ao contrário do que ocorre no PE, utilizando-se de pressupostos da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky 1981) e da Sociolinguística Variacionista (Weinreich, Labov & Herzog, 1968, 2006; Labov 1994), pode-se citar o trabalho de Soares da Silva (2006), que comparou os resultados de Duarte com o espanhol de Madrid e do Buenos Aires. Além disso, sobre a escrita oralizada do italiano *standard*, temos o trabalho de Alves Dias (2008) evidenciando ainda mais a distância entre o PB e as LSNs.

No sentido dar continuidade a esse estudo maior, a presente Dissertação pretendeu mostrar o comportamento de uma variedade oral do italiano *standard* - o italiano *sub-standard* médio (italiano oral culto), língua considerada prototipicamente de sujeito nulo, comparativamente com os resultados do PB, buscando verificar (1) como o italiano se comporta em relação à expressão dos sujeitos de referência definida; (2) como se dá essa distribuição em relação às três pessoas do discurso e (3) se os sujeitos expressos foneticamente estão de fato associados à ênfase ou ao contraste.

Para a realização deste trabalho, utilizou-se o quadro teórico da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov & Herzog, 1968, 2006; Labov 1994), que, além de propor as questões centrais à investigação da mudança, permite o estudo quantitativo do binômio sujeito nulo-sujeito pleno, a partir de variáveis lingüísticas e extra-lingüísticas, cuja atuação é mensurada através de programas estatísticos para a análise dos dados. Além disso, lançaremos mão das propriedades que caracterizam as línguas de sujeito nulo para levantar os fatores lingüísticos relevantes e para entender o fenômeno focalizado, dentro da perspectiva da Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981).

Para a obtenção dos dados para análise, utilizamos o conjunto de *corpora* C-ORAL-ROM, em que se encontram amostras de quatro línguas românicas européias (português, francês, italiano standard e espanhol). Nesse DVD, estão disponíveis vários tipos de amostra de fala, tanto formais quanto informais, em situações espontâneas ou situações de escrita oralizada, como é o caso de algumas amostras midiáticas. Do corpus de língua italiana, optamos por usar inquéritos do tipo ‘conversação’ informal familiar/privado, uma modalidade que nos pareceu retratar mais fidedignamente a fala espontânea, incluindo a fala do documentador, pois consideramos que, nas condições em que se encontra, na interação com muitas pessoas, em momentos de lazer, o monitoramento de sua fala seria menos provável.

Desse modo, a amostra que foi analisada no presente trabalho foi constituída de 12 inquéritos, com falantes homens e mulheres distribuídos em três faixas etárias, naturais da região médio-setentrional da península itálica. De fato, encontramos diferenças dialetais nos planos lexical, fonológico e morfológico, que não foram levadas em consideração no presente estudo. Contudo, foram encontradas estruturas sintáticas próprias do dialeto florentino (incluído na zona lingüística da Itália setentrional), os sujeitos clíticos, que mereceram uma atenção especial.

Depois de selecionados, os dados passaram por um tratamento estatístico, através do pacote de programas VARBRUL. Esse tratamento consiste em uma análise multivariada, em que se verifica a influência de vários fatores diferentes sobre uma determinada variável lingüística. Nosso objetivo, então, era verificar a relevância de certos contextos (lingüísticos e extra-lingüísticos) sobre o binômio sujeito nulo/sujeito pleno.

Os resultados mostram que, de fato, a variedade de italiano *standard* analisada se apresenta mais próxima do que se considera uma língua prototipicamente *pro drop*, no sentido de que, na comparação com PE, espanhol

madrileno e espanhol portenho, é a que exhibe as propriedades de LSNs mais fortemente.

Como esperado, tal como PE e espanhol, o italiano mostrou a predominância do apagamento do sujeito em todos os contextos analisados, com índices ainda mais altos que os encontrados para as outras duas línguas. Além disso, o tipo de inquérito utilizado nos permitiu perceber mais nitidamente que os sujeitos expressos na amostra exerciam algum tipo de função pragmático-discursiva, além da ênfase e do contraste.

O fato de não termos encontrado nenhum sujeito pleno com referente [-animado], assim como nas duas variedades do espanhol (Soares da Silva, 2006), além de demonstrar o status de LSN do italiano, reforça o comportamento levemente diverso, no âmbito das LSNs, que o PE (Duarte, 1995) apresenta, ao realizar foneticamente sujeitos pronominais de referência [-animada] e atesta o afastamento do PB, que prefere o pronome pleno na posição de sujeito, quer seja o referente [+/-animado]. A distância entre o italiano e o espanhol, nesse aspecto, tem relação com o fato de que, sujeitos com traço [+animado] no italiano apresentaram índices ainda mais altos de não-preenchimento que nas duas variedades do espanhol.

A análise de regra variável contribuiu para evidenciar a estabilidade de sistema italiano: foram selecionados apenas quatro grupos de fatores. Quanto à pessoa gramatical, fator também relevante nas análises dos PE (Duarte, 1995) e do espanhol (Soares da Silva, 2006), o italiano confirmou nossas expectativas: a primeira e a segunda pessoas mostraram-se mais suscetível ao preenchimento, enquanto a terceira se mostrou mais resistente, o que confirma a hierarquia referencial proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000).

O padrão sentencial, outro fator apontado como relevante na representação do sujeito pronominal no italiano, corroborou a estabilidade do sistema: nos casos em que o referente se encontra na oração anterior, na função de sujeito ou ainda exercendo outra função sintática, a tendência é a de que o pronome não se realiza foneticamente. Por outro lado, a presença de material interveniente (uma ou mais orações) entre o sujeito pronominal e seu referente favorece o aparecimento de pronomes plenos na posição de sujeito.

As orações interrogativas parciais se mostraram mais resistentes ao preenchimento, comparadas às interrogativas globais e às declarativas, estas exibindo maior tendência a expressão do sujeito pronominal, em consonância com os resultados de Soares da Silva (2006) para o espanhol madrileno.

A análise da faixa etária, embora tenha mostrado uma leve diferença entre os falantes mais jovens e os mais velhos, não sugeriu qualquer tipo de mudança em curso no italiano, bem como apontado no espanhol por Soares da Silva (2006), no sentido do preenchimento. Caso inverso é apresentado no PB (Duarte, 1995): podemos ver uma curva ascendente, rumo à expressão fonética do sujeito, dos falantes mais velhos (que já apresentam preferência pelo preenchimento) para os mais jovens, o que denuncia a mudança em curso já bastante acentuada.

Dessa maneira, o presente trabalho espera contribuir para ampliar os estudos sobre o comportamento do sujeito pronominal nas línguas de sujeito nulo, no tocante ao modo como as propriedades são exibidas por cada língua. Mostramos que, como já havia apontado Soares da Silva (2006), LSNs parecem constituir um “gradiente”, quanto ao seu status [+/- *pro drop*], o que nos possibilitou posicionar o italiano na escala contínua representada na figura 3, reproduzida abaixo:

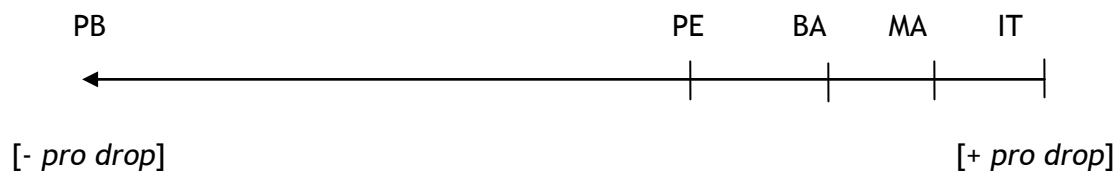


Figura 3: Escala contínua quanto ao caráter [+/- *pro drop*] das línguas - inclusão do italiano

Além disso, a análise dos sujeitos de referência definida na variedade oral culta do italiano, que revela características sintáticas dialetais, caso dos sujeitos clíticos, parece abrir novos horizontes. Estudos sobre o comportamento do sujeito pronominal de referência arbitrária na fala culta do italiano seriam de grande valia para ampliar as considerações feitas aqui. Por outro lado, como dissemos, o florentino moderno parece se comportar de modo diferente do que se diz sobre o italiano *standard* e do que se verificou em nossa análise sobre a variedade *sub-standard* médio. Assim, esperamos continuar os estudos sobre a representação do sujeito pronominal em outras variedades do italiano, de modo a verificar até que ponto as características do *standard* (LSN), na interação com o florentino (e com outros dialetos, têm supremacia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMBAR, M. *Para uma Sintaxe da Inversão Sujeito-Verbo em Português*, Tese de Doutorado. Lisboa: Univ. Lisboa, 1988. (publ. Ed. Colibri, Lisboa, 1992).

ASCOLI, G.I. "L'Italia dialettale", *Archivio Glottologico italiano*, 8, 1882-1885. p. 98-128.

BARBOSA, Pilar; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia & KATO, Mary Aizawa. "A distribuição do sujeito nulo no português europeu e no português brasileiro." In: *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa, 2001. P. 539-50.

_____. "Null Subjects in European and Brazilian Portuguese". In: *Journal of Portuguese Linguistics*, volume 4, n. 2. 2005. P. 11-52.

BELLETTI, Adriana. "Inversion as Focalization". In: HULK, A. and POLLOCK, J.Y. (eds.). *Subject Inversion in Romance and the Theory of Universal Grammar*. New York: Oxford University Press, 2001. P. 60-90.

BENINCÀ, P. "Sintassi". In: SOBRERO, A.A. *Introduzione all'italiano contemporaneo*. 8ª edizione. Roma: Laterza, 2005. P. 247 - 290.

BERLINCK, Rosane de A. "A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem". In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes, 1989. P. 95-112.

BERRETA, M. "Morfologia". In: SOBRERO, A.A. *Introduzione all'italiano contemporaneo*. 8ª edizione. Roma: Laterza, 2005. P. 193 - 245.

BERRUTO, G. *Sociolinguistica dell'italiano contemporaneo*. Roma: La nuova Italia scientifica, 1987.

BORER, Hagit. "Anaphoric AGR". In: JAEGGLI, Osvaldo & SAFIR, Kenneth J. (orgs.). *The null subject parameter*. Dordrecht: Kluwer, 1989. P. 69-110.

BRAVIN DOS SANTOS, Ângela Maria. *O sujeito anafórico de 3ª pessoa na fala culta carioca: um estudo em tempo real*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. FL/UFRJ, 2006.

CALABRESE, A. "Pronomina: some properties of the Italian pronominal system". In: FUKUI, N., RAPOPORT, T. & SAGEY, E. (orgs.). *MIT Working Papers in Linguistics*, 8. 1986. P. 1-46.

CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. 2ª edição (1982). Dordrecht: Foris, 1981.

_____. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. Nova Iorque: Praeger, 1986.

CRESTI, Emanuela & Massimo MONEGLIA (eds.). *C-ORAL-ROM - Integrated Reference Corpora for Spoken Romance Languages*. Studies in Corpus Linguistics, vol. 15. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005.

CYRINO, Sônia M. L. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Tese de Doutorado. UNICAMP, 1994.

_____, Sônia M. L.; DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia & KATO, Mary Aizawa. "Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese". In: KATO, Mary Aizawa & NEGRÃO, Esmeralda. V. (orgs.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-IberoAmericana, 2000. P. 55-73.

DUARTE, I. *A construção de topicalização na gramática do português: regência, ligação e condições sobre movimento*. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa, 1987.

DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. "A perda da ordem V(erbo) S(ujeito) em interrogativas qu- no português do Brasil". *DELTA* 8, n. especial. 1992. P. 37-52.

_____. "Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil". In: ROBERTS, Ian & KATO, Mary Aizawa (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993.

_____. *A perda do princípio "Evite Pronome" no português brasileiro*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1995.

_____. "Left-Dislocated Subjects and Parametric Change in Brazilian Portuguese". In: *Proceedings of the 16th International Congress of Linguists*. Paris: Syntax, 1998. CD-ROM.

_____. "Sociolingüística Paramétrica: Perspectivas". In: HORA, D. da & CHRISTIANO, E. (orgs.). *Estudos Lingüísticos: Realidade Brasileira*. João Pessoa: Idéia, 1999. P. 107-14.

_____. "A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos". In: PAIVA, Maria da Conceição & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

_____. "On the embedding of a syntactic change". In: *Language Variation in Europe: Papers from ICLaVE2*. Uppsala (Suécia): Universitetsstryckeriet, 2004. P. 145-55.

DARDANO, Maurizio & TRIFONE, Pietro. *A lingua italiana*. Bologna: Ed. Zanichelli, 2003.

DURANTI, A. & OCHS, E. "Left-dislocation in Italian conversation". In: GIVÓN, T. (org.). *Syntax and Semantics, vol. 12: Discourse and Syntax*. Nova Iorque: Academic Press, 1979. P. 377-415.

GARDNER, H. *Frames of mind: the theory of multiple intelligences*. New York: basic, 1983.

GALLI, S.R. Vocabolario del vernacolo fiorentino e del dialetto toscano. 2^a ed. 2008.

FIGUEIREDO SILVA, M. C. *La position sujet en portugais brésilien (dans les phrases finies et infinitives)*. Tese de Doutorado. Université de Genève, 1994.

FISCHER, J. L. "Social influences on the choice of a linguistic variant". *Word*, 14. 1958. P. 47-56.

FODOR, J. *The modularity of mind*. Mass : MIT Press Cambridge, 1983.

GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre a gramática do português*. Campinas: Ed. UNICAMP, 2001

GARDNER, H. *The mind's new science: a history of the cognitive revolution*. Nova Iorque: Basic Books, 1985.

GUY, Gregory R. & ZILLES, Ana. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HERMANN, M. E. "The ethnography of speaking". In: GLADWIN, T. & STURTEVANT, W. C. (orgs.). *Anthropology of human behavior*. Washington: Anthropological Society of Washington, 1929. P. 100-38.

HOUAISS, Antônio & VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HUANG, C. T. James. "On the distribution and reference of the empty categories". *Linguistic Inquiry*, 15. 1984. P. 531-74.

JAEGGLI, Osvaldo & SAFIR, Kenneth J. The Null Subject Parameter and Parametric Theory. In: _____ (orgs.) *The Null Subject Parameter*. Dordrecht: Kluwer, 1989. P. 1-44.

KATO, Mary Aizawa. "Os frutos de um projeto herético: parâmetros na variação". In: HORA, D. da & CHRISTIANO, E. (orgs.). *Estudos Lingüísticos: Realidade Brasileira*. João Pessoa: Idéia, 1999a. P. 95-106.

_____. "Strong pronouns, weak pronominals and the null subject parameter". *PROBUS* 11. 1999b. P. 1-37.

_____. "Preface". In: KATO, Mary Aizawa & NEGRÃO, E. V. (orgs.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2000a. P. 7-16.

_____. "The partial pro-drop nature and the restricted VS order in Brazilian Portuguese". In: KATO, Mary Aizawa & NEGRÃO, E. V. (orgs.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt/Madrid: Vervuert/Iberoamericana, 2000b. P. 223-58.

KATO, Mary Aizawa & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *A gramática do português brasileiro: aspectos diacrônicos e sincrônicos*. ABRALIN, 2003.

_____. *(Micro)parametric variation between European (EP) and Brazilian Portuguese (BP): similarities and differences related to ongoing changes in Latin American Spanish*. Comunicação apresentada no XIV Congresso Internacional da ALFAL. Monterrey (México), 2005.

KROCH, A. "Reflexes of grammar in patterns of language change". *Language Variation and Change*, 1, 1989. p. 199-244.

_____. Morphosyntactic variation. Ms. 1994.

LABOV, William. *Sociolinguistic patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAVANDERA, B. *Variación e significación*. Buenos Aires: Hachette, 1984.

LENNEBERG, E. *Biological foundations of language*. Nova Iorque: John Wiley & Sons, 1967.

LIGHTFOOT, David. *How to set parameters*. Cambridge: The MIT Press, 1991.

LOPES, Célia Regina dos Santos. *A inserção de 'a gente' no quadro pronominal do português*. Vol. 18. Frankfurt/Madri: Vervuert/Iberoamericana, 2003.

LOPES, Célia Regina dos Santos & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. "De Vossa Mercê a você: análise da pronominalização de nominais em peças brasileiras e portuguesas setecentistas e oitocentistas". In: BRANDÃO, S. & MOTA, M. A. (orgs.). *Análise Contrastiva de Variedades do Português: Primeiros Estudos*. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003. P. 61-76.

LOPES ROSSI, M. Aparecida G. "Estudo diacrônico sobre as interrogativas do português do Brasil". In: ROBERTS, Ian & KATO, M. Aizawa. (orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1993. P. 307-42.

MIRA MATEUS, Maria Helena & VILLALVA, Alina. *O essencial sobre linguística*. Lisboa: Caminho, 2006.

MOINO, Ruth E. L. *Passivas nos discursos oral e escrito*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 1987.

NARO, Anthony J. "Idade". In: MOLLICA, Maria Cecília (org). *Introdução à sociolinguística variacionista* (Cadernos didáticos UFRJ 4, 3 ed.). Rio de Janeiro: SR-1/UFRJ, 1996. P. 13-5.

NOVAES, Celso Vieira. *Representação mental de categorias vazias: o caso do sujeito nulo no português do Brasil*. Tese de Doutorado em Linguística. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1996.

NUNES, Jairo M. *O famigerado SE: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1990.

OLIVEIRA, Marilza de. "The pronominal subject in Italian and Brazilian Portuguese". In: KATO, Mary Aizawa & NEGRÃO, Esmeralda Vailati (orgs.). *Brazilian Portuguese and the null subject parameter*. Frankfurt: Vervuer/Madri: Iberoamericana, 2000.

PAGOTTO, Emílio G. *A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, 1992.

PAIVA, Maria da Conceição. "Sexo". In: MOLLICA, Maria Cecília (org). *Introdução à sociolinguística variacionista* (Cadernos didáticos UFRJ 4, 3 ed.). Rio de Janeiro: SR-1/UFRJ, 1996. P. 69-73.

PAREDES SILVA, Vera Lúcia. *Cartas cariocas: A variação do sujeito na escrita informal*. Tese de doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.

_____. "A relevância dos fatores internos". In: MOLLICA, Maria Cecília (org). *Introdução à sociolinguística variacionista* (Cadernos didáticos UFRJ 4, 3 ed.). Rio de Janeiro: SR-1/UFRJ, 1996. P. 33-7.

_____. "Motivações funcionais no uso do sujeito pronominal: uma análise em tempo real". In: PAIVA, M. da Conceição & DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia (orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa/Faperj, 2003. P. 97-114.

PINTZUK, S. *VARBRUL* programs. 1988.

RAMOS, Jânia. *Marcação de caso e mudança sintática no português do Brasil*. Tese de Doutorado. UNICAMP, 1992.

_____. "Sociolinguística paramétrica ou variação paramétrica?". In: HORA, D. da & CHRISTIANO, E. (orgs.) *Estudos Lingüísticos: Realidade Brasileira*. João Pessoa: Idéia, 1999. P. 83-94.

RAPOSO, Eduardo Paiva. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.

RENZI, L. e VANELLI, L., "I pronomi soggetto in alcune varietà romanze", In AA.VV. (a cura di), *Scritti in onore di G.B. Pellegrini*, Pisa: Pacini. 1983. P. 120-145.

RIBEIRO, Ilza M. de O. *A sintaxe da ordem no português arcaico: o efeito V2*. Tese de Doutorado. UNICAMP, 1995.

RIVERO, M. L. "On Left-Dislocation and topicalization in Spanish". In: *Linguistic Inquiry*, 2. 1980. P. 363-393.

RIZZI, Luigi. *Issues in Italian syntax*. Dordrecht: Foris, 1982.

_____. Null Objects in Italian and the Theory of pro. *Linguistic Inquiry*, 17, 5001 - 558. 1986.

_____. *The new comparative syntax: principles and parameters of universal grammar*. 1988.

_____. Residual Verb Second and the WH Criterion. *Technical Reports in Formal and Computational Linguistics*. Université de Genève, 1991.

ROBERTS, Ian. *Verbs and Diachronic Syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1993.

ROCHA, Priscila Nogueira da. A realização do sujeito pronominal na fala dos estudantes de italiano língua estrangeira. Dissertação de Mestrado. UFRJ. 2008.

ROHLFS, G. "L'Italia dialettale. Dal Piemonte alla Sicilia", *Nuovi argomenti*, vol I. 1967.p. 22-28.

SANTOS, D.R. A ordem V SN com verbos inacusativos. Dissertação de Mestrado. UFRJ. 2008.

SCHERRE, M. M. P. "A regra de concordância de número entre os elementos dos SNs". In: NARO, Anthony J. et alii. *Relatório final de pesquisa apresentado ao INEP*. Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1985.

_____. "Análise da estratificação social: concordância de número entre os elementos do sintagma nominal". In: NARO, Anthony J. et alii. *Relatório final de pesquisa: Projeto Subsídios Sociolinguísticos do Projeto Censo à Educação* (volume 1). Rio de Janeiro: UFRJ/Faculdade de Letras, 1986. P. 58-75.

SERIANNI, Luca. *Grammatica Italian: Italiano commune e lingua letteraria*. Torino: UTET Università, 2006.

SIMONE, R. “Stabilità e instabilità nei caratteri originali dell’italiano”. In: SOBRERO, A.A. *Introduzione all’italiano contemporaneo*. 8ª edizione. Roma: Laterza, 2005. P. 41 - 100.

SOARES DA SILVA, Humberto. O Parâmetro do Sujeito Nulo: confronto entre o português e o espanhol. Dissertação de mestrado. UFRJ, 2006.

TARALLO, F. Por uma sociolingüística românica “paramétrica”: fonologia e sintaxe. *Ensaios de Lingüística*, 1987. 13: 51-83

_____, Fernando & KATO, Mary A. “Harmonia trans-sistêmica: variação inter e intralingüística”. In: *Preedição* 5. Campinas: UNICAMP, 1989. P. 315-53.

TORIBIO, Almeida Jacqueline. “Dialectal variation in the licensing of null referential and expletive subjects”. In: PARODI, Claudia *et alii* (orgs.). *Aspects of romance linguistics*. Washington: Georgetown University Press, 1994.

VASCO, S. L. *Construções de tópico no português: as falas brasileira e portuguesa*. Dissertação de Mestrado. UFRJ, 1999.

VOTRE, Sebastião. “Escolaridade”. In: MOLLICA, Maria Cecília (org). *Introdução à sociolingüística variacionista* (Cadernos didáticos UFRJ 4, 3 ed.). Rio de Janeiro: SR-1/UFRJ, 1996. P. 75-79.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin. “Empirical foundations for a theory of language change”. In: LEHMAN, W. & MALKIEL, Y. (orgs.) *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 1968. P. 97-195.

WOLFRAN, W. *A sociolinguistic description of Detroit negro speech*. Washington: Center for Applied Linguistics, 1969.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)